

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

KETLIN LAIS SCHUCHARDT

**“EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES”: HISTÓRIAS, GÊNERO E
TEOLOGIAS**

São Leopoldo

2021

KETLIN LAIS SCHUCHARDT

**“EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES”: HISTÓRIAS, GÊNERO E
TEOLOGIAS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática
Linha de Pesquisa: Teologia
Contemporânea em Perspectiva Latino-
Americana.

Pessoa Orientadora: Dr. Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S384e Schuchardt, Ketlin Lais
"Em comunhão com as vidas das mulheres" : histórias,
gênero e teologias / Ketlin Lais Schuchardt ; orientador
Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG,
2021.

137 p. : il ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2021.

1. Teologia feminista. 2. Representações sociais. 3.
Identidade de gênero – Aspectos religiosos. 4. Luteranas. I.
Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

KETLIN LAÍS SCHUCHARDT

**“EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES”: HISTÓRIAS, GÊNERO E
TEOLOGIAS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática.

Data de Aprovação: 08 de março de 2021

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (Presidente)
Participação por webconferência

Prof.^a Dr.^a Marcia Blasi (EST)
Participação por webconferência

Prof.^a Dr.^a Edla Eggert (PUCRS)
Participação por webconferência

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação àquelas que me acolheram desde o início. Que me incentivam, encorajam e inspiram com palavras e ações. Que não me deixam desistir, que caminham comigo, que me motivam a contar, escrever histórias e fazer teologias. Dedico esse trabalho para minhas amadas Marcia Blasi e Marli Brun.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me fornecer coragem e inspiração.

Agradeço ao orientador Valério Guilherme Schaper, por sua dedicação e pelos saberes partilhados.

Agradeço ao meu pai Eliseu e minha mãe Dulci, por todo amor e auxílio prestado. Aos meus irmãos, Carlos e Cleiton, pelo apoio e companheirismo desde meus primeiros passos. À minha cunhada Adreane, por despertar a curiosidade e o amor pelos livros.

Agradeço à Faculdades EST e ao Programa de Gênero e Religião, pelos novos horizontes possibilitados. Em especial, a todas as pessoas com quem tive o privilégio de conviver e aprender nesses espaços.

Agradeço à IECLB e a todas as pessoas envolvidas com a realização da Campanha. De forma muito especial, a todas as mulheres que tiveram suas histórias de vida registradas.

Agradeço ao Douglas, pela paciência, pelo cuidado, amor e companheirismo.

Agradeço ao Eriksson, minha Lieblingsmensch, pela parceria, antes e durante o processo de escrita.

Agradeço à Marli, à Carolina, ao Mauro e à Daniéli pela revisão do texto.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro da bolsa de mestrado

Histórias de vida são pedaços de ruínas biográficas, fragmentos de conhecimento de caráter contraditório, porém, reconstruídos no sentido da totalidade, onde nada é descartado, todos os elementos são aproveitados, mesmo os secretos, os sem sentido, os inferiores, os vergonhosos.

Stela N Meneghel

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo investigar as narrativas de histórias de vida de mulheres luteranas, coletadas através da “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres”, atentando para as elaborações teológicas, as vivências de fé e os aspectos sociais que influenciam e marcam suas experiências, no intuito de realizar uma discussão sobre os desafios e possibilidades relacionados às mulheres na vivência do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes. Para isso, faz uso de referências bibliográficas da Teologia Feminista e de estudos sobre relações de gênero, bem como analisa e sistematiza o conteúdo da Campanha. O primeiro capítulo contextualiza a Campanha, seus impulsos, e se ocupa com a sua descrição metodológica. Além disso, descreve a metodologia utilizada pela autora para a sistematização das histórias e apresenta os temas e categorias que delas resultaram. O segundo capítulo reflete sobre os temas e categorias sociais identificados através da análise das histórias de vida, descreve a categoria gênero e o conceito de divisão sexual do trabalho que orientam essa pesquisa e reflete, a partir da análise dos dados quantitativos e qualitativos, sobre os desafios e possibilidades relacionados, especialmente, à escolarização e às funções e espaços assumidos por mulheres nas comunidades da IECLB. O terceiro capítulo aborda os temas e categorias teológicas. Inicia com a descrição de Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes que orienta essa pesquisa e, partindo dela, reflete sobre questões relacionadas à fé luterana e sobre ações concretas para as quais homens e mulheres são igualmente vocacionadas. Por fim, propõe uma discussão sobre empoderamento, na perspectiva de fomentar dinâmicas e relações que dissipem hierarquias e opressões e promovam justiça a partir do poder-serviço. A análise das narrativas de histórias de vida, desde uma perspectiva de gênero e feminista, desafia e oferece contribuições para a área da Teologia e para a Igreja. As experiências narradas confirmam haver dicotomias e diferentes formas de violência de gênero em relação à vivência do sacerdócio experienciado pelas mulheres na IECLB, resultado da bagagem histórica, religiosa e cultural de uma sociedade estruturada sob os moldes machistas, androcêntricos e patriarcais. Também apresenta contribuições na reflexão sobre a construção de uma sociedade justa e equitativa, na qual a Teologia e Igreja exercem papel fundamental.

Palavras-chave: Histórias de vida. Gênero. Teologia Feminista. Sacerdócio Geral.

ABSTRACT

This work aims to investigate the narratives of life stories of Lutheran women, collected through the "Campaign in Communion with the Lives of Women", paying attention to theological elaborations, the experiences of faith and the social aspects that influence and mark their experiences, in order to have a discussion about the challenges and possibilities related to women in the experience of the General Priesthood of all believers. For this, it makes use of bibliographical references from Feminist Theology and studies on gender relations, as well as analyzes and systematizes the content of the Campaign. The first chapter contextualizes the Campaign, its impulses, and deals with its methodological description. In addition, it describes the methodology used by the author to systematize the stories and presents the themes and categories that resulted from them. The second chapter reflects on the themes and social categories identified through the analysis of life stories, describes the gender category and the concept of sexual division of labor that guide this research and reflects, from the analysis of quantitative and qualitative data, on the challenges and possibilities related, especially, to schooling and the roles and spaces assumed by women in the IECLB communities. The third chapter deals with theological themes and categories. It begins with the description of the General Priesthood of all believers that guides this research and, based on it, reflects on issues related to the Lutheran faith and on concrete actions to which men and women are equally called. Finally, it proposes a discussion on empowerment, with a view to fostering dynamics and relationships that dissipate hierarchies and oppression and promote justice based on service-power. The analysis of life story narratives, from a gender and feminist perspective, challenges and offers contributions to the field of Theology and to the Church. The experiences narrated confirm that there are dichotomies and different forms of gender violence in relation to the experience of the priesthood experienced by women in the IECLB, a result of the historical, religious and cultural baggage of a society structured under sexist, androcentric and patriarchal molds. It also presents contributions to the reflection on the construction of a just and equitable society, in which Theology and Church play a fundamental role.

Keywords: Life stories. Gender. Feminist Theology. General Priesthood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Total de Pessoas Membros	31
Figura 2 – Pessoas Membros por Gênero	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Colunas da Tabela 1 – Informações Gerais	32
Quadro 2 – Colunas acrescentadas à Tabela 1 – Temas mais recorrentes.....	35
Quadro 3 – Categorias e Subcategorias dos Temas Sociais	36
Quadro 4 – Categorias e Subcategorias dos Temas Teológicos.....	37
Quadro 5 – Nível de escolaridade	50
Quadro 6 – Motivos para não estudar ou seguir estudando.....	50
Quadro 7 – Ensino vinculado à Igreja.....	54
Quadro 8 – Cargos e funções de liderança	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária	33
Gráfico 2 – Sínodos representados por área geográfica	34
Gráfico 3 – Contexto das experiências	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES E A SISTEMATIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS	23
2.1 CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES.....	23
2.1.1 Objetivos da Campanha.....	26
2.1.2 O que contar e como participar	28
2.2 A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DA CAMPANHA E OS TEMAS QUE DELA RESULTARAM.....	30
3 DICOTOMIAS E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA IECLB: UMA ANÁLISE DA CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES DESDE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO E FEMINISTA	39
3.1 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	39
3.2 RELAÇÕES ENTRE ESCOLARIZAÇÃO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	44
3.3 PROCESSOS DE FORMAÇÃO E ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DE MULHERES LUTERANAS: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DE HISTÓRIAS	49
4 MULHERES QUE CRIAM IGREJA E TEOLOGIAS: SACERDÓCIO QUE TESTEMUNHA FÉ, CUMPLICIDADE E DIACONIA	61
4.1 SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES.....	61
4.2 FÉ QUE CONVOCA E ANIMA PARA SERVIR	66
4.2.1 Diaconia: uma ação da fé	69
4.2.2 Compromisso e participação na Educação Cristã	73
4.3 CUMPLICIDADE E EMPODERAMENTO PARA SEGUIR SENDO IGREJA DE JESUS CRISTO NO MUNDO.....	76
4.3.1 Poder-serviço ao invés de servir ao poder	81
5 CONCLUSÃO	85

REFERÊNCIAS.....	89
ANEXO 1 – ROTEIRO DA CAMPANHA	105
APÊNDICE 1 – TABELA DE INFORMAÇÕES GERAIS.....	107
APÊNDICE 2 – TABELA DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS..	117

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar as elaborações teológicas, as vivências de fé e os aspectos sociais que influenciam as vidas das mulheres luteranas, tendo como ponto de partida as narrativas de histórias de vida de mulheres coletadas através da Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, não foi uma escolha neutra. Está entrelaçada com a minha história de vida, com as experiências que me formaram e, principalmente, como essas experiências foram determinando as maneiras como aprendi e reaprendi a imaginar e sentir Deus na minha vida e nas relações com as outras pessoas.

Foi a partir da teologia e hermenêutica feminista que aprendi a pensar em experiências como uma categoria teórica e a contrapor a ideia de objetividade científica e da existência de um sujeito universal. Passei a compreender as experiências como “um estado de conhecimento que nos acompanha sempre, que é de nossa condição humana e se aperfeiçoa e se modifica a partir das diferentes situações da vida”¹ e, por isso, são elas que “definem nossa percepção de Deus, de nós mesmas, das pessoas e do mundo à nossa volta.”²

A Teologia Feminista³ me foi apresentada em 2013, quando iniciei a graduação em Teologia na Faculdades EST. Para custear as despesas estudantis passei a trabalhar na casa da professora de Teologia Feminista, Marcia Blasi. No cotidiano, a partir das experiências, saberes e diálogos compartilhados, se deu meu primeiro contato com o feminismo, palavra até então inexistente no meu vocabulário. Um ano mais tarde, nas aulas de Teologia Feminista, conheci conceitos, bases teóricas e metodologias que marcariam profundamente minha formação teológica. Entre as experiências da sala de aula e da casa, fui dando-me conta das exclusões e

¹ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. *In: NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Org.). Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2015, p. 33. Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.*

² DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. *In: SOTER (Org.). Gênero e teologia. São Paulo; Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003, p. 175.*

³ É uma Teologia contextual que leva em conta a historicidade das situações de vida e o contexto histórico dos textos bíblicos e teológicos, tendo como ponto de partida a experiência das mulheres na busca por relações justas e equitativas de gênero. Veja: GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

violências que marcaram minha trajetória de vida por ser uma mulher, bem como da necessidade de pensar formas diferentes de (re)fazer teologias e de viver as relações. Marcia ajudou-me a perceber novos caminhos, novas possibilidades de seguir e passamos a caminhar juntas.

Em 2014 estabeleci vínculo com o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST⁴, doravante PGR, como bolsista de iniciação científica. A partir das reflexões e da dinâmica das relações do grupo, me apropriei de conceitos e metodologias e reafirmei a importância e necessidade de reflexões que considerem as especificidades das experiências humanas, sem fomentar hierarquias ou exclusões. Nesse mesmo ano, participei do ato de lançamento da “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres”, que ocorreu na sala principal do Espaço Diversidade, no campus da Faculdades EST. Animada com a proposta, escrevi e enviei minha história para participar da Campanha.

No ano seguinte, em 2015, o PGR fez uma parceria com o Sínodo Nordeste Gaúcho e realizou o curso: “Coletando histórias de vida – Como coletar e narrar histórias de vidas: subsídios metodológicos”.⁵ Nessa ocasião, eu ainda atuava junto ao PGR e tive a oportunidade de participar da elaboração e realização deste curso. O curso possibilitou diálogos e subsídios sobre como escrever a própria história e sobre como coletar e escrever a história de vida de outras mulheres das comunidades, no intuito de contribuir e incentivar mais mulheres para a participação na Campanha da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, doravante IECLB.

⁴ O Programa de Gênero e Religião é “[...] um espaço interinstitucional formado pelo conjunto de estruturas e ações que buscam oportunizar a reflexão e ação sobre questões de gênero e religião nos diversos setores, cursos e atividades na Faculdades EST e na relação com outras Instituições de Ensino, igrejas e religiões, movimentos sociais e organizações da sociedade civil, administrações e gestores e gestoras de políticas públicas [...] Desenvolve suas ações incorporando as teorias de gênero como instrumental de análise e crítica das desigualdades sociais, capaz de evidenciá-las nas relações cotidianas e nas formas de produção de conhecimento, e atuando como agente de transformação a partir do diálogo com diversos setores sociais tendo como meta maior a construção de relações sociais justas e igualitárias.” Veja em: FACULDADES EST. *Programa de Gênero e Religião*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/apresentacao>. Acesso em: 26 nov. 2020.

⁵ PORTAL LUTERANOS. *Curso “Como coletar e narrar histórias de vida: subsídios metodológicos”*, desenvolvido pelo Sínodo Nordeste Gaúcho. On-line, 18 jun. 2015. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/noticias/curso-como-coletar-e-narrar-historias-de-vida-subsidios-metodologicos-desenvolvido-pelo-sinodo-nordeste-gaucha>. Acesso em: 16 jul. 2019.

A Campanha motivou a criação da metodologia: “Café com Katharina”.⁶ Essa atividade foi organizada e promovida pelo PGR e assumiu a figura de Katharina von Bora como principal símbolo. A proposta intencionava trazer à tona a memória e os feitos de mulheres que participaram do Movimento da Reforma. Além disso, buscou incentivar mulheres contemporâneas a contarem e valorizarem suas próprias histórias e as histórias de outras mulheres, bem como “refletir e propulsar a discussão sobre a participação das mulheres na vida da Igreja e na produção teológica no contexto atual e futuro.”⁷

Como discente da graduação e integrante da equipe do PGR, tive o privilégio de experienciar a metodologia do “Café com Katharina” desde seus primeiros traços e ensaios. Através de autoapresentação pesquisei, escrevi e contei partes da história de Katharina von Bora e de outras mulheres reformadoras em diversos contextos e de diferentes jeitos. As apresentações me fizeram olhar, compreender e pensar sobre as experiências de mulheres, de forma especial aquelas que me foram ensinadas, desde criança, a não considerar importantes. Desse processo resultou a escrita de meu trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Teologia, cujo título é: “Mulheres, Teologias e Memórias: a experiência do Café com Katharina”.

O vínculo com o PGR me levou a participar do Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG)⁸, ainda enquanto estudante da graduação. Nesse grupo, tive contato com pesquisas e pesquisadoras que estudam e trabalham com histórias de vida de

⁶ O Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST em parceria com o Instituto Sustentabilidade América-Latina e Caribe organizaram e disponibilizaram um curso gratuito, de 10 horas, intitulado: “Mulheres na Reforma: ontem e hoje”. No curso estão descritas histórias de mulheres reformadoras, bem como a metodologia do Café com Katharina. Veja em: INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. *Mulheres na Reforma: ontem e hoje*. On-line. Disponível em: <http://sustentabilidad.est.edu.br/cursos/ver/id/16/#>. Acesso em: 28 jul. 2020.

⁷ BLASI, Marcia *et al.* Katharina von Bora: um monumento às Mulheres na Reforma: Ontem e Hoje!. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 3-24, 2017, p. 5. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3223>. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁸ “O Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), vinculado ao Programa de Pós-Graduação (PPG-EST) e cadastrado junto ao Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 1999, ocupa-se com o estudo das relações de gênero e suas implicações na construção das relações sociais, sob enfoque interdisciplinar. Com base nas teorias feministas, analisa a construção do saber, da subjetividade, das relações de poder, da interrelacionalidade e da produção acadêmica em sua correlação com o fazer teológico na interface com outras áreas de conhecimento. O NPG realiza reuniões mensais nas quais oportuniza o debate das pesquisas elaboradas por integrantes individuais e de pesquisas de abrangência coletiva. É responsável pela organização do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.” Veja em: FACULDADES EST. *Programa de Gênero e Religião: Núcleo de Pesquisa de Gênero – NPG*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/nucleo-de-pesquisa-de-genero>. Acesso em: 26 nov. 2020.

mulheres e compreendem que as “histórias de vida dão às mulheres a possibilidade de falarem sobre sua realidade, de compartilharem suas experiências”⁹. Na perspectiva feminista, poder contar a sua história “é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida.”¹⁰

Essas vivências me fizeram reler a história que escrevi para a Campanha em 2014, no início da graduação, e refletir sobre o que e porquê eu escolhi contar o que contei e o que não contei. A partir disso, ocupei-me também com as outras histórias e, enquanto lia, me identifiquei com muitas delas. Perguntei-me, então, sobre que aspectos aproximavam minha história às de outras mulheres luteranas: seriam teológico-diaconais, sociais? A que caminhos e descobertas me levariam a sistematização das histórias? Em meio às dúvidas e suspeitas, fui encorajada e incentivada por outras mulheres, que me ajudaram a perceber-me como uma pesquisadora. No final de 2018, nasceu o pré-projeto de pesquisa que resultou nessa dissertação.

Assim, a tríade histórias-gênero-teologias foi sendo formada durante o caminho de vida-pesquisa que fui percorrendo. Através dela, fui percebendo que os discursos teológicos que as mulheres reproduzem e elaboram estão intimamente relacionados às suas experiências de vida. O problema é que há diferentes aspectos, teológicos e sociais, – essa era uma suspeita da pesquisa – que são influenciados pela cultura e religiosidade androcêntrica e patriarcal¹¹ e que marcam profundamente essas experiências. As narrativas de histórias de vida das mulheres permitem identificar e refletir sobre algumas dessas influências e sobre as consequências que

⁹ DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 1, p. 7-16, 1996, p. 15. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/808/738. Acesso em: 3 jul. 2019.

¹⁰ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). *Processos Educativos No Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 18.

¹¹ “Patriarcado: Sistema de organização social que constrói relações institucionais e estruturais de dominação. Patriarcado, literalmente, concebe que o sistema social tem o pai (*pater famílias*) como centro de poder da família e da sociedade. Oportuniza, de modo geral, a estruturação e institucionalização das relações de dominação de homens sobre mulheres. Mulheres, crianças, e outros homens (hierarquicamente abaixo do pai) podem ser explorados e dominados pela figura masculina dominante. Cria, assim como o androcentrismo, uma série de relações dualistas e hierárquicas, que atribuem características e valorações positivas a aspectos da masculinidade estereotipada e negativas à feminilidade estereotipada.” Veja em: FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. *Política de Justiça de Gênero*. Porto Alegre: FLD, 2014, p. 29.

elas exercem sobre a vida, reflexão teológica e participação das mulheres na igreja – outra suspeita da pesquisa.

A pesquisa é desenvolvida a partir das histórias de vida documentadas e disponibilizadas pela IECLB, por meio da Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, e por materiais como livros e artigos científicos. Além disso, configura-se como uma pesquisa quali-quantitativa, cujos dados foram obtidos através da sistematização e tabulação das histórias. A isso, somam-se as minhas intuições e experiências, como uma mulher luterana que experimenta cotidianamente exclusões e divisões baseadas no gênero e que busca identificar, nomear e refletir sobre elas. O método de trabalho busca levar em consideração a multiplicidade de teorias e as particularidades das experiências, entendendo que, refletir a partir da experiência é possibilidade de pensar de outras maneiras, a partir de outros espaços e olhares.

O objetivo principal da pesquisa é investigar e analisar as narrativas coletadas na Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, desde uma perspectiva de gênero e feminista, para diagnosticar e compreender em que medida as narrativas evidenciam elementos teológicos e sociais que possibilitam e subsidiam a reflexão sobre a atuação e participação das mulheres na igreja. Especificamente, almejo investigar quais os espaços e cargos assumidos por mulheres na igreja, os seus processos, acessos e não acessos à escolarização e à educação continuada, bem como, se esse diagnóstico aponta para dicotomias de gênero e divisão sexual do trabalho na igreja.

Outro foco de interesse desta pesquisa é investigar, considerando a concepção eclesiológica do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes, os temas e elaborações teológicas que marcam, movimentam e acompanham a trajetória e reflexão das mulheres luteranas. Especificamente, busco identificar as definições de fé que motivam as mulheres, a que ações essa fé as impulsiona e quais os espaços e modos que as mulheres, majoritariamente, têm encontrado ou criado para vivenciar, anunciar e testemunhar dessa fé na qual creem e a partir da qual buscam orientar suas vidas.

No primeiro capítulo (Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres e a sistematização das histórias), apresento o contexto que antecede e motiva a criação e realização da Campanha. Em seguida, menciono seus objetivos, a metodologia e a que público a participação está destinada. Ainda neste capítulo, me

ocupo com a descrição da metodologia utilizada para a sistematização das histórias e apresento os temas e categorias sociais e teológicas que dela resultam, as quais servem de base para as reflexões realizadas nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo (Dicotomias e divisão sexual do trabalho na IECLB: uma análise da Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres desde uma perspectiva de gênero e feminista) descrevo a categoria gênero e o conceito de divisão sexual do trabalho que orientam essa pesquisa. A partir destas definições e dos dados referentes aos temas sociais identificados na sistematização das histórias (Divisão Sexual do Trabalho e Escolarização), desenvolvo uma reflexão sobre como esses temas estão relacionados entre si e sobre os desafios e as possibilidades que eles denotam para a vida das mulheres em relação a sua participação na IECLB.

Por fim, no terceiro capítulo (Mulheres que criam igreja e teologias: Sacerdócio que testemunha fé, cumplicidade e diaconia) exponho a compreensão de Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes que orienta essa pesquisa, a partir da qual se entende que o testemunho cristão perpassa todos os âmbitos da vida, requer, na perspectiva comunitária, participação de todas as pessoas e necessita valorizar as experiências. Tendo isso como pressuposto e subsidiada pelos dados qualitativos e quantitativos dos temas teológicos, desenvolvo uma reflexão que se ocupa com diferentes aspectos que definem as teologias e a igreja que vão sendo feitas e experimentadas pelas mulheres.

A Teologia, ao refletir a partir das experiências de mulheres luteranas, visibiliza reflexões teológicas e sociais feitas por e a partir das mulheres, mas que dizem respeito a todas as pessoas. Quando mulheres contam suas experiências, tornam visíveis as barreiras, os desafios, as belezas e conquistas que dizem respeito às suas experiências, mas que se misturam e carregam partes de muitas outras histórias. Esse emaranhado de conhecimentos, formado por histórias do passado e presente, convoca-nos a olhar e pensar o futuro, assumindo cada elemento, cada fragmento. Impulsionam a refletir e (re)escrever nossas próprias histórias, as histórias de nossas comunidades, re(pensar) as teologias. Cada história é única e valiosa. Ao contar e escrever nossas experiências fazemos memória, nos (trans)formamos e enxergamos parte de nós com e nos fragmentos de outras memórias. “Eu vejo você,

então por favor, não esconda a sua experiência de mim, porque ela tem uma influência profunda na minha própria experiência.”¹²

¹² MOYO, Fulata Lusungu. “Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações...” (Is 54:2): um relevante congresso sobre gênero e religião com uma perspectiva ecumênica, internacional e inter-religiosa. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Org.). *História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 262.

2 CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES E A SISTEMATIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS

Neste primeiro capítulo, contextualizo e apresento a “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres”. A campanha, desenvolvida no contexto de celebração pelos 500 anos da Reforma Protestante, integra um conjunto de iniciativas e ações que a IECLB tem desenvolvido com vista à transformação de dinâmicas e relações que tem causado sofrimento às pessoas, especialmente às mulheres. Para isso, a IECLB se compromete em refletir e discutir sobre temas como justiça de gênero e prevenção à violência doméstica contra as mulheres, bem como, através da Campanha, em coletar e dar visibilidade a histórias de vida que contam e refletem as práticas de fé de mulheres luteranas na Igreja e sociedade. Aqui, descrevo também a metodologia utilizada para a sistematização das histórias e apresento os temas e categorias que delas resultaram. Esses temas, sociais e teológicos, são condutores das reflexões desenvolvidas nos capítulos seguintes.

2.1 CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES

Na Teologia Feminista e na Ética Feminista, contar histórias é uma importante metodologia de teologização. Essa prática não só torna visível a experiência da contadora da história, uma mulher, mas também cria espaços para que a narrativa compartilhada se torne parte da história afirmada, que, por sua vez, se torna parte da história da comunidade. Na verdade, essa possibilidade empodera aquela que conta a história e aquela de quem a história é.¹³

Através da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias¹⁴, a IECLB busca articular e fomentar o trabalho com e junto a grupos de mulheres e de homens de suas comunidades, com vista à superação da desigualdade e de toda forma de violência baseada em gênero. Para isso, a IECLB tem assumido publicamente o compromisso com a discussão de temas que tocam profundamente a vida das mulheres, entre eles

¹³ MOYO, 2016, p. 261.

¹⁴ A Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias é um braço de atuação da Secretaria de Ação Comunitária, uma área específica que integra a Secretaria Geral da IECLB. Essa coordenação tem como atribuição articular diálogo, reflexão e iniciativas nas áreas de gênero, gerações e etnias com vistas a uma Igreja equitativa, inclusiva e missionária. Veja em: PORTAL LUTERANOS. *Trabalho com Mulheres e Coordenação de Gênero: motivação para oferta nacional – 22 de setembro de 2019 – 15º Domingo após Pentecoste*. On-line, 22 set. 2019. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/trabalho-com-mulheres-e-coordenacao-de-genero-49789>. Acesso em: 17 jan. 2021.

a superação da violência doméstica contra as mulheres e a fomentação de relações baseadas na justiça de gênero¹⁵. A “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres” resulta desse compromisso e integra o caminho que vem sendo construído e trilhado conjuntamente com outras igrejas cristãs pelo mundo.

A IECLB faz parte da Federação Luterana Mundial (FLM), uma comunhão de igrejas que confessam o Deus Triúno e proclamam a Palavra de Deus. Atualmente, a FLM congrega 148 igrejas-membro em 99 países ao redor do mundo.¹⁶ Em 2020 a FLM produziu um documento com objetivo de contribuir na superação da violência contra as mulheres, intitulado: “As igrejas dizem NÃO a violência contra a Mulher”¹⁷. Através de suas representações, todas as igrejas-membro participam desses processos de elaboração e aprovação dos documentos, o que significa que a IECLB assume pública e conjuntamente o compromisso de dizer não à violência.

Em 2005, esse documento foi publicado pela IECLB e amplamente distribuído nas comunidades para que fosse estudado e refletido. Daniéli Busanello Krob, ao mencioná-lo em sua tese de doutorado, destaca como aspectos positivos: o fato de o documento afirmar que a violência seja nomeada como pecado, de possuir uma didática que apresenta conceitos, mas também sugestões de medidas positivas que podem ser tomadas para combater a violência contra a mulher, e por trazer subsídios para envolver toda a comunidade de fé na discussão.¹⁸

Em anos posteriores à publicação do referido documento, outro marco da caminhada se deu com a elaboração e publicação de uma Política de Justiça de Gênero. Em 2013, o conselho da FLM aprovou a Política de Justiça de Gênero da

¹⁵ “A justiça de gênero se expressa por meio da igualdade e de relações equilibradas de poder entre mulheres e homens e da eliminação dos sistemas institucionais, culturais e interpessoais de privilégio e opressão que sustentam a discriminação.” FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Política de Justiça de Gênero*. Genebra: FLM, 2014, p. 7.

¹⁶ Informações retiradas do site oficial da Federação Luterana Mundial. Veja em: THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *Member Churches*. On-line. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/content/member-churches>. Acesso em: 21 nov. 2020.

¹⁷ SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: plano de ação para as igrejas*. Genebra: FLM, 2002; Porto Alegre: IECLB, 2005.

¹⁸ Veja em: KROB, Daniéli Busanello. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017, p. 107-109. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/765/1/krob_db_td158.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020. No terceiro capítulo da tese, Daniéli reúne e apresenta uma série de documentos e materiais que foram produzidos e que tem servido como subsídio para ministros e ministras da IECLB trabalharem o tema do enfrentamento à violência contra as mulheres e com a justiça de gênero. Sugiro a leitura para apropriação e conhecimento de mais ações que antecederam e motivaram o lançamento da Campanha de 2014.

comunhão, vindo a publicá-la em 2014.¹⁹ O objetivo desse documento é “oferecer políticas e ferramentas que contribuam para fomentar a justiça de gênero a fim de alcançar comunidade e igrejas inclusivas e sustentáveis.”²⁰

Nesse documento, a FLM reafirma seu compromisso de “ser inclusiva e possibilitar a participação plena e equitativa de mulheres e homens na vida da igreja e na sociedade, bem como em seus processos de tomada de decisões, atividades e programas.”²¹ Como parte dessa comunhão, a IECLB também se compromete com o documento, sendo a primeira igreja a fazer a tradução do mesmo para além das quatro línguas oficiais da FLM.

Os documentos mencionados convocam e motivam as igrejas-membro da FLM a observar e refletir sobre as realidades de seus contextos, estabelecer diálogos e reflexões teológicas e a realizar ações concretas para que todas as pessoas se comprometam e assumam o trabalho de prevenção e superação da violência e concretização da justiça de gênero. Para Daniéli Busanello Krob, “a Política de Justiça de Gênero da FLM foi pensada como instrumento de renovação no processo que se seguia em preparação aos quinhentos anos da Reforma Luterana no ano de 2017.”²²

Motivadas por essas reflexões, antes e durante o ano comemorativo, diferentes atividades ocuparam Igrejas e comunidades religiosas nos mais diversos contextos. Grupos comunitários, pesquisadoras e pesquisadores produziram e propuseram uma leitura crítica sobre o lugar e o papel das mulheres no Movimento da Reforma, sobre os acontecimentos que tiveram lugar no século XVI, bem como sobre seus impactos nos séculos seguintes.²³ “Nesse processo, nomes antes pouco conhecidos [...] passaram a fazer parte do cotidiano em estudos e publicações,

¹⁹ JUNGE, Martin. Política de Justiça de Gênero – Federação Luterana Mundial. *Portal Luteranos*, 1 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/politica-de-justica-de-genero-federacao-luterana-mundial>. Acesso em: 12 dez. 2020.

²⁰ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2014, p. 9.

²¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2014, p. 1.

²² KROB, 2017, p. 113.

²³ Em 2017 o Núcleo de Pesquisa de Gênero e o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST organizaram o V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, cuja reflexão se estruturou sob os eixos temáticos: Ecologia – Economia – Ecumenismo. O evento, organizado na perspectiva de celebrar os 500 anos da Reforma Protestante, convocou os a as participantes para refletir e dialogar, a partir das Teologias Feministas, sobre os impactos de Reforma e os desafios atuais. Textos, histórias, imagens e reflexões realizadas nesse evento resultaram em um livro. Veja em: BLASI, Marcia; BRUN, Marli; FONSECA, Marcela Sehn da. (Org.). *Ecologia, Economia, Ecumenismo: celebrando os 500 anos da Reforma: V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2018.

liturgias e pregações, atividades comunitárias diversas, materiais promocionais e peças de artesanato.”²⁴

Como parte desse movimento que integrou as celebrações pelos 500 anos da Reforma e que intencionou dar visibilidade e refletir sobre o lugar das mulheres na história, a IECLB lançou, no dia 7 de março de 2014, a “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres”.²⁵ A Campanha é desenvolvida pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB, em parceria com o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST e integra o Projeto “Mulheres em Movimento: de Wittenberg a Windhoek”²⁶, da Federação Luterana Mundial, que procura dar visibilidade às trajetórias de mulheres luteranas das diferentes igrejas membro dessa comunhão.²⁷

2.1.1 Objetivos da Campanha

A IECLB, ao descrever a Campanha, afirma seu desejo de resgatar e dar visibilidade à trajetória de vida de mulheres luteranas. Melhor seria dizer historiografar a trajetória das mulheres luteranas, pois como afirma Renate Gierus:

Resgatar e integrar são verbos que tendem a mostrar que as mulheres ou precisavam ser salvas de alguma situação (resgatar) ou que as mulheres haviam sumido do palco da vida e, conseqüentemente, da história (integrar). No entanto, a clara situação que se apresenta e sob a qual, em parte, se fundamenta a história tradicional, é a da invisibilidade e invisibilização das mulheres na história, ou seja, não precisamos resgatar ou integrar a mulher na história, pois a mulher não parou de agir e de viver em nenhum momento. É preciso, isto sim, historiografar suas experiências de vida, seus cotidianos. Escrever a história de mulheres torna-se a tarefa primordial de historiadoras feministas e da própria história de mulheres.²⁸

²⁴ BLASI *et al*, 2017, p. 4-5.

²⁵ FACULDADES EST. *IECLB lança campanha nacional “Em comunhão com as viDas das mulheres”*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/ieclb-lanca-a-campanha-nacional--em-comunhaocom-as-vidas-das-mulheres->. Acesso em: 16 jun. 2019.

²⁶ THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *Women on the Move: From Wittenberg to Windhoek Toolkit*. On-line. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/content/resource-women-move-wittenbergwindhoek-toolkit>. Acesso em: 16 jun. 2019.

²⁷ BLASI *et al*, 2017, p. 7.

²⁸ GIERUS, Renate. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006, p. 20. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/575/1/gierus_r_td59.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

Para Marcia Blasi e Marli Brun, o verbo resgatar na descrição da “Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres” está associado ao registro de uma história que já existe. Para elas, a IECLB tem se mostrado preocupada em historiografar histórias de mulheres através dos registros de narrativas autobiográficas. As autoras compreendem o texto bíblico de Marcos 14.1-9²⁹, base para a Campanha da IECLB, como palavra fundante da historiografia feminista, pois “implica em reconhecer a mulher como protagonista na história da salvação.”³⁰

Esse texto, utilizado pela IECLB como base para a Campanha Em Comunhão com as viDas das Mulheres, narra uma experiência dialógica que tem o poder teológico de romper com a ordem androcêntrica e patriarcal, que exclui e/ou relega a um segundo plano a práxis teológica das mulheres, impedindo-as de exercerem cargos e funções, com condições e possibilidades iguais aos homens.³¹

No vídeo de lançamento da Campanha, em 2014, o pastor presidente da IECLB, Pastor Dr. Nestor Paulo Friedrich, reforça a necessidade de “refletir sobre todas as situações nas quais a dignidade das mulheres é violada e quais os desafios que isso nos coloca enquanto Igreja.”³² Admite que, “embora possamos apontar muitas situações nas quais as mulheres conquistaram espaço e têm condições de viver mais plenamente a sua humanidade, sabemos que essas conquistas nem sempre são reais e nem sempre as beneficiam de fato.”³³ Diante disso, afirma que “é nosso papel enquanto Igreja dar testemunho público de que essas situações contrariam a Boa Nova de Jesus Cristo e os direitos humanos fundamentais”³⁴, bem como “olhar para nós mesmos e nós mesmas, para perceber de que forma nós, individualmente, em nossas comunidades ou como Igreja, contribuimos para que essas situações continuem assim.”³⁵

²⁹ O texto bíblico base para a Campanha é Marcos 14.1-9, sendo especialmente o verso 9 mencionado: “Em verdade vos digo que, em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para sua memória. BÍBLIA Sagrada Online. *Marcos 14.9*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/marcos_14_9/. Acesso em: 16 jun. 2019.

³⁰ BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Mulheres luteranas escrevem suas histórias de vida. In: BLASI, Marcia *et al* (org.). *Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018, p. 175.

³¹ BLASI, BRUN, 2018, p. 173-174.

³² VIDEO DA CAMPANHA Em comunhão com as viDas das mulheres. IECLB, YouTube, 7 mar. 2014, video on-line (6min20s), son. color., (1min17s-1min29s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=187&v=FOXm5SXCKos. Acesso em: 16 jul. 2019.

³³ VIDEO DA CAMPANHA Em comunhão com as viDas das mulheres, 7 mar. 2014, (1min39s-1min55s).

³⁴ VIDEO DA CAMPANHA Em comunhão com as viDas das mulheres, 7 mar. 2014, (2min29s-2min41s).

³⁵ IECLB, 2014, (2min44s-2min57s).

Portanto, a Campanha, que ainda segue coletando histórias, tem como objetivo dar visibilidade e registrar aspectos da vida das mulheres, seus feitos e ensinamentos, bem como historiografar as memórias e “as histórias de mulheres, que fizeram e fazem a história da Igreja, colocando suas vidas, seus dons e suas habilidades a serviço do Evangelho.”³⁶ É também espaço de reflexão e visibilização das injustiças sociais e de gênero que estão presentes nas diferentes igrejas, denominações religiosas e sociedade, que impedem ou dificultam que as mulheres vivam de forma saudável e assumam e exerçam com plenitude, dignidade e justiça suas vocações.

2.1.2 O que contar e como participar

Através dessa campanha, mulheres luteranas são convidadas a contar a sua história ou a história de grupos de mulheres, bem como as diferentes formas que elas atuam/atuaram e contribuem/contribuíram para a história da sua comunidade religiosa e sociedade. Esses registros vão tecendo a rede de protagonismo, força e conhecimento, mas também de dor, silenciamento e invisibilidade de mulheres luteranas.

Quando resgatamos as histórias de vida das mulheres luteranas, a história de nossas avós, mães, tias, irmãs, filhas, vizinhas, registramos o conhecimento e experiência dessas mulheres e o que elas têm a nos ensinar. É dar voz a quem, em muitas situações, e por um longo tempo, não teve voz. O objetivo desse projeto é coletar histórias de vida de mulheres e grupos de mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para dar visibilidade a suas formas de viver e participar na Igreja e na Sociedade, no passado e na atualidade, valorizando o papel das mulheres nesses espaços.³⁷

No intuito de auxiliar as comunidades e paróquias da IECLB no exercício de coletar as histórias e experiências das mulheres, organizou-se um roteiro básico sobre aspectos a serem contemplados nos relatos.³⁸ O roteiro contempla questões como, por exemplo, os aspectos que as mulheres consideram importantes na Comunidade, suas contribuições da vida de fé para a Igreja e sociedade, as atividades que elas

³⁶ STANGE, Rosângela; SOUZA, Mauro Batista de. Campanha “Em Comunhão com as vidas das mulheres”. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2014, on-line. Disponível em: www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-dasmulheres-28700. Acesso em: 16 jun. 2019.

³⁷ STANGE; SOUZA, 24 jun. 2014, on-line.

³⁸ Veja o Anexo 1 – Roteiro da Campanha, p. 99.

participaram ou participam, as coisas que já fizeram, fazem ou gostariam de fazer, bem como as coisas que mudariam ou fariam diferente. Além desses aspectos, é imprescindível nomear a mulher a quem pertence a história, informar a idade, local onde mora, Comunidade, Paróquia e Sínodo ao qual pertence e o tempo de participação na IECLB.

Para incentivar a coleta e o registro das histórias das mulheres, o PGR, em parceria com o Sínodo Nordeste Gaúcho, realizou em 2015 o curso “Coletando histórias de vida – Como coletar e narrar histórias de vidas: subsídios metodológicos”. As pessoas participantes do curso escreveram sua própria história, compartilharam as experiências adquiridas no exercício de coletar, ouvir e escrever histórias e receberam a incumbência de coletar mais histórias para serem publicadas e integradas à Campanha.³⁹

Sobre as formas de participação, há diversidade e criatividade. Exemplo disso é o projeto “Histórias de Vidas Bordadas”⁴⁰, desenvolvido pela Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias de Ivoti, Programa Lazer Unindo Gerações da Prefeitura Municipal de Ivoti e o PGR. Em 2015, o Projeto motivou mulheres a registrarem de forma artística suas histórias de vida, incentivando-as a dar visibilidade a aspectos de sua espiritualidade. Através desse projeto, oito mulheres participaram da Campanha narrando e bordando alguns fatos de suas histórias de vida, entendendo que,

[...] quando as mulheres contam suas histórias, elas ordenam o caos com as palavras. E depois transformam as palavras em textos, desenhos e bordados... Os desenhos bordados são bordados de palavras... Palavras delas... [...] assim como no relato bíblico da criação, palavras ordenam o caos, transformando-o em histórias de vida contadas, bordadas. No encontro do caos com a palavra, o universo é bordado.⁴¹

Cada mulher é convidada a contar ou escrever a sua história do jeito que se sentir mais à vontade. A partir de texto escrito ou de gravações em vídeo ou áudio, as narrativas devem ser enviadas aos cuidados da Coordenação de gênero, gerações e etnias da IECLB, juntamente com uma fotografia e o termo de autorização para uso e divulgação das mesmas. Essas narrativas “podem ser escritas ou gravadas pela

³⁹ PORTAL LUTERANOS, 18 jun. 2015, on-line.

⁴⁰ BRUN, Marli (Org.). *Vidas Bordadas*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. E-book. Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livrosdigitais/Vidas_Bordadas_Ebook.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁴¹ BLASI, BRUN, 2018, p. 170.

própria pessoa, por uma pessoa familiar ou por uma pessoa ou grupo da comunidade.”⁴²

Inúmeras histórias já se encontram publicadas no site oficial da IECLB.⁴³ São histórias de mulheres luteranas de diferentes faixas etárias e que atuam em diferentes contextos. Elas representam a diversidade das comunidades e paróquias dos 18 sínodos que compõem geograficamente a IECLB.⁴⁴ Entre tantas realidades distintas, a Campanha indica a necessidade de ouvir, compreender, respeitar e visibilizar as vidas e histórias das mulheres e quer refletir para a construção de uma caminhada conjunta em prol de vida justa e digna para todas as pessoas. Todas as mulheres luteranas são convidadas a participar. “Todas são importantes!”⁴⁵

2.2 A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DA CAMPANHA E OS TEMAS QUE DELA RESULTARAM

Para a realização dessa pesquisa, ocupo-me com 116 histórias⁴⁶, publicadas entre os anos de 2014 e 2019 (ano do início da Campanha ao ano de início da

⁴² MILBRATZ, Pamela. *Histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João*: partes inspiradoras de um mosaico de protagonismo e fé. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017, p. 55. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/870/1/milbratz_p_tmp561.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

⁴³ PORTAL LUTERANOS. *Em Comunhão com as Vidas das mulheres*: histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB. On-line, 16 jun. 2016. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 16 jun. 2019.

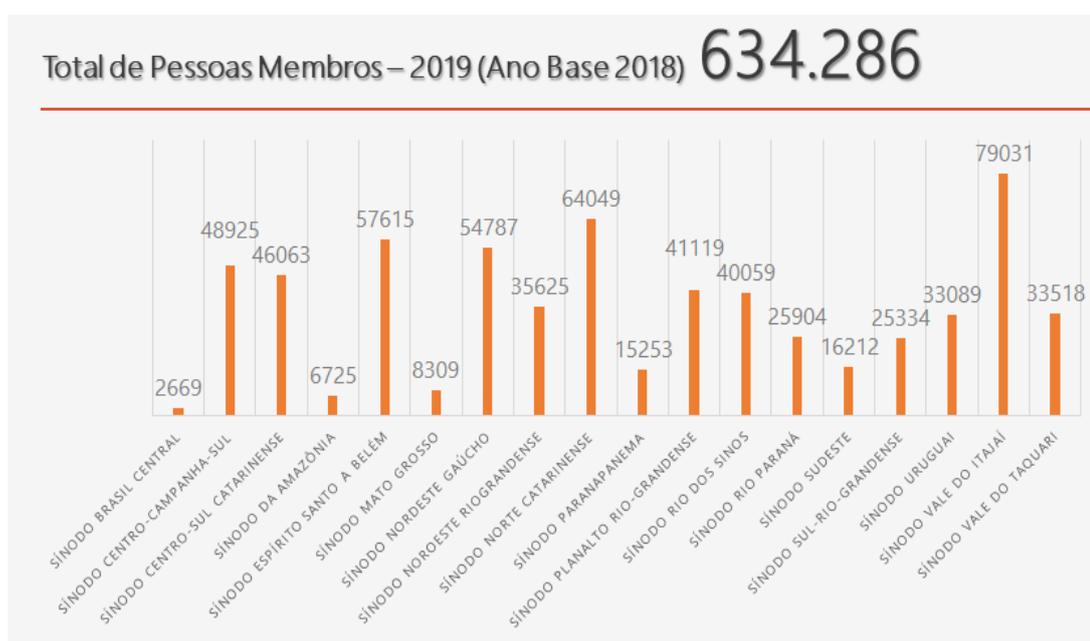
⁴⁴ A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil reconhece, segundo sua Constituição, por Comunidade: a menor unidade orgânica e a base de trabalho da IECLB, na qual congregam os membros da Igreja em torno de um centro comum de culto, pregação e celebração dos sacramentos. Paróquias: são duas ou mais Comunidades de uma mesma área, em que atuam um ou mais ministros ou ministras habilitadas pela IECLB com o fim de coordenar o trabalho eclesiástico, mantendo arquivo e registro das ocorrências. Sínodos: são formados pelo conjunto de Comunidades e Paróquias de determinada área geográfica, competindo-lhes, entre outras coisas, a tarefa de planejar e dinamizar o trabalho eclesiástico em sua área. São reconhecidos 18 Sínodos na IECLB: Amazônia, Brasil Central, Centro-Campanha-Sul, Centro-Sul Catarinense, Espírito Santo a Belém, Mato Grosso, Nordeste Gaúcho, Noroeste Riograndense, Norte Catarinense, Paranapanema, Planalto Rio-grandense, Rio dos Sinos, Rio Paraná, Sudeste, Sul-Rio-Grandense, Uruguai, Vale do Itajaí e Vale do Taquari. Veja em: PORTAL LUTERANOS. *Constituição da IECLB*: suporte normativo. On-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁵ STANGE; SOUZA, 24 jun. 2014, on-line.

⁴⁶ Nem todas as histórias publicadas no site “Portal Luteranos” oferecem a informação sobre quem as escreveu. Em algumas delas, a partir da leitura, pode-se perceber que não foi a própria pessoa que registrou, mas também não foi possível identificar quem o fez. Por conta disso, optei em adotar um “padrão” ao referenciá-las. Contudo, a identificação da autoria das histórias está representada no Anexo 2 – Tabela de Informações Gerais, p. 101.

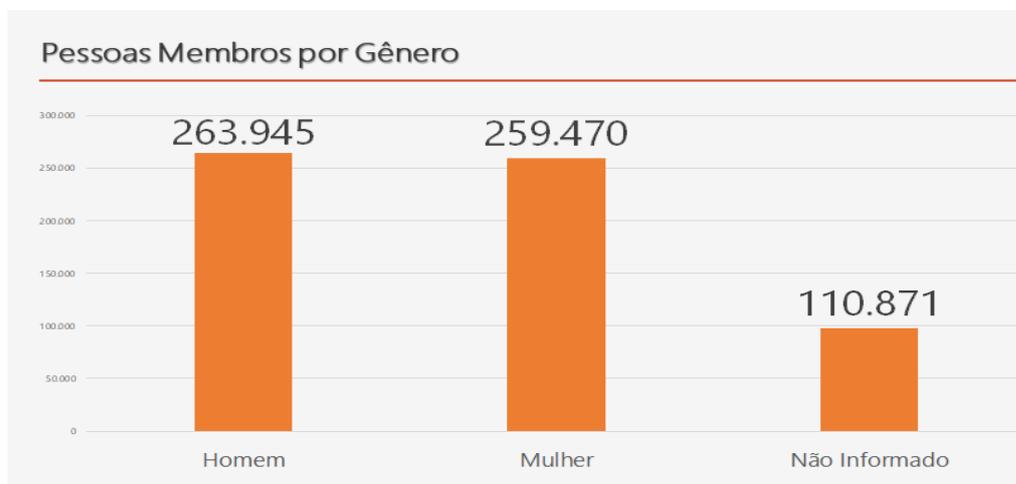
pesquisa), optando por contemplar apenas as histórias individuais, por serem elas a maioria. De acordo com os dados estatísticos de 2019⁴⁷, a IECLB conta com aproximadamente 634.286 pessoas membros, sendo que destas, 263.945 se identificam como homens, 259.470 como mulheres e 110.871 optaram por não informar. Desse modo, constato que as histórias publicadas até o ano de 2019 representam menos de 0,1% da diversidade de mulheres que compõem a IECLB. Veja abaixo os gráficos criados e disponibilizados pela IECLB.

Figura 1 – Total de Pessoas Membros



Fonte: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

⁴⁷ As informações sobre os dados estatísticos da IECLB correspondentes ao ano de 2019 foram disponibilizadas pela Secretaria de Missão da IECLB através do contato: missaoglobal@ieclb.org.br. Estes dados não estão disponíveis ao público e seu uso e divulgação foram autorizados apenas para fins acadêmicos dessa pesquisa.

Figura 2 – Pessoas Membros por Gênero

Fonte: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

No intuito de identificar os temas mais recorrentes na fala das mulheres, li as histórias repetidas vezes, tendo em vista à criação de uma sistematização em categorias. Considerando o roteiro criado pela IECLB, num primeiro momento, elaborei a Tabela 1 – Informações Gerais, contendo as colunas: *nome da participante*, *data da publicação*, *idade*, *sínodo*, *contexto das experiências narradas* e *responsável pela coleta da história*, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Colunas da Tabela 1 – Informações Gerais

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto das experiências narradas	Responsável pela coleta da história
----------------------	--------------------	-------	--------	------------------------------------	-------------------------------------

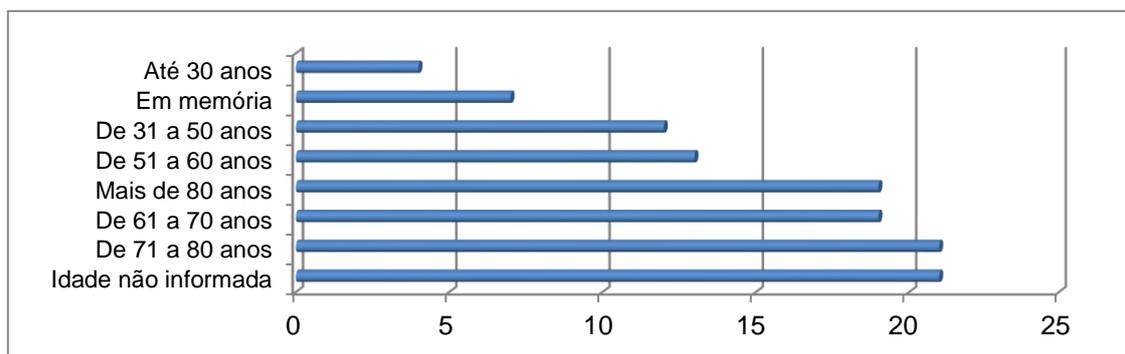
Fonte: Elaborado pela autora.

Na coluna *nome da participante* faço o registro do nome da pessoa a quem pertence a história. Em *data da publicação* menciono a data em que a história foi publicada no site da IECLB. A coluna *idade* corresponde à idade da participante ou, quando se trata da história de alguém que já faleceu, conta com a descrição: em memória. Na coluna *Sínodo*, contemplo a informação sobre a área geográfica representada. *Contexto das experiências narradas* é a coluna na qual especifico, quando possível, se as experiências narradas se dão em contexto rural, urbano ou

ambos.⁴⁸ Na coluna *responsável pela coleta da história*, registro se a história foi escrita pela pessoa participante ou se foi coletada e/ou redigida por outra(s) pessoa(s).

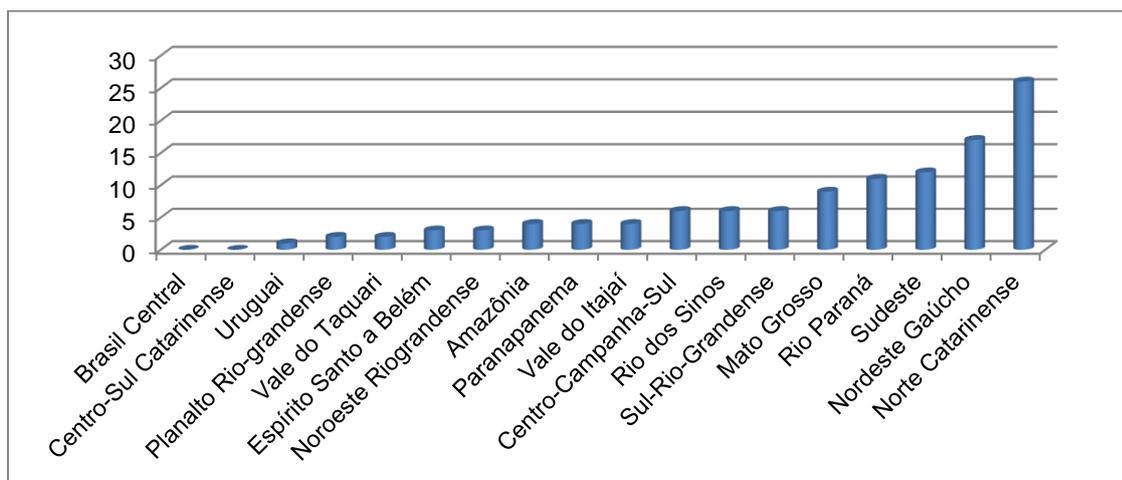
Esse primeiro quadro oferece um perfil das mulheres que compõem a maioria das narrativas da Campanha. São elas, majoritariamente, mulheres com mais de 60 anos, geograficamente localizadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil e com um número significativo de experiências marcadas pelo aspecto da ruralidade, seja relacionado a determinadas fases da vida como, por exemplo, a infância, juventude, após o casamento, ou a toda trajetória relatada. Esse perfil não representa a totalidade e diversidade das histórias e não deve ser generalizado, mas compreendo ser importante e necessário considerá-lo, uma vez que o que determina os temas discutidos nessa pesquisa é sua prevalência nas histórias de vida narradas por essas mulheres. Confira a distribuição das histórias em faixa etária, região geográfica e contexto social nos gráficos 1 a 3.

Gráfico 1 – Faixa Etária

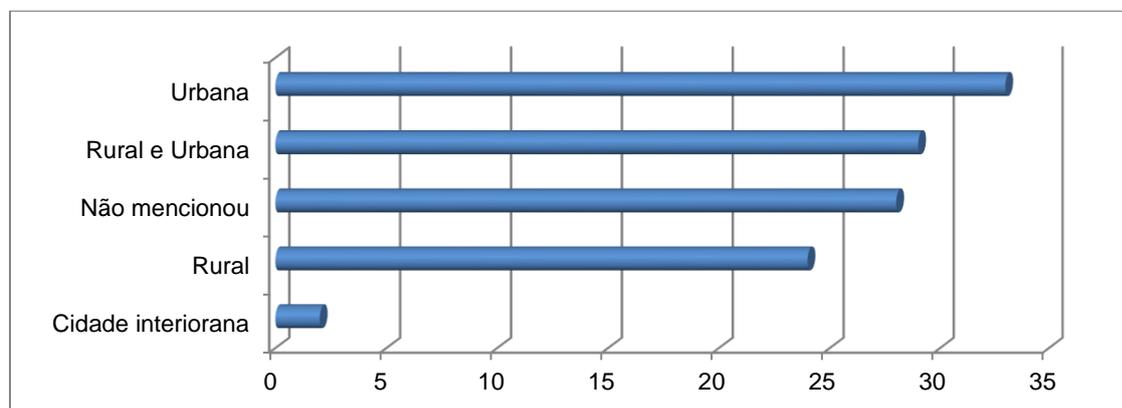


Fonte: Elaborado pela autora.

⁴⁸ A IECLB é uma igreja oriunda do processo de imigração que se deu a partir dos anos de 1822/24, especialmente de alemães e suíços, que formaram as primeiras colônias e comunidades que posteriormente originaram a IECLB da forma como se organiza hoje. Essas colônias são descritas como vilas étnicas e religiosamente homogêneas, nas quais se buscou conservar língua e tradições da terra natal. Essas áreas eram geograficamente isoladas, distantes das grandes cidades, e mantinham economias domésticas. As transformações econômicas e políticas que marcaram o Brasil, especialmente na década de 70, modificaram as estruturas dessas vilas camponesas e forçaram processos migratórios internos e o deslocamento de pessoas dessas comunidades étnicas para os centros urbanos. Ainda assim, em 2012, se constatou um forte perfil agrário da IECLB, marcado especialmente pela agricultura familiar. Veja: ZIMMER, Miriam Andrea. *Assimilação e organização religiosa: como as igrejas étnicas lidam com a assimilação (estrutural) de seus membros, tendo como base o exemplo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Blumenau: Otto Kuhr, 2014, p. 72-100. Veja também: FRESTON, Paul. Dilemas de Naturalização do Protestantismo Étnico: A Igreja Luterana no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 61-73, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23628>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Gráfico 2 – Sínodos representados por área geográfica

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3 – Contexto das experiências

Fonte: Elaborado pela autora.

Na análise de conteúdo, por vezes, é necessário definir unidades de registro “para garantir maior relevância, maior significado e maior consistência daquilo que é realmente importante destacar e aprofundar no estudo em questão.”⁴⁹ Nesse intuito, busco identificar nas histórias os temas mencionados com mais frequência em relação a outros temas.⁵⁰ Na definição de Maria L. P. B. Franco, “tema é uma asserção sobre

⁴⁹ FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editorial, 2003, p. 46.

⁵⁰ Seguindo a proposta de análise de conteúdo de Laurence Bardin, foi considerada a prevalência de histórias que continham as mesmas palavras. Assim, as palavras que apareciam com mais frequência foram selecionadas para a categorização. Por exemplo, todas as histórias que continham as palavras escola, estudar, aprender ou sinônimos delas, foram inseridas na mesma categoria: Escolarização. Dessa forma, as regras de enumeração foram analisadas pela frequência de palavras (temas). As categorias, por sua vez, reúnem um grupo de elementos, como as unidades de registro (palavras) e foram definidas seguindo os seguintes princípios de categorização: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Assim foram definidas categorias que pudessem abranger todas as histórias. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 117, 119-121.

determinado assunto. Pode ser uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo.”⁵¹ Tendo isso como pressuposto, preencho a tabela de acordo com a prevalência dos temas presentes nas histórias de vida, o que resulta no acréscimo das colunas: *atividades que participa/participou, cargos desempenhados, escolarização, participação na educação cristã e Diaconia*, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Colunas acrescentadas à Tabela 1 – Temas mais recorrentes

TEMA	Atividades que participa ou participou	Cargos desempenhados	Escolarização	Diaconia	Participação na educação cristã
OCORRÊNCIA	112	83	64	62	48

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa tabela é possível contabilizar o número de histórias que correspondem a cada tema. No roteiro disponibilizado pela IECLB, sugere-se que as mulheres contem sobre as atividades que participaram ou participam, bem como sobre as contribuições da vida de fé para a Igreja e a sociedade. Isso explica o significativo número de histórias que registram esses temas (112 referem-se às atividades e 83 aos cargos por elas desempenhados). O terceiro tema mais recorrente está relacionado às experiências de escolarização ou educação continuada (66 narrativas), seguido pelos relatos sobre ações diaconais (62 histórias) e pelo tema da participação na educação cristã⁵² (48 histórias).

Considerando a pergunta dessa pesquisa, subdivido a Tabela 1 a partir da criação de novas categorias. Isso me possibilita abranger todas as histórias e reunir os seus temas comuns. Essas categorias são resultado de um longo processo de idas e vindas ao material de análise. Elas são criadas a partir da fala das mulheres e, a

⁵¹ FRANCO, 2003, p. 36.

⁵² Entende-se por educação cristã o “processo pessoal e comunitário de aprendizagem dos conteúdos da fé. Ela acontece na família e na comunidade e reflete-se nas ações e atitudes do dia a dia, que é a vivência cristã no mundo. A educação cristã não acontece de uma só vez, mas vai sendo construída e compreendida conforme as perguntas e preocupações de cada fase da vida, de forma contínua e permanente.” IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Plano de Educação Cristã Continuada da IECLB – (PECC)*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011, p. 22.

partir de minhas suspeitas enquanto pesquisadora, vão sendo lapidadas para serem interpretadas.⁵³ Com elas, é possível observar separadamente quantas e quais histórias tratam sobre cada tema, que possibilidades de reflexão oferecem e como podem ser agrupadas e organizadas. Após revisão para testar se todas as histórias estão contempladas, opto pela criação de duas categorias sociais (Divisão Sexual do Trabalho e Escolarização) e uma categoria teológica (Sacerdócio Geral).

No tocante aos temas sociais, escolho refletir sobre Divisão Sexual do Trabalho e sobre os processos e acesso das mulheres à Escolarização. Para contemplar essas duas categorias uso a Tabela 1.1 – Divisão Sexual do Trabalho e a Tabela 1.2 – Escolarização, bem como subcategorias que possibilitam a coleta de dados quantitativos e qualitativos que subsidiam a reflexão que segue no capítulo 2, conforme Quadro 3:

Quadro 3 – Categorias e Subcategorias dos Temas Sociais

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	Cargos de liderança na OASE
	Cargos de liderança na Comunidade/Paróquia/Sínodo
ESCOLARIZAÇÃO	Nível de escolaridade
	Formação vinculada à Igreja
	Motivo para não estudar

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 1.1 – Divisão Sexual do Trabalho agrupo as histórias que fazem menção às atividades desempenhadas e os cargos assumidos pelas mulheres. A partir dela, identifico e reflito se na igreja há situações de divisão de espaços e tarefas baseadas no gênero. Na coluna *cargos de liderança na OASE*⁵⁴ identifico os cargos

⁵³ FRANCO, 2003, p. 53-54.

⁵⁴ A Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE é reconhecida como o primeiro espaço público de atuação das mulheres teuto-brasileiras em solo brasileiro. O primeiro grupo de OASE no Brasil, mesmo ainda não sendo assim nominado, foi fundado na cidade de Rio Claro/SP, no ano de 1899 e a denominação OASE, reconhecida como identidade comum dos grupos, foi assumida no ano de 1949, sendo posteriormente reconhecido como importante setor de trabalho da IECLB. Veja: GIERUS, 2006, p. 116. Veja: BAESKE, Sibyla (Org.). *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 19-20. Veja: DREHER, Scheila dos Santos. *O pontinho da balança: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-

que mulheres relatam assumir especificamente no grupo da OASE, e na coluna *cargos de liderança na Comunidade/Paróquia/Sínodo* identifico os cargos e funções que mulheres relatam assumir em outros espaços e grupos no âmbito da Comunidade, Paróquia ou Sínodo.

De semelhante modo, a Tabela 1.2 – Escolarização eu preencho com as histórias que contêm dados inerentes aos processos, acessos e não acessos das mulheres à escolarização e educação continuada. Na coluna *nível de escolaridade*, quando por elas mencionado, faço o registro desse dado. Na coluna *formação vinculada à Igreja* registro as situações em que as possibilidades de estudo e formação estão relacionadas com instituições ou pessoas vinculadas à igreja, como escolas comunitárias, Faculdade de Teologia, o Hospital Moinhos de Vento, a Casa Matriz de Diaconisas ou outros espaços. Em *motivos para não estudar* menciono as causas pelas quais as mulheres relatam não terem tido a possibilidade de estudar ou de dar continuidade aos estudos.

Em relação ao tema teológico opto em agrupar os diferentes temas identificados como predominantes nas narrativas, ou seja, participação na Educação Cristã, mulher que ajuda mulher e Diaconia em uma única categoria teológica: Sacerdócio Geral, convertendo-os em subcategorias que possibilitam a coleta de dados quantitativos e qualitativos que subsidiam a reflexão do capítulo 3, conforme quadro 4:

Quadro 4 – Categorias e Subcategorias dos Temas Teológicos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
SACEDÓCIO GERAL	Participação na Educação Cristã
	Mulher que ajuda mulher
	Diaconia

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 1.3 – Sacerdócio Geral agrupo as histórias que contemplam diferentes aspectos da teologia, espiritualidade e do agir de mulheres luteranas. A tabela é composta pelas colunas *participação na Educação Cristã*, *mulher que ajuda*

mulher e Diaconia. Na primeira coluna, *participação na Educação Cristã*, coloco os relatos que mencionam mulheres como aquelas que ensinam e influenciam na formação teológica e participação religiosa de seus familiares ou de outras pessoas, nas diferentes atividades comunitárias. Na coluna *mulher que ajuda mulher* reúno relatos de mulheres que se amparam e ajudam para poder participar de atividades, acessar espaços e assumir cargos e funções na igreja. São narrativas de mulheres que mencionam outras mulheres como responsáveis, motivadoras ou parceiras para a participação na igreja, na inicialização da caminhada de fé ou como exemplo e cumplicidade na realização de sonhos. Por fim, na coluna *Diaconia* identifico as diferentes ações diaconais que as mulheres relatam desenvolver ou estar envolvidas nas comunidades.

Dessa forma, realizo a definição dos temas e das categorias que abrangem todas as 116 histórias que compõem essa pesquisa, podendo assim analisa-los de forma quantitativa e qualitativa, complementarmente. A sistematização das histórias possibilita extrair significações essenciais da mensagem⁵⁵ que, subsidiadas por referenciais teóricos e bibliográficos feministas, evidenciam e possibilitam reflexões sobre as elaborações teológicas, as vivências de fé e aspectos sociais que influenciam a vida das mulheres na vivência cotidiana do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes.

⁵⁵ LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999, p. 225.

3 DICOTOMIAS E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA IECLB: UMA ANÁLISE DA CAMPANHA EM COMUNHÃO COM AS VIDAS DAS MULHERES DESDE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO E FEMINISTA

Neste capítulo apresento uma reflexão sobre os temas e categorias sociais identificados através da análise das histórias de vida, com o intuito de refletir sobre influências que eles exercem sobre a vida e participação das mulheres na Igreja. Para isso, inicio com a descrição da categoria gênero e o conceito de divisão sexual do trabalho que orientam essa pesquisa, pois estes possibilitam problematizar os significados do que é ser mulher e homem em distintos contextos históricos e possibilitam examinar como a divisão do trabalho baseada no gênero cria e produz relações desiguais e hierarquizadas. Em seguida, apresento uma breve reflexão sobre como temas relacionados à educação contribuem com a lógica de divisão sexual do trabalho. Por fim, partindo da análise dos dados qualitativos e quantitativos da Campanha, proponho uma reflexão sobre os desafios e possibilidades relacionados aos temas sociais, mais especificamente sobre os processos de escolarização, as tarefas e os espaços que mulheres têm ocupado e assumido nas comunidades religiosas da IECLB.

3.1 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

No campo da Teologia Feminista, a categoria gênero é qualificada como uma importante ferramenta hermenêutica que visa identificar, investigar e superar construções sociais androcêntricas, excludentes e dualistas. Dispondo de uma variedade de propostas metodológicas, a Teologia Feminista, ao incluir as questões de gênero, tem por objetivo repensar as relações sociais, as relações de poder e as lentes epistemológicas usadas para ler e interpretar textos sagrados.⁵⁶

⁵⁶ GASTELLÚ CAMP, Adriana. *Como espiral de vida: aportes de la teología feminista de liberación para otros modelos de liderazgo en las Iglesias de América Latina y el Caribe*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014, p. 75-78. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/510/1/gastellucamp_a_tmp359.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

A categoria gênero⁵⁷ é, portanto, princípio hermenêutico fundamental no processo de desconstrução e reconstrução⁵⁸ do pensamento, da produção de conhecimento e de estruturas sociais e culturais opressoras, especialmente para as mulheres. Essa categoria é introduzida, por volta dos anos 1970, pelas feministas preocupadas com o binarismo da oposição entre homens e mulheres e com a diversidade de maneiras de ser mulheres.⁵⁹

A definição mais difundida dentro dos estudos de religião foi proposta, na década de 1980, pela historiadora Joan Scott, com base em suas pesquisas de reconstrução da história das mulheres e o resgate dos seus papéis sociais. Segundo Scott, gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder.”⁶⁰ Essas duas proposições estão conectadas com o construto sociocultural em que se baseiam as significações, a percepção de diferenças e as relações sociais. Esse tecido cultural é muito complexo, visto estar em constante (trans)formação pela atuação humana.

Em relação ao objeto da categoria de gênero, entendo que são “as relações sociais entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens [nas quais]

⁵⁷ Para uma discussão a respeito do uso das categorias gênero nos estudos feministas, veja: SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 95-139.

⁵⁸ A produção de conhecimento a partir da teoria e teologia feministas faz uso da metodologia de desconstrução e reconstrução de estruturas sociais e culturais. Este processo é um debate político e epistemológico que busca quebrar a perpetuação do paradigma econômico, sexual, representacional do qual as mulheres são excluídas como sujeitos e vistas como objetos, e reconstruir uma sociedade justa e inclusiva. Para desconstruir, é necessária uma revisão das estruturas simbólicas que se perpetuam e mantêm relações assimétricas de poder. Para reconstruir, é necessário elaborar concepções e práticas alternativas do fazer teológico. Veja: GEBARA, Ivone. Que escrituras são autoridade sagrada? Ambiguidades da Bíblia na vida das mulheres na América Latina. *Concilium*, Petrópolis, n. 276, p. 10-25, mar. 1998. Veja também: DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, negociação de saberes e educação teológica: contribuições da teologia feminista. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 2-9, jan./abr. 2011. Segundo Schüssler Fiorenza, são indispensáveis no processo hermenêutico que visa a desconstrução e reconstrução: a suspeita, a recuperação de memórias e tradições esquecidas ou colocadas à margem, a proclamação e a crítica e a correção e transformação de conceitos para uma atualização criativa. Veja: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁵⁹ Essa discussão é aprofundada nos anos 1990 para incluir a questão da sexualidade, cf.: BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 16-60.

⁶⁰ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995, p. 86. Disponível em: http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

a questão e a dinâmica de poder e mudança são fundamentais”⁶¹, sendo que nelas também se procura evidenciar o fluxo e as formas de reprodução de poder. Trata-se, portanto, de uma perspectiva fundamentalmente relacional que,

[...] demonstra que as masculinidades e feminilidades, os papéis sociais, as hierarquias e a divisão de trabalho e espaço associados aos sexos são uma construção sociocultural resultante da histórica acumulação material e simbólica da humanidade, onde o aspecto religioso é fundamental.⁶²

Gênero é, então, uma categoria analítica que busca dar significação social, psicológica, cultural, religiosa e política à identidade sexual biológica. Ela questiona e expõe as origens sociais e culturais das diferenças, assim, mostra dicotomias, polaridades e dualismos que, ao longo da história, são usadas para silenciar e discriminar as mulheres e outras minorias, e que, por isso, tolhem a potencialidade das relações humanas e, portanto, a produção material e de conhecimento.⁶³

Desde uma perspectiva de gênero, compreende-se que a exclusão de mulheres de determinados espaços é uma realidade provocada e justificada pela instrumentação das diferenças físico-biológicas. Essas diferenças resultam na organização da sociedade pautada em modelos androcêntricos, sexistas e patriarcais.⁶⁴ Esses modelos produzem e perpetuam a dicotomia de gênero e reforçam uma forma de divisão do trabalho que, segundo Elena Hirata e Danièle Kergoat, tem “como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das

⁶¹ RICHTER REIMER, Ivoni. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000, p. 20.

⁶² SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: evangelho das mulheres*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017, p. 22-23. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3764/2/CAROLINA%20BEZERRA%20DE%20SOUSA.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2020.

⁶³ Veja: SOUZA, Carolina Bezerra de; RICHTER REIMER, Ivoni; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e epistemologias feministas nos estudos da religião. *Reflexus*, v. 14, n. 1, p. 20-22, 2020. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/2367/2173>. Acesso em: 1 ago. 2020.

⁶⁴ Segundo Souza, androcentrismo é explicação linguístico-ideológica do mundo. Refere-se a uma forma de construir e entender o mundo em que as conceituações, ideias, estruturas de pensamento e linguagem e as expressões culturais são centradas no homem como sujeito explícito de ações, decisões e da produção de conhecimento. O sexismo é quando o androcentrismo forma uma base ideológica para exclusão das mulheres como sujeitos atuantes, somente por serem mulheres. Com base nessa ideologia androcêntrica, o patriarcado é o sistema que constrói relações estruturais e institucionais de dominação sobre as mulheres e outras minorias, é o conjunto de todas as forças que se opõem às perspectivas e ações das mulheres que as permitam se realizarem em sua plena humanidade. Veja: SOUZA, 2017, p. 23.

mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc).⁶⁵

De acordo com Ana Silvia Scott, havia na sociedade brasileira do século XIX uma nítida divisão entre domínio público e privado, a partir da qual se destinava aos homens a esfera pública e o papel de provedor da família, enquanto que às mulheres se destinava a esfera privada e o cuidado do lar, entendida como uma atividade de contrapartida. Delineou-se assim um modelo de família no qual competia a mãe a realização dos afazeres domésticos, o cuidado e a educação dos filhos e filhas, ao passo que os espaços públicos seriam de direito dos homens, vistos como os chefes e provedores da família.⁶⁶ Esse modelo é herança do patriarcado desde os tempos antigos e segue perpetuando-se, apesar das lutas feministas.

Essa dicotomia entre público e privado e o modelo de mulher cuidadora e homem provedor se mostraram mais vulneráveis a partir das revoluções culturais e da força do movimento feminista no século XX. A partir deles, os caminhos para pensar em termos de “divisão sexual do trabalho” foram abertos pelas francesas a partir da tomada de consciência sobre a opressão em relação ao trabalho doméstico.

Embora a divisão sexual do trabalho tenha sido objeto de trabalhos precursores em diversos países, foi na França, no início dos anos 1970, sob o impulso do movimento feminista, que surgiu uma onda de trabalhos que rapidamente assentariam as bases teóricas desse conceito. [...] Foi com a tomada de consciência de uma ‘opressão’ específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente ‘evidente’ que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno.⁶⁷

O termo passou a ser usado no discurso acadêmico e investigado a partir de diferentes perspectivas, especialmente nas ciências humanas. Entre elas, a de que a divisão sexual do trabalho parte de “dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher).⁶⁸

⁶⁵ HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007, p. 599. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

⁶⁶ SCOTT, Ana Silvia. Família: o caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 15-17.

⁶⁷ HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597.

⁶⁸ HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599.

Evidenciou-se assim que as relações econômicas, raciais⁶⁹, relações de poder e “relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em contraponto à supremacia do outro.”⁷⁰

Essa percepção serviu de impulso às mulheres na busca por independência e acarretou no seu ingresso, de forma mais acentuada, no mundo econômico e público.⁷¹ No entanto, apesar de ser uma importante conquista das mulheres, esse fato não equilibrou as funções atribuídas aos sexos, pois as mulheres seguiram assumindo, praticamente sozinhas, as atividades do espaço privado. Ou seja, “o aumento da jornada do tempo econômico prejudica mais as mulheres, uma vez que o tempo dedicado por elas à reprodução social e à família não tende a diminuir [...]”⁷² Quando assumidas apenas pelas mulheres, as obrigações domésticas limitam seu desenvolvimento profissional, podendo implicar em carreiras descontínuas e salários mais baixos.

Helena Hirata também aponta para o uso que se faz do par masculinidade/virilidade e feminilidade/fragilidade para associar trabalho ao sexo. Segundo ela, a masculinidade é associada à força e à razão enquanto a feminilidade é associada à fragilidade e ao sentimentalismo.

O estudo das atividades de trabalho segundo o sexo e o par masculinidade/virilidade e feminilidade desvenda o poder dos estereótipos sexuais no trabalho (a virilidade é associada ao trabalho pesado, penoso, sujo, insalubre, algumas vezes perigoso, trabalho que requer coragem e

⁶⁹ Reiterando o pensamento da filósofa Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, Djamila Ribeiro chama a atenção para a necessidade de nomear as opressões de raça, classe e gênero para que não haja uma hierarquização das mesmas. Ao tratar sobre os percursos de luta de mulheres negras ao longo da história, Djamila chama a atenção para o erro da universalização da categoria mulher e para as diferentes opressões que sofrem as mulheres negras e que não são representadas por um feminismo branco e elitista. Para ela, mulheres possuem experiências diferentes e elas precisam ser devidamente situadas. Conforme a autora, não é possível analisar e discutir de forma honesta a divisão de poder, a remuneração salarial, as relações de trabalho, a violência e as oportunidades quando se desconsidera o ponto de vista étnico. Veja: RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

⁷⁰ SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 abr. 2020.

⁷¹ Para saber mais sobre as transformações que marcam o percurso de mulheres brasileiras em relação ao mundo do trabalho, veja: MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 126-147.

⁷² BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006, p. 337. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/221/pdf_207. Acesso em: 14 abr. 2020.

determinação, enquanto que a feminilidade é associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia).⁷³

Essas divisões e oposições estereotipadas entre o masculino e o feminino restringem às mulheres determinados espaços e funções, frequentemente no âmbito privado, enquanto conferem aos homens mais participação ativa, gestão decisória e maiores retornos econômicos.⁷⁴ Consequentemente, acarreta na hierarquização do “trabalho masculino” como de maior valor do que o “trabalho feminino”.

Essas diferenças entre as práticas de homens e as práticas de mulheres são, portanto, construções sociais e não têm fundamento em causas biológicas, mas sim ideológicas. A divisão sexual do trabalho é, portanto, consequência da dominação efetuada pelo patriarcalismo por meio de construções históricas, sociais e ideológicas.

3.2 RELAÇÕES ENTRE ESCOLARIZAÇÃO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A forma como se pensou o campo educacional ao longo dos séculos, demonstra como as construções sociais baseadas no gênero foram estrategicamente pensadas e administradas em prol de uma ideologia de domesticação das mulheres. No Brasil, por um longo período histórico, o acesso à educação foi negado ou dificultado para meninas e mulheres. Até a década de 1970 manteve-se “o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos.”⁷⁵ Além disso, mantinha-se um sistema de segregação sexual no espaço de ensino, no qual não se admitia turmas mistas. Ou seja, meninos e meninas eram mantidos em espaços separados. A orientação metodológica de ensino para meninos e meninas

⁷³ HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*, Brasília, v. 15, n. 65, p. 39-49, jan./mar. 1995, p. 42-43. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2316>. Acesso em: 15 abr. 2020.

⁷⁴ Marcela Lagarde y de los Ríos define cinco cativerios para as mulheres: esposas, freiras, prostitutas, prisioneiras e loucas. Cada um desses cativerios possui formas particulares de opressão definidos por estereótipos, normas, instituições, modos de vida e cultura que sintetizam as normas patriarcais, de gênero e da relação de dominação entre sexualidade e poder, sendo comum a todos a sujeição histórica à hegemonia patriarcal. Veja: LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Coyoacán, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Para ler mais sobre a disparidade salarial entre os gêneros, veja: LIMA, Camila R. N. A. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-20, out. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2020.

⁷⁵ ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 334.

também era diferenciada, sendo que a preocupação em relação às meninas era qualificá-las para as funções do lar. Em 1942, chegou a ser implementada uma disciplina de Economia Doméstica, apenas para as meninas.⁷⁶

Conforme Fúlvia Rosemberg, embora se perceba, especialmente nas últimas décadas, um número crescente de mulheres estudantes, professoras e pesquisadoras na Pós-Graduação das diversas áreas do conhecimento, não há como negar que por “[...] séculos, o Estado brasileiro fora eficiente em manter as mulheres afastadas da educação pública [e que] as mulheres vêm dando conta do recado por sua conta e risco, isto é, mesmo sem políticas de ação afirmativa: aproveitam as brechas do sistema, educam-se.”⁷⁷

Há consequências, dessa forma de pensar e administrar o campo educacional brasileiro, que são perceptíveis até hoje. Por exemplo, “a maioria das mulheres está envolvida com o campo educacional, do comércio, de serviços de beleza, de serviços públicos e, principalmente, de serviço doméstico, onde predominam mulheres negras e a renda é uma das mais baixas [...]”⁷⁸ Isso é resultado de construções históricas, sociais e ideológicas, no qual o sistema capitalista também exerceu severas influências e cujo objetivo tem sido a manutenção de sistemas elitistas, classistas e patriarcais.⁷⁹

Além disso, no atual cenário político brasileiro, as articulações político-religiosas em prol da disseminação de uma falsa premissa de “ideologia de gênero”⁸⁰,

⁷⁶ ROSEMBERG, 2018, p. 336-337.

⁷⁷ ROSEMBERG, 2018, p. 348.

⁷⁸ SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 45-46.

⁷⁹ Para o aprofundamento dessa discussão se faz necessário compreender os múltiplos movimentos políticos e sociais pelos quais as categorias trabalho e educação perpassaram ao longo da história da sociedade, considerando que o sistema capitalista também exerce severas influências nas políticas públicas de educação e, conseqüentemente, no trabalho de seus trabalhadores e suas trabalhadoras. Veja: CEZAR, Taise Tadielo.; FERREIRA, Liliana Soares. A relação entre educação e trabalho: um contexto de contradições e a aproximação com a educação profissional. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 2141- 2158, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8248/6050>. Acesso em: 9 dez. 2020.

⁸⁰ Tendo como pano de fundo o debate sobre os atuais Planos de Educação, grupos de parlamentares fundamentalistas e lideranças religiosas conservadoras uniram forças para argumentar contra a inclusão de temas relacionados à igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual. Com discursos em defesa de uma “moral cristã”, uma das estratégias mais usadas foi disseminar a falsa premissa da “ideologia de gênero”. Veja: REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 jan. 2021.

bem como as declarações feitas pela Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil, Damares Alves⁸¹, e os discursos e esforços do movimento Escola Sem Partido (ESP)⁸², apontam para uma forte retomada de estratégias que fomentam e mantêm desigualdades entre mulheres e homens a partir da reprodução de estereótipos de gênero.

Ao analisar as construções sociais no campo religioso, Sandra Duarte de Souza afirma se tratar de um processo de socialização no qual, “enquanto os homens são objetivados como seres autônomos e com poder, as mulheres são objetivadas como seres dependentes e sem poder.”⁸³ Para ela, a própria religião se configura como uma instituição produtora e reprodutora da hierarquia dos sexos, no qual, “a partir de um discurso misógino [...] não apenas produz ou reproduz a violência de gênero, mas a sacraliza.”⁸⁴

Odja Barros, ao tratar sobre a história da transmissão da tradição bíblica, aponta as raízes patriarcais que marcaram o desenvolvimento e sistematização de uma teologia desde o período patrístico-medieval, no qual as Escrituras bíblicas eram usadas para legitimar a doutrina da Igreja.⁸⁵ Segundo a autora, nesse período, a “fonte

⁸¹ Refiro-me ao discurso de posse, no qual a ministra Damares Alves afirmou: “Nesse governo, menina será princesa e menino será príncipe”, posicionando-se contra o que chamou de “doutrinação ideológica”. Veja o discurso na íntegra em: CERIMÔNIA DE TRANSMISSÃO de cargo à Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves. TV BrasilGov, YouTube, 15 jan. 2019, vídeo on-line (31min18s), son. color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Qz_tS6zofg&ab_channel=TVBrasilGov. Acesso em: 20 jan. 2021. Em vídeo posterior, a ministra Damares Alves aparece dizendo: “É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa”. EM VÍDEO, DAMARES diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. G1, Brasília, 3 jan. 2019, vídeo on-line (2min21s), son. color. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

⁸² “O Escola Sem Partido é um ‘movimento’ que existe desde 2004 sob o argumento de tratar o ‘problema da instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos’. Fundado pelo advogado Miguel Nagib, e com o lema de ‘educação sem doutrinação’, o ESP tem inspirado diversos projetos de lei em todas as instâncias governamentais.” Veja: FRAGA, Milena Costa Lima. “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”: analisando redes discursivas e as lições de gênero do “Escola Sem Partido”. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Fundação Joaquim Nabuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019, p. 88. Disponível em: http://www.ppgeci.ufrpe.br/sites/ww2.ppgeci.ufrpe.br/files/documentos/texto_dissertativo_melina_final_vale_esse-final.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

⁸³ SOUZA; LEMOS, 2009, p. 21.

⁸⁴ SOUZA; LEMOS, 2009, p. 53.

⁸⁵ SANTOS, Odja Barros. ‘*Outro gênero de Igreja*’: um estudo sobre a prática comunitária de Leitura Popular e Feminista da Bíblia. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019, p. 44. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1010/1/santos_ob_td192.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

da Teologia não era fundamentalmente a Bíblia, mas a leitura da Bíblia conforme a tradição da Igreja, entendida como a interpretação realizada por pessoas autorizadas.”⁸⁶

Nesse contexto de defesa da doutrina da fé cristã, conforme Sandra Duarte de Souza, teólogos cristãos “afirmaram as mulheres como naturalmente inferiores aos homens, argumentando a partir de bases teológicas uma superioridade divina dos homens em relação às mulheres, logo, legitimando a dominação do masculino sobre o feminino.”⁸⁷ Conforme Odja Barros, as leituras que Tertuliano de Cartago e Agostinho de Hipona, por exemplo, fizeram das narrativas das origens em Gênesis, “serviu de fundamento para a multissecular vinculação das mulheres à culpa, através da figura arquetípica de Eva.”⁸⁸ Além disso, a autora menciona que posturas como a de Tertuliano e Tomás de Aquino acabam por “resultar na exclusão das mulheres das funções eclesiais.”⁸⁹

Há acordo de que a insurgência da Reforma Protestante, na perspectiva hermenêutica, significou uma mudança radical, mas a mentalidade em relação à condição segunda das mulheres ainda assim se manteve. Conforme Sandra Duarte de Souza, “Lutero, apesar de admitir e até mesmo incentivar o matrimônio, busca a castidade pura, livre dos desejos [...]. Calvino segue na mesma direção, afirmando a necessária submissão das mulheres aos homens [...]”⁹⁰ Lutero chegou a posicionar-se contra a submissão cega e unilateral das mulheres. Contudo, em relação ao casamento, maternidade e a sexualidade⁹¹, por exemplo, não deixou de seguir a visão medieval de seu tempo, na qual “as mulheres deveriam se casar [...] dar à luz novas pessoas protestantes, tantas quanto possível, e administrar seus lares com eficácia.”⁹² A maternidade e o matrimônio eram afirmados como o lugar “natural” das mulheres, às quais também competia o cuidado das crianças e a educação cristã na família. Isso

⁸⁶ SANTOS, 2019, p. 45.

⁸⁷ SOUZA; LEMOS, 2009, p. 53.

⁸⁸ SANTOS, 2019, p. 47.

⁸⁹ SANTOS, 2019, p. 47.

⁹⁰ SOUZA; LEMOS, 2009, p. 56-57.

⁹¹ DEIFELT, Wanda. Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante: entrevista especial com Wanda Deifelt. *Revista IHU on-line*, São Leopoldo, 29 out. 2016. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/561775-um-olhar-feminino-sobre-a-reforma-protestante-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁹² STJERNA, Kirsi. Mulheres e Reforma. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 36-48, jul./dez. 2017, p. 38. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3210/2918>. Acesso em: 3 abr. 2020.

sobrecarregou as mulheres, pois, “com o cuidado da casa, da família e da prole, pouco tempo restava para se dedicar à leitura e ao aprofundamento teológico.”⁹³

Contudo, para que fossem “boas mães” e educassem bem seus filhos e filhas, concordou-se que as mulheres também precisavam ser escolarizadas. Conforme Ruthild Brakemeier, “a Reforma luterana incentivou a criação de escolas também para meninas, para que pudessem ler a bíblia e educar seus filhos [e suas filhas]. Mas não lhes foi permitido avançar para o ensino superior e exercer uma profissão fora de casa.”⁹⁴ Essa afirmação se fundamenta nas duas principais cartas escritas por Lutero sobre o tema da educação. São elas: “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas”, de 1524, e “Uma prédica para que se mandem os filhos à escola”, de 1530.⁹⁵

Ambos os textos acima mencionados são interpretados como esforços para estimular a sociedade a se preocupar e se empenhar pela educação de qualidade e pelo bem-estar das pessoas. Através deles, Lutero expressa que a tarefa de educar é responsabilidade que Deus confiou às pessoas e que, portanto, a educação tem a ver com toda a sociedade. Ele considerou a educação um tema imprescindível e buscou que a alfabetização fosse oferecida para meninas e meninos, pois compreendeu ser através dela que as pessoas têm acesso ao Evangelho, por meio do qual a Salvação é ofertada. Por conta disso, incumbiu às autoridades municipais a responsabilidade de criar e manter escolas e, aos pais e mães, obrigatoriamente, a tarefa de enviar seus filhos e suas filhas às escolas, bem como investir recursos financeiros para mantê-las e aperfeiçoá-las.⁹⁶

⁹³ BERGESCH, Karen. As mulheres da Reforma na Igreja do norte da Alemanha: um olhar sob a perspectiva de gênero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 96-110, jan./jun. 2017, p. 106. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2998. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁹⁴ BRAKEMEIER, Ruthild. 500 Anos de Reforma Protestante e as mulheres. *Portal Luteranos*, 29 set. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/500-anos-de-reforma-protestante-e-as-mulheres>. Acesso em: 8 jun. 2020.

⁹⁵ LUTERO, Martim. *Educação e reforma: aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas e uma prédica para que se mandem os filhos à escola*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

⁹⁶ Para aprofundar a reflexão sobre a fundamentação teológica e pedagógica para uma educação na perspectiva luterana, veja a tese de doutoramento de Gisela I. W. Streck. Nela estão descritas as bases a partir das quais Lutero justifica a existência da educação, determina sua importância e coloca seus objetivos. Veja: STRECK, Gisela I. W. *Escola Comunitária: fundamentos e identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Contudo, ao descrever currículos diferenciados para meninas e meninos, Lutero “mantém a visão cultural de que os meninos deveriam ser educados para governar a cidade e as meninas, para governar a casa.”⁹⁷ Isso mostra que houve preocupação em garantir o direito universal à educação, mas foi mantida uma dinâmica excludente e injusta para as mulheres, que reforçou a dicotomia entre as esferas do público e privado. Lutero escreveu:

Também o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e capazes de manter seu estado secular exteriormente. Assim, os homens podem governar o povo e o país e as mulheres administrar bem a casa e educar os filhos e os criados [...] por isso é urgente que se eduquem meninos e meninas para isso.⁹⁸

Constato, portanto, que as questões de gênero atravessam as práticas, os conteúdos e metodologias de ensino, escolarização e os processos de formação continuada de meninos, meninas, homens e mulheres e que quando são pensadas e geridas a partir de uma lógica patriarcal, fomentam e resultam em dicotomias e na divisão sexual dos trabalhos. Existe uma bagagem histórica patriarcal secular que necessita ser desconstruída, para que se reconstrua uma nova perspectiva, tendo em vista a justiça e equidade de gênero em todos os âmbitos da sociedade.

Destaco também que a religião exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos e que estes têm influência direta sobre as relações sociais de sexo. Nesse sentido, reafirmo que as igrejas e suas teologias não são apenas reprodutoras de modelos dicotômicos e desiguais, mas também são responsáveis pela sua gênese e legitimação. Portanto, é seu dever e responsabilidade repensá-las e transformá-las para que todas as pessoas tenham a possibilidade de desenvolver-se dignamente. Nesse sentido, é reconfortante saber que há iniciativas, dentro das Igrejas, que visam a esta importante transformação.

3.3 PROCESSOS DE FORMAÇÃO E ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DE MULHERES LUTERANAS: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DE HISTÓRIAS

A partir da análise das histórias de vida da Campanha, identifiquei 66 histórias contendo informações sobre os processos, acessos e não acessos de mulheres à

⁹⁷ BLASI; BRUN, 2018, p. 178.

⁹⁸ LUTERO, 2000, p. 35-36.

escolarização ou educação continuada. Com elas verifico o nível de escolaridade dessas mulheres e constato que: a) há um significativo número de mulheres que não concluiu o ensino fundamental ou que frequentou a escola por menos de um ano; b) cursos técnicos, magistério e graduações somam a maioria representada; c) há poucas mulheres com pós-graduação. Veja o quadro abaixo.

Quadro 5 – Nível de escolaridade

Nível de Escolaridade	Ocorrência
Curso Técnico/Magistério/Outros formatos	14
Ensino Fundamental incompleto	13
Graduação	11
Analfabeta ou relata ter estudado menos de 1 ano	7
Ensino Fundamental completo (8ª série)	5
Pós-Graduação/Especialização/Mestrado	4
Ensino Fundamental e Médio	4

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas constatações iniciais me remetem à pergunta pelo motivo – por vezes mais de um – que impediu ou impediram essas mulheres de estudar ou de seguir estudando. Os resultados estão no quadro que segue:

Quadro 6 – Motivos para não estudar ou seguir estudando

Motivos	Ocorrência
Ajudar no sustento da família	10
Menina/Mulher não precisa estudar	8
Precisava trabalhar e estudar ao mesmo tempo	3
Falta de incentivo/apoio da família	3
Distância como desafio	3
Gravidez	1
Problemas de saúde	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Através da investigação, observo que, desde muito jovens, as meninas precisavam contribuir com o sustento familiar. Por entender que o cuidado da casa e das crianças era responsabilidade das mulheres, delegava-se às filhas mais velhas essa tarefa. Hedi Kickow Germany pôde estudar “apenas um ano, pois, por ser a filha mais velha, tinha que ajudar a trabalhar.”⁹⁹ Lúcia Blauth conta que “trabalhava na roça e em casa. Não consegui estudar, pois a cada ano nascia um irmãozinho ou uma irmãzinha. E como eu era a mais velha dos irmãos, precisava ajudar a cuidar deles.”¹⁰⁰ Alice Paulina Petry Loesch “[...] conseguiu estudar somente até a 5ª série do ensino fundamental. Seu irmão, Frederico Luiz, era uma pessoa com deficiência. Para os pais poderem trabalhar na roça, ela ficava em casa cuidando do irmão.”¹⁰¹

O contexto de vulnerabilidade social e econômica que marcava as experiências das famílias rurais é outro fator determinante. A realidade de famílias numerosas vivendo em condições precárias obrigou mulheres a desistirem de frequentar a escola, pois ter comida na mesa era a prioridade. Frida Harckbaerdts Butzke, “[...] analfabeta, não teve a chance de frequentar a escola. Sua família era muito numerosa.”¹⁰² Marina Bauer conta: “tínhamos que fazer todo o serviço da lavoura, lavrar, cortar lenha, derrubar mato, tirar leite – tudo braçal –, além do serviço doméstico. Por ter que trabalhar, cursei somente até a terceira série do Ensino Fundamental.”¹⁰³ Na história de Celi Tesche Germany, Norberto Nilo Kickow Germany evidencia o quanto essas situações causavam dor e tristeza às mulheres:

-
- ⁹⁹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hedi Kickow Germany*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 maio 2018, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hedi-kickow-germany. Acesso em: 5 maio 2020.
- ¹⁰⁰ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lúcia Blauth*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 nov. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-blauth>. Acesso em: 5 maio 2020.
- ¹⁰¹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Alice Paulina Petry Loesch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 15 jan. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-historia-de-vida-de-alice-paulina-petry-loesch. Acesso em: 5 maio 2020.
- ¹⁰² PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Frida Harckbaerdts Butzke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 16 nov. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-frida-harckbaerdts-butzke>. Acesso em: 5 maio 2020.
- ¹⁰³ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marina Bauer*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 maio 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-marina-bauer>. Acesso em: 5 maio 2020.

Estudou pouco. Estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental. No seu relato conta que chorou muito quando o pai disse que não poderia continuar os estudos. A justificativa era porque ela teria que acompanhar o pai no corte de mato e, assim, ajudar no sustento da família.¹⁰⁴

Ao aspecto de gênero e geracional e à realidade de vulnerabilidade e de famílias numerosas, está presente a ideia de que meninas e mulheres não precisam estudar. Segundo Marcia Blasi e Marli Brun, na Campanha “são relatadas experiências semelhantes às vivenciadas pela mulher que ungiu Jesus: Não desperdice o perfume! Não estude! Mulher não precisa estudar.”¹⁰⁵ Marli Zenker Pacheco conta que “na época, o filho mais velho saía para estudar. As filhas aprendiam com a mãe os afazeres domésticos e como dirigir bem o lar.”¹⁰⁶ Siegried Loeblein “[...] gostava muito de ir à aula, mas naquele tempo para uma mulher isso era mais difícil.”¹⁰⁷ Segue presente a compreensão de que mulheres devem aprender a ser boas esposas e donas de casa. “Estudei até o quarto ano, pois sou da época onde as meninas aprendiam a costurar e ser uma boa dona de casa e os meninos a estudar”, conta Arlete Maiberg.¹⁰⁸

Percebo que essas dicotomias e desigualdades de gênero impediram mulheres de aperfeiçoar e exercer funções para as quais se sentiam chamadas. O depoimento sobre a história de Zenaide Christmann Zarth mostra que, mesmo com a recomendação de um professor, “a menina muito inteligente não pôde estudar, porque menina não precisa estudar.”¹⁰⁹ Estudar era um privilégio, prioritariamente para meninos. “Meu pai enviou meu único irmão para estudar em cidade vizinha, mas por

¹⁰⁴ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Celi Tesche Germany*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 maio 2018, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-celi-tesche-germany>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁰⁵ BLASI; BRUN, 2018, p. 179.

¹⁰⁶ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marli Zenker Pacheco*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 maio 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-marli-zenker-pacheco. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁰⁷ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Siegried Loeblein*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 13 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-siegried-loeblein>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁰⁸ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Arlete Maiberg*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 17 abr. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-arlete-maiberg>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁰⁹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Zenaide Christmann Zarth*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 3 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-zenaide-christmann-zarth>. Acesso em: 5 maio 2020.

eu ser MULHER não permitiu que morasse fora de casa [...]”, conta Selma Bloedow Pommer.¹¹⁰ Também por ser mulher e não receber apoio da família, Lilian Fleck Lengler foi impossibilitada de realizar o sonho de ser médica e de estudar na Casa Matriz de Diaconisas.¹¹¹

Contudo, houve situações em que as barreiras foram contornadas. Mesmo tendo que lidar com a sobrecarga de responsabilidades, com a falta de recursos financeiros e com a exaustiva rotina para conciliar família, estudo e trabalho, algumas mulheres subverteram a lógica machista, adequaram e transformaram as condições que tinham para seguir sua vocação.¹¹² Para muitas delas a possibilidade de escolarização ou profissionalização se deu através de instituições vinculadas à Igreja como, por exemplo, as escolas da rede comunitária luterana, não poucas vezes construídas junto à igreja pela própria comunidade religiosa.¹¹³

¹¹⁰ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Selma Bloedow Pommer*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 17 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-selma-bloedow-pommer>. Acesso em: 5 maio 2020. A palavra em caixa-alta é grifo da própria autora da história.

¹¹¹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lilian Fleck Lengler*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-lilian-fleck-lengler>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹¹² PORTAL LUTERANOS. *História de vida da Irmã Wera Franke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 1 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹¹³ Essa prática remete à herança e vivência que tiveram os primeiros e as primeiras imigrantes alemães quando chegaram ao Brasil. Majoritariamente, as famílias imigrantes foram assentadas em regiões interioranas e pouco habitadas, enfrentando assim diversas dificuldades, incluindo a educação de seus filhos e filhas. Veja: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil: (1930-1973)*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 40. Com o abandono do poder público, eles e elas providenciavam a construção e instalação das escolas para seus filhos e filhas e posteriormente construíam as igrejas. Veja: ALTMANN, Friedhold. *A roda: memórias de um professor*. São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 26. Os professores e professoras eram escolhidos entre a comunidade, ou ainda o pastor assumia essa tarefa, criando assim laços entre escola e comunidade e originando, posteriormente, escolas comunitárias no sentido de estar vinculada à comunidade religiosa. Veja: DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2 ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 60.

Quadro 7 – Ensino vinculado à Igreja

Escola Luterana/escola da Comunidade	11
Formações oferecidas pela Comunidade/Sínodo (cursos)	7
Faculdade de Teologia	6
Hospital Moinhos de Vento/Casa Matriz de Diaconisas	6

Fonte: Elaborado pela autora.

O Hospital Moinhos de Vento, a Casa Matriz de Diaconisas e a Faculdade de Teologia também são espaços que marcaram as experiências de formação dessas mulheres. Nessa complexa e diversa teia de experiências, os relatos mostram que houve aquelas que não puderam estudar, houve aquelas que só estudaram porque a família priorizou e se preocupou com a educação dos filhos e filhas, mesmo que para isso fosse necessário deixar a casa. Há também aquelas que ainda sonham em retomar os estudos.

Constato assim, o quão significativo e transformador foi para as mulheres a Igreja ter oferecido, em meio às realidades marcadas pela vulnerabilidade social e econômica, pelas dificuldades geográficas e todos os problemas que decorrem da desigualdade de gênero, possibilidades de formação para as mulheres. Maria Cristina Bergmann Guilherme testemunha isso ao afirmar: “A igreja proporcionou campos que me capacitaram para ser uma liderança, me deu oportunidade de estudar e aprender. Agora eu também quero ensinar.”¹¹⁴

Ao voltar o olhar para os espaços de atuação e os cargos assumidos pelas mulheres na igreja, conforme relatados na Campanha, alguns desafios são percebidos. Para Sandra Duarte de Souza, um primeiro indicativo da desigualdade social baseada no gênero é o fato de, apesar de haver um contingente maior de mulheres nas religiões, serem os homens a assumir, majoritariamente, as funções de maior representatividade pública. Além disso, aponta para o fato de muitas igrejas cristãs, diferentemente da IECLB, ainda não reconhecerem a ordenação de mulheres.

As representações socioculturais de homens e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença sexual, são sacramentadas pela

¹¹⁴ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Maria Cristina Bergmann Guilherme*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 jan. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-maria-cristina-berjmann-guilherme>. Acesso em: 11 maio 2020.

religião, naturalizando dessa forma a violência de gênero [...] isso é materializado, por exemplo, no exercício do poder eclesiástico, onde, a despeito do fato de o contingente feminino nas religiões, de maneira geral, ser significativamente superior ao masculino, efetivamente há muito mais homens do que mulheres nos postos mais altos. Para ficarmos apenas no cristianismo, objeto de nossa discussão, a Igreja Católica Apostólica Romana e várias igrejas evangélicas não aceitam, em hipótese alguma, a ordenação de mulheres como sacerdotisas ou pastoras. Curiosamente, o trabalho feminino nas igrejas cristãs é o mais explorado de todos.¹¹⁵

Ao registrar sua história, Leda Müller Witter conta: “meu pai foi presidente do presbitério por dois mandatos, e minha mãe ajudava sempre nas festas e limpava a igreja.”¹¹⁶ Narrativas como a de Leda apontam para a divisão sexual de trabalho na igreja ao identificar que são, majoritariamente, as mulheres que assumem tarefas como: a ornamentação do altar e a limpeza da igreja,¹¹⁷ ou o preparado de festas, quermesses e todo o trabalho árduo na cozinha.¹¹⁸

Da sistematização dos dados da categoria divisão sexual do trabalho constato que há: a) baixa representatividade de mulheres em cargos nos presbitérios da Comunidade ou Paróquia; b) significativo número de menções a cargos de liderança na OASE; c) expressivo número de mulheres que assumem o trabalho com crianças (Culto Infantil) e adolescentes (Ensino Confirmatório) na igreja. Veja o quadro a seguir:

¹¹⁵ SOUZA; LEMOS, 2009, p. 60.

¹¹⁶ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Leda Müller Witter*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 2 jun. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-leda-muller-witter>. Acesso em: 11 maio 2020.

¹¹⁷ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Denise Tschoeke Sabatke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 14 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-denise-tschoeke-sabatke>. Acesso em: 11 maio 2020; PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Nilve Kohlrausch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 4 abr. 2018, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-nilve-kohlrausch>. Acesso em: 11 maio 2020.

¹¹⁸ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Edeltraud Hildegard Lindermann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 jan. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-edeltraud-hildegard-lindermann>. Acesso em: 11 maio 2020.

Quadro 8 – Cargos e funções de liderança

Cargos	Ocorrência
Liderança na OASE	50
Não mencionou	47
Orientadora do Culto Infantil	29
Assumiu cargos no presbitério, mas não especificou quais.	13
Integrante de algum Conselho	11
Orientadora do Ensino Confirmatório	9
Fundadora da Comunidade	7
Secretária do presbitério da Comunidade	7
Presidente do presbitério da Comunidade	6
Coordenadora de Estudos Bíblicos	5
Coordenadora do Coral	3
Delegada em Assembleia ou Concílio	3
Secretária do presbitério da Paróquia	3
Secretária executiva da Paróquia	3
Fundadora de um programa de rádio na Comunidade	2
Coordenadora do grupo de casais	2
Fundadora do Culto Infantil na Comunidade	2
Presidente da União Paroquial	2
Presidente do grupo de jovens	2
Presidente do presbitério da Paróquia	2
Secretária executiva da Comunidade	2
Tesoureira do presbitério da Comunidade	2
Tesoureira do presbitério da Paróquia	2
Vice-presidente do presbitério da Comunidade	2
Fundadora do grupo de mulheres na Comunidade	2
Coordenadora da Juventude na Paróquia	1
Coordenadora do grupo de danças na Comunidade	1

Coordenadora do grupo de terceira idade	1
Coordenadora estadual do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos	1
Coordenadora Sinodal da Juventude	1
Fundadora do grupo de coral na Comunidade	1
Fundadora do grupo de Estudo Bíblico na Comunidade	1
Fundadora do grupo de Juventude na Comunidade	1
Fundadora do trabalho com casais na Comunidade	1
Mensageira	1
Presidente da Assembleia Sinodal	1
Coordenadora do grupo de Mulheres	1
Representante sinodal no Conselho Nacional da Juventude	1
Secretária da Juventude na Comunidade	1
Secretária do grupo de pessoas idosas na Comunidade	1
Vice-coordenadora do Conselho Sinodal da Juventude	1
Vice-tesoureira do presbitério da Paróquia	1
Coordenação do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana	1
Oficiou cultos	1
Fundadora do grupo de trabalhos manuais	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Como já mencionado, a OASE é um grupo para mulheres. Ter mulheres líderes em grupos apenas de mulheres não rompe com a lógica de divisão do trabalho. Contudo, pode-se suspeitar que a frequência com que esse e outros espaços que as mulheres encontram para se reunir são mencionados, indica o quão importante eles são para elas. São nesses espaços que as mulheres têm se encontrado para desabafar, desenvolver capacidades e fortalecer-se como lideranças comunitárias. Conforme o relato de Eliane Maria Koch, “ser parte da OASE é importante para a nossa formação como mulher, como pessoa. Nos encontros do grupo, aprendemos a

agir com mais autonomia, buscando o bem de cada mulher e da comunidade.”¹¹⁹

Nessa mesma direção, afirma Eli Tatsch:

A proposta da organização do grupo da OASE em Rincão, há 36 anos, foi de buscar uma orientação cristã das integrantes convidadas e desmistificar o papel da mulher como assessora dos homens na liderança da comunidade. Com grande êxito, estamos atuando até hoje como mulheres líderes e auxiliadoras em nossa região.¹²⁰

Além da participação em grupos de mulheres, elas estão na coordenação de diversos outros grupos (de juventude, de danças, de casais, de estudos bíblicos, da terceira idade, coral e do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana¹²¹) em diferentes âmbitos eclesiais (Comunidade, Paróquia e Sínodo).

Há mulheres presidentas (de Assembleias, da União Paroquial, do grupo de jovens e de presbitérios), secretárias (do grupo de jovens, do grupo de pessoas idosas, de presbitérios e na secretaria executiva da Comunidade e da Paróquia), tesoureiras (de presbitérios), vice-tesoureiras e vice-presidentas (de presbitérios), vice-coordenadoras (do Conselho Sinodal da Juventude), delegadas (na Assembleia Sinodal e no Concílio da Igreja), orientadoras teológicas (do Culto Infantil e do Ensino Confirmatório), mensageiras e mulheres que oficiam cultos.

Portanto, as mulheres não só assumem funções e espaços na perspectiva de dar continuidade ao trabalho já iniciado, mas são também responsáveis pela fundação de muitos deles. Há pelo menos sete registros de mulheres fundadoras de Comunidades da IECLB¹²², sendo que algumas delas surgem da organização de

¹¹⁹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Eliane Maria Koch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 8 jan. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/eliane-maria-koch>. Acesso em: 11 maio 2020.

¹²⁰ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Eli Tatsch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-eli-tatsch>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹²¹ O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é um espaço pensado e criado por mulheres com a intenção de refletir e compartilhar experiências e saberes que levem em consideração a diversidade das mulheres luteranas. Para saber mais sobre a estruturação, organização e atuação do Fórum, veja: PHILIPPSEN, Rosane. *Encontros e resistências: o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/853/1/philippsen_r_tmp546.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

¹²² Veja as histórias de vida de Edeltraud Hildegard Lindermann, Helga Maas Eggert, Iracema Schultz Schwalm, Irmgard Schulz Drews, Luci Heidecke Bauer, Marta Schönholzer Dunck e Mirian Eberhardt Alves em: PORTAL LUTERANOS. *Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres: histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB*. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-

mulheres através do grupo de OASE. As narrativas evidenciam testemunhos de mulheres que inauguram o trabalho com casais, com crianças – através do Culto Infantil – e que criaram grupos: de estudo bíblico, de coral, de juventude, de OASE, além de outros grupos de mulheres em suas comunidades.

Esses testemunhos mostram o quanto a bagagem histórica, religiosa e cultural de uma sociedade, estruturada sob os moldes machistas e patriarcais, dificulta e priva mulheres do processo de escolarização ou de educação continuada. Os papéis sociais atribuídos a elas e a impossibilidade de frequentar espaços de formação para desconstruí-los, continuam vinculando e almejando restringir a participação das mulheres ao casamento, à maternidade, à administração e cuidado dos lares e à educação das crianças e jovens.

Disso decorre que as mulheres assumam, majoritariamente, funções de cunho mais prático e com menor representatividade pública na sociedade e igreja, enquanto homens, frequentemente, assumem os cargos de diretoria. Nesse sentido, a análise das histórias aponta para a necessidade de criar e fomentar políticas, reflexões, diálogos e iniciativas que evidenciem e nomeiem essas violências de gênero, que rompem com as dicotomias e que promovam relações e dinâmicas baseadas na justiça e equidade de gênero na igreja e sociedade.

Por outro lado, os testemunhos apontam para diferentes maneiras que as mulheres encontram ou criam para adequar e transformar condições e situações desfavoráveis a elas. Eles destacam o quão importante foi e é para elas a existência de espaços de formação vinculados à igreja ou por ela proporcionados, bem como da articulação que realizam através dos diferentes grupos de mulheres. As histórias anunciam a diversidade de habilidades e competências que as mulheres possuem e que têm colocado a serviço na fundação e edificação de diferentes grupos e comunidades na IECLB. Reiteram que as mulheres são protagonistas e criadoras de espaços de anúncio e vivência do Evangelho, colaborando assim com a Missão de Deus no mundo.

Até aqui, dialoguei com as histórias de vida na perspectiva de dar visibilidade e refletir sobre temas sociais que marcam as experiências de mulheres e que incidem

na sua participação na igreja. Apropriei-me dos conceitos gênero e divisão sexual do trabalho e refleti sobre como os processos educativos, em diferentes âmbitos, exercem influência sobre os espaços de trabalho e atuação das mulheres na igreja e sociedade. No próximo capítulo me ocupo com alguns temas e elementos teológicos que marcam e acompanham a trajetória e reflexão das mulheres e os relaciono com a discussão feita até aqui.

4 MULHERES QUE CRIAM IGREJA E TEOLOGIAS: SACERDÓCIO QUE TESTEMUNHA FÉ, CUMPLICIDADE E DIACONIA

Neste capítulo apresento uma reflexão a partir de temas e elementos teológicos identificados através da análise das histórias de vida. Para isso, inicio descrevendo a compreensão eclesiológica do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes que orienta esse trabalho, através da qual se ressalta o valor da liberdade cristã e o caráter de serviço de toda e qualquer função exercida pelas pessoas cristãs, dentro ou fora da igreja. Em seguida, apresento o conceito de fé da qual compartilham as mulheres e conduzo a reflexão no intuito de teologizar com elas sobre as ações concretas que essa fé as move a realizar. Desse modo, as histórias me levam a conhecer maneiras de ser e fazer igreja que as mulheres experienciam, sonham e almejam concretizar. Por fim, testemunhos de cumplicidade com vista ao empoderamento das mulheres encaminham à reflexão sobre o tipo de poder que a igreja, na perspectiva de mulheres luteranas, quer e necessita concretizar e testemunhar no mundo.

4.1 SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES

Quando hoje se fala de Sacerdócio Geral quer se afirmar o ministério de Jesus Cristo confiado a cada pessoa no Batismo, através do qual, todas as pessoas, a partir dos dons que recebem do Espírito Santo, dedicam-se à promoção do Evangelho através das mais distintas atividades e funções. Mas nem sempre foi assim. Na história da Igreja, houve tempos em que o sacerdócio esteve restrito apenas ao clero e foi usado indevidamente em prol da supremacia de poucos.

A unidade que se estabeleceu entre Roma e os povos germânicos, durante o período expansionista de Carlos Magno (768-814 d.C.), resultou no uso instrumentalizado da igreja com vista à educação política e social.¹²³ No século XVI, Lutero questionou esse modelo por entender que ele determinava um ideal hierárquico e absolutista de liderança ministerial, o qual estava centralizado nos homens

¹²³ MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 140.

ordenados ao ministério sacerdotal e era usado para dominação do povo e das comunidades religiosas. Segundo André Musskopf:

Aqueles que entravam no clero eram considerados pessoas santas com funções religiosas que não mais podiam ser exercidas pelos/as cristãos/as comuns. Estes/as, pelo contrário, passavam a depender do clero totalmente no que tange aos mistérios da fé e salvação.¹²⁴

O poder do clero (papa, bispos e sacerdotes) era exercido sobre todos os aspectos da vida. Além da privação espiritual, refletia também no âmbito político, econômico e social. Lutero criticou veementemente esse sistema hierárquico, dando ênfase à liberdade cristã compreendida a partir da sua compreensão de justificação por graça e fé, conforme aponta Adriana Gastellú Camp:

Com esse poder sobre todos os aspectos da vida, o clero se autodefinia como representante de Deus na terra, o qual lhe dava um poder praticamente absoluto. Criou-se assim um modelo hierárquico de liderança e poder, o qual foi fortemente criticado por Lutero. Essa crítica estava diretamente relacionada à limitação da liberdade das pessoas cristãs. Essa liberdade, segundo Lutero, é um direito outorgado por graça, sem distinção, a cada pessoa batizada. Por isso, Lutero usou a linguagem clerical dizendo que cada pessoa batizada se transforma em uma pessoa sacerdotal, desenvolvendo assim o conceito de 'sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.'¹²⁵ (tradução nossa)

A concepção que Lutero reafirmou, defende que todas as pessoas são justificadas por Deus através da fé (Romanos 1.17) e que, através do batismo, são incluídas como povo de Deus e entendidas como sacerdotes e sacerdotisas. Tornam-se assim parte do sacerdócio de Cristo (1 Pedro 2.9) e estão aptas a contribuir com a Igreja a partir da fé na graça operante.¹²⁶ Como reitera Wilhelm Wachholz:

Todas as pessoas crentes nascem dentro do sacerdócio que pertence a Cristo. Cristo veio para o mundo e o serviu. Igualmente todas as pessoas são chamadas a servirem enquanto cristãs em sua vocação. Entre todas as possibilidades de servir, está o chamado público da igreja e a escolha de quem servirá nas funções eclesiais. Este não se tornará uma elite

¹²⁴ MUSSKOPF, 2005, p. 145.

¹²⁵ GASTELLÚ CAMP, 2015, p. 61. *Con este poder sobre todos los aspectos de la vida, el clero se autodefinía como representante de Dios en la tierra, lo cual le daba un poder prácticamente absoluto. Se creó así un sistema jerárquico de liderazgo y poder el cual fue fuertemente criticado por Lutero. Esta crítica estaba estrechamente relacionada a la limitación de la libertad de las personas cristianas. Esta libertad, según Lutero, es el derecho otorgado por gracia a cada persona bautizada sin distinción. Por eso Lutero usó el lenguaje clerical diciendo que toda persona bautizada se transforma en una persona sacerdotal, desarrollando así el concepto del 'sacerdocio universal de toda persona creyente'.*

¹²⁶ LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã. In: *Obras Seleccionadas*, v. 2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, p. 282.

superior às demais pessoas cristãs, pois estas também servem a Deus no exercício de sua vocação.¹²⁷

Para Lutero, vocação diz respeito à função da pessoa cristã em sua relação com Deus e com o mundo. Em outras palavras, vocação é a maneira como Deus opera através dos seres humanos para governar o mundo. Para isso, concede dons diversos e envia as pessoas para que amem e sirvam umas as outras, compreendendo de que quando o fazem servem ao próprio Deus. Seguindo o exemplo de Cristo, que foi enviado e atuou no mundo, as pessoas cristãs também são enviadas e chamadas por Deus para atuar através das relações e tarefas comuns da vida cotidiana. Vocação, portanto, se dá no mundo e em todos os âmbitos da vida.

A sociedade medieval estava dividida em três esferas sociais principais: o clero, a nobreza e a plebe. Nesse contexto, se pensava que apenas o clero tinha uma vocação. Pertencer ao clero exigia sacrifícios e a relação com Deus baseava-se em méritos próprios. Lutero, no entanto, defendeu que a atuação se dá em três âmbitos da vida, sendo que neles toda pessoa cristã habita e tem vocações. A Igreja, a Economia e a Política¹²⁸ são, para Lutero, instituições que Deus designou e através das quais os seres humanos são chamados a cooperar em amor e serviço às pessoas próximas. Conforme Wilhelm Wachholz:

A concepção de Lutero sobre os três estamentos abrange três âmbitos da ética medieval, isto é, individual (*ethica monastica*), doméstica (*ethica oeconomica*) e política (*ethica politica*). Lutero, contudo, introduz uma importante alteração nesse esquema, a saber, substitui *ethica monastica* por *ecclesia*. Essa alteração tem grande impacto, à medida que, ao lado de *politia* e *oeconomia*, a *ecclesia* é concebida em âmbito social (e não individual-monástico). Os três estamentos têm igual relevância social, pois devem ser performativos para a vida da sociedade. O ser humano não deve ser reduzido

¹²⁷ WACHHOLZ, Wilhelm; SELL, Wilhelm. Sacerdócio geral de todas as pessoas crentes: uma introdução a perspectiva de Martinho Lutero. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 69-86, 2018, p. 78. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/827>. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹²⁸ Durante os anos de 2018 e 2019 este foi o Tema que motivou as reflexões e ações da IECLB. Entendido como um instrumento para fortalecer a unidade e a identidade da Igreja, o Tema proposto para o biênio reiterou que: “Igreja (que ensina a Palavra de Deus), Economia (que organiza a produção e a distribuição justa dos meios de sustento da vida) e Política (que zela pela boa convivência humana) são os instrumentos que Deus usa para evidenciar quem Ele é e o que Ele quer.” Veja: FRIEDRICH, Nestor. Igreja, Economia, Política – Tema do Ano 2018 – Texto Motivador. *Portal Luteranos*, 28 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/igreja-economia-politica-tema-do-ano-2018-texto-motivador>. Acesso em: 11 jan. 2021.

à ética individual, isto é, à piedade e virtude monásticas, mas sua relação no âmbito dos estamentos deve ser ético-socialmente relevante.¹²⁹

Com isso, se afirma que o chamado de Deus para atuar no mundo, através de uma relação de parceria e colaboração, se dirige a toda à humanidade e a todos os âmbitos da vida. Por isso, “Lutero defende a capacitação de todos, homens e mulheres, a partir das Escrituras, para desempenharem bem seu sacerdócio e vivenciarem sua vocação.”¹³⁰ Através da diversidade de dons que o Espírito concede e desperta, cada pessoa é capacitada com uma vocação especial para o serviço, mas todas elas são integradas na vocação geral de todas as pessoas, cuja natureza é fundamentalmente diaconal.

Da vida da igreja fazem parte todas as pessoas inseridas pelo Batismo e presenteadas com dons, e chamadas a servirem a Deus e a exercitarem sua vocação [...] Todos são iguais no chamado ao exercício do sacerdócio, ou seja, não há superioridade de uns sobre outros, mas uma distinção; alguns são chamados pela igreja ao exercício público do sacerdócio [...] Para Lutero, toda pessoa cristã faz parte do sacerdócio de Cristo e é chamada ao exercício de sua vocação para o bem do próximo [...] Defendeu uma ética não desassociada da fé, mas que, oriunda dela, confere uma identidade ‘excêntrica’, que leva a pessoa cristã a voltar-se efetivamente em direção do seu próximo. Nesse sentido, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se desdobra no bom testemunho da igreja enquanto Cristo presente na realidade concreta.¹³¹

Essa concepção rompe teologicamente com a distinção hierárquica entre clérigos (pessoas ordenadas pela igreja) e pessoas leigas¹³² e aponta para a valorização de todas as formas de serviço, compreendendo a igreja como um corpo, no qual todos os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, independente do sexo, raça, etnia, idade ou gênero, são membros com funções indispensáveis para o bom funcionamento desse corpo (Rm 12.4-5). “Todas as atividades que as pessoas exercem devem ser percebidas como forma de servir à comunidade, promovendo pessoas, da mesma forma como os membros de um corpo servem um ao outro.”¹³³

¹²⁹ WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética crista a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. *Estudos Teológicos*, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017, p. 23. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2936/pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

¹³⁰ WACHHOLZ; SELL, 2018, p. 82.

¹³¹ WACHHOLZ; SELL, 2018, p. 83-84.

¹³² LUTERO, Martinho. Do cativo babilônico da Igreja. *In: Obras Seleccionadas*, v. 2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, p. 390.

¹³³ WACHHOLZ; SELL, 2018, p. 79.

Para as mulheres, em especial, essa concepção possibilitou importantes mudanças, já que antes dela sua participação estava restrita e reduzida, especialmente em relação ao exercício público de seu ministério. Tertuliano (160-220 d.C.), por exemplo, identificava como “heréticas as mulheres que ensinam, participam de disputas teológicas ou retóricas, exorcizam, curam e batizam [...] e acusava de procaces (atrevidas, insolentes, desfreadas) as que exerciam ministério publicamente.”¹³⁴ Por séculos, diferentes argumentos teológicos foram usados para legitimar a inferiorização e exclusão das mulheres na Igreja até a Idade Média.¹³⁵

Segundo Karen Bergesch, a compreensão do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes foi muito importante para iniciar um processo que visa reverter essa situação, pois possibilitou às mulheres, paulatinamente, reocuparem de forma ativa os espaços na sociedade, na igreja e nas relações sociais. Ela afirma que:

[...] o pensamento teológico de Lutero sobre o sacerdócio universal de todos os crentes gerou e gera participação. Muitas mulheres se sentiram chamadas, incluídas nesse movimento religioso. Por isso escreveram seus pensamentos teológicos, divulgaram em seu meio as novas ideias de fé e, corajosamente, iniciaram trabalhos sociais junto a pessoas necessitadas.¹³⁶

Ainda assim, a chamada teologia da igualdade “não alterava as normas de gênero na igreja ou na sociedade.”¹³⁷ Há diferentes limites culturais e históricos que oferecem resistências à participação de mulheres na igreja e na sociedade. Através do uso de diferenças físico-biológicas e referenciais bíblico-teológicos segue-se reproduzindo e mantendo a dicotomia de gênero e a divisão sexual do trabalho, apesar dessas práticas não serem condizentes com o Evangelho no qual se crê e ao qual se quer propagar em fidelidade. Portanto, a vivência do Sacerdócio Geral, em coerência com a teologia descrita por Lutero, ainda está em processo de concretizar-se. Desse processo todas as pessoas cristãs participam e são corresponsáveis.

¹³⁴ DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: uma tradição da Igreja. In: DEIFELT, Wanda; MOTA, Sonia; SCHUCHARDT, Ketlin Laís. *Em memória delas: Mulheres na Reforma Protestante*. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 20.

¹³⁵ Argumentava-se, por exemplo, que nenhuma mulher teria feito parte do grupo dos doze discípulos e que por Jesus ter sido homem, o ser humano masculino estava mais próximo da divindade do que o ser feminino. Veja: DEIFELT, 2016, p. 20. Outro argumento, segundo Ivone Gebara e Rosemary Ruether, é o de que a mulher seria “a parte caída do homem” e a responsável pela origem do mal e pecado, como Eva. Veja: RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1993, p. 85. Veja: GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 31.

¹³⁶ BERGESCH, 2017, p. 105.

¹³⁷ STJERNA, 2017, p. 39.

As habilidades e capacidades que temos são concedidas por Deus, através de seu Santo Espírito, mas do despertar, reconhecimento e aperfeiçoamento das vocações participa toda a comunidade. Uma vez que os dons são derramados igualmente sobre homens e mulheres, as oportunidades de desenvolvê-los e aperfeiçoá-los também necessita ser justa e igualitária. Portanto, o Sacerdócio Geral está vinculado à realização e ao crescimento coletivo e pessoal de todas as pessoas. É prática que perpassa todo o viver e que santifica através da fé em Jesus Cristo e do que é realizado em nome dela nos diferentes âmbitos da vida, onde a igreja acontece.¹³⁸

4.2 FÉ QUE CONVOCA E ANIMA PARA SERVIR

O centro da vida de e em comunidade é a fé no Deus que é Pai/Mãe, Filho e Espírito Santo. A fé é o que promove o encontro entre Deus e as pessoas cristãs. Ela não é algo que se possa conquistar por esforço próprio, mas é dádiva de Deus provocada e concedida pelo Espírito Santo. Essa fé acontece por meio de Cristo, por meio da Palavra que é o próprio Cristo. “Cristo é, portanto, o centro e o critério de toda a Palavra.”¹³⁹ Nele, Deus se revelou ao mundo e através da morte e ressurreição, possibilitou reconciliação e esperança de salvação e vida eterna. Ou seja, “a cruz é, então, o caminho, a ponte da fé em Deus.”¹⁴⁰ Conforme Trudi Bublitz, é essa fé que

¹³⁸ A igreja como evento é uma formulação do teólogo Vítor Westhelle. A partir da divisão tripartite de Igreja, Economia e Política, Vítor descreve a Igreja, primeira instituição estabelecida por ordem divina, como um espaço híbrido onde as pessoas se reúnem pela anunciação da Palavra de Deus e sua Promessa de estar presente materialmente nos elementos dos sacramentos. Igreja é assim constituída por sua interface com a casa (economia) e a rua (política), não podendo, no entanto, ser resultado de esforços humanos. Igreja é ação de Deus, tendo na cruz sua marca e evento estabelecedor. Nesse sentido, o autor defende que a igreja precisa ser/estar adjacente à dor e às feridas do mundo e que ela acontece na realidade conjuntiva e simultânea de exposição (pautada no Evangelho) e abrigo (que é o próprio Evangelho). Veja em: WESTHELLE, Vítor. O sacerdócio de todas as pessoas crentes: Martim Lutero e a igreja de Adão. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2017.

¹³⁹ ADAM, Júlio César. Homilética da Reforma – Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. *Reflexus*, Vitória, Ano IX, n. 16, p. 210-233, 2016, p. 217. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/425>. Acesso em: 9 set. 2020.

¹⁴⁰ WACHHOLZ, Wilhelm. Somente a fé: confessionalidade luterana. *Portal Luteranos*, maio 2012, online. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/somente-a-fe>. Acesso em: 28 out. 2020.

“[...] auxilia na caminhada de vida, fortalece, nos dá força para as lutas do dia a dia, e acima de tudo, nos enche e preenche de esperança.”¹⁴¹

A palavra fé aparece 217 vezes nas histórias de vida, o que mostra que, para essas mulheres, a confiança em Deus é essencial. A história de Dulci Schuchardt aponta para isso:

Dulci diz que a fé é a coisa mais importante na vida. Em tudo que faz, ela crê que vai acontecer. A igreja é um local para alimentar a fé e é para isso que ela vai até lá. Quando a fé está alimentada, ela se sente mais segura. Dulci diz que vai à igreja com a sua forma de ser, da forma como ela é, e que lá busca alimento para ser uma pessoa melhor e para poder ajudar as pessoas que ela pensa estarem mais afastadas de Deus. Ressalta que a nossa fé pode ajudar as pessoas que estão mais afastadas da igreja para que possam se sentir chamadas a participar.¹⁴²

A igreja é afirmada pelas mulheres como um espaço de refúgio e encontro das pessoas que creem, onde através da palavra recebida por meio da pregação do Evangelho e da administração dos sacramentos, a fé é fortalecida, “alimentada”. Ao registrar a história de Christina Schmidt, Isolete Marcia Follmer menciona: “Christina ressalta a convivência com outros irmãos e irmãs de fé e o ouvir da palavra de Deus como um aspecto importante na vida comunitária.”¹⁴³ Os testemunhos também afirmam que a Palavra desloca, gera algo nas pessoas. Hadi Ruppel conta: “Eu cresci muito através da Palavra de Deus. Leio muito a Bíblia porque ela me dá força, ânimo, alegria. A palavra renova nossa mente, abre os horizontes.”¹⁴⁴

Na fala das mulheres, a igreja e os diferentes espaços comunitários são possibilidades de vivenciar, experimentar, anunciar e testemunhar o Evangelho no qual creem. Para Esther Lietz, “igreja é [...] um espaço de união, amor e respeito, onde aprendemos a acolher e respeitar quem é diferente [...] A fé em Deus nos ensina a

¹⁴¹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Trudi Bublitz*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-trudi-gertrudes-bublitz>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴² PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Dulci Schuchardt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/dulci-schuchardt>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴³ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Christina Schmidt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 mar. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-christina-schmidt>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴⁴ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hadi Ruppel*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 8 set. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hadi-ruppel. Acesso em: 9 nov. 2020.

acolher com gratidão tudo o que recebemos, a celebrar as dádivas e a amadurecer e aprender com o sofrimento.”¹⁴⁵ Esses testemunhos e experiências de fé, conforme aponta Marlene Fuerstenau, não podem ser restritos aos espaços religiosos, mas devem sinalizar para uma igreja que é “adjacente”¹⁴⁶ à dor e as feridas do mundo.

A igreja está inserida na sociedade civil; por isso a nossa responsabilidade não se limita tão somente a manter as nossas comunidades: precisamos promover vida digna em favor de todas as pessoas [...] A nossa grande missão, portanto, é testemunhar o amor de Deus através da palavra e da ação, tendo, então, como meta principal a transformação do indivíduo e da sociedade.¹⁴⁷

Nas narrativas se faz presente a compreensão de que, em todos os tempos e lugares, pelo poder do Espírito Santo, “[...] somos todos e todas abençoados com dons e habilidades.”¹⁴⁸ Conforme Lucia Kirst Klein: “Deus dá capacidade, talentos e dons para que os usemos para Sua honra e glória.”¹⁴⁹ Esses dons são diversos, recebidos como dádiva, desenvolvidos comunitariamente e cuja finalidade é servir à Missão de Deus. Conforme reitera Ana Maria Brackmann:

Na comunidade ou qualquer outra instância o trabalho não pode ser individual, almejando destaque pessoal [...] Não somos eleitos para exercer cargos, mas para através de uma função servir a Deus com alegria e desprendimento. Estamos todos num barco a vela, quem sopra o vento para impulsioná-lo é o próprio Deus [...] ao trabalhar em equipe somos líderes, agregando outras pessoas, com mais ou menos dons, pois o convívio alegre e descontraído faz com que os dons apareçam e se desenvolvam. Todos,

¹⁴⁵ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Esther Lietz*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 27 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-esther-lietz>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴⁶ Vítor Westhelle usa o termo adjacência para descrever a realidade da igreja localizada entre os limites do doméstico (economia) e público (política). A realidade da igreja como adjacência é descrita como um espaço entre espaços, fronteiro, que possibilita hospedar e ser hóspede para aquelas e aquilo que nos é diferente. Permite encontros, é possibilidade de abrigo, mas também nos remete à exposição. É espaço de pertença, mas também de deslocamento. Veja: WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017, p. 151-163.

¹⁴⁷ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marlene Fuerstenau*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 31 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-marlene-fuerstenau>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴⁸ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Glaci Sieben*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 ago. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-glaci-sieben. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴⁹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lucia Kirst Klein*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 21 abr. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-kirst-klein. Acesso em: 9 nov. 2020.

desde o mais humilde, são chamados para a seara do Senhor. Dar oportunidade, motivar, despertar dons é muito gratificante.¹⁵⁰

As histórias de vida evidenciam que a fé alcança, transforma, capacita, motiva e movimenta as mulheres, cujo desejo é “[...] que todas as pessoas conheçam Jesus Cristo e que trabalhem igualmente pela sua Missão aqui na Terra, com direitos iguais e espaços igualmente reconhecidos, independentemente de raça ou gênero.”¹⁵¹ Para isso, colocam suas vidas à disposição para servir e ser igreja, conscientes de que a fé não as torna imunes às situações de dor e outros sofrimentos, mas as fortalece para lidar com elas e as faz querer superá-las e transformá-las em diferentes tempos e lugares.

Ser e viver igreja de Jesus Cristo no mundo requer o engajamento de muitas pessoas e pressupõe que a fé seja constantemente fortalecida, promovida e estimulada. No testemunho das mulheres, a fé é fortalecida e testemunhada, entre outras coisas, através de uma relação íntima e diária com Deus e de práticas cotidianas de amor e serviço às pessoas.

4.2.1 Diaconia: uma ação da fé

A análise das histórias de vida evidenciou que uma das características da presença das mulheres na Igreja é a forma como colocam sua fé em ações práticas. Essas ações, motivadas pela fé e realizadas em favor de pessoas que se encontram em situações de sofrimento e vulnerabilidade social, cujo objetivo é a transformação dessas situações e o estabelecimento de um estado de justiça, caracterizam a diaconia. Em Jesus Cristo, a diaconia é transformada na identidade da igreja cristã, passando a ser reconhecida como uma atitude de fé e, portanto, uma das premissas do ser pessoa cristã.

A fé em Deus necessita exortar ao amor cristão e para Lutero, o amor é fruto da fé. No texto “Da liberdade Cristã”, escrito em 1520, o reformador desenvolve que, “por meio da fé as pessoas cristãs são livres; são senhoras de tudo e não estão submissas a nada ou a ninguém. Ao mesmo tempo, por amor são servas e se

¹⁵⁰ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Ana Maria Brackmann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 fev. 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ana-maria-brackmann. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁵¹ PORTAL LUTERANOS, 22 jan. 2015, on-line.

encontram ao serviço de tudo e de todas as pessoas e estão submissas a tudo e a todas as pessoas.”¹⁵² Ou seja, a fé conduz ao serviço, ao cuidado e a práticas de amor, assim como Cristo fez. Como afirma Darci Becker Maas, “[...] por esse cuidado, de sorrir com as alegrias, de motivar a esperança e de cuidar e de enxugar as lágrimas é que somos comunidade.”¹⁵³

Entre vós sou como um que serve a mesa. (Lc 22.27). Nessa passagem Jesus descreve sua atividade como um serviço. A atuação de Jesus é marcada por ações realizadas para auxiliar e beneficiar não a si próprio, mas as outras pessoas. Os testemunhos bíblicos registram que Jesus Cristo foi essencialmente alguém que serviu e que se empenhou em ensinar a necessária disposição de renunciar à glória e ao poder para quem o seguia. Segundo Rodolfo Gaede Neto:

A diaconia se define como sendo a renúncia ao poder exercido sobre as pessoas, como negação desse poder. Ela é a confissão do poder único de Deus. É a manifestação da obediência unicamente à vontade de Deus. Por isso, a diaconia nega a hierarquia e afirma o poder serviço.¹⁵⁴

Nessa perspectiva, a partir da interpretação do texto de Marcos 10.35-45, o qual considera central para a diaconia, o autor defende que as ações de Jesus, para além da crítica ao poder que domina e gera opressão e morte, oferecem soluções práticas para as situações de injustiça. Rodolfo Gaede Neto afirma:

A atitude de acolhimento, cura, defesa e apoio por parte de Jesus sempre contém o aspecto prático, no sentido terapêutico, de reestabelecimento do corpo, de inclusão, de resgate da dignidade humana. Contém o elemento da crítica ao sistema que gera opressão e morte; ao mesmo tempo, contém o anúncio de formas alternativas, de possibilidades de recomeço a partir de princípios de humanidade, dignidade, participação, partilha, aceitação, comunhão.¹⁵⁵

A autoidentificação de Jesus como quem veio para servir (Lucas 22.27) ressignificou o sentido da palavra grega *διακονία* (*diakonia*), traduzida para o português como serviço. No contexto em que o Novo Testamento foi produzido, a

¹⁵² LUTERO, Martim. *Da liberdade cristã*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 7.

¹⁵³ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Darci Becker Maas*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 27 nov. 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-darci-becker-maas. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁵⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuições para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001, p. 183.

¹⁵⁵ GAEDE NETO, 2001, p. 185.

diaconia estava relacionada a tarefas entendidas como menos importantes e que eram realizadas por pessoas marginalizadas.

Na Grécia antiga, as pessoas que serviam a mesa praticavam o que se entendia na época como diaconia. Quem 'normalmente' fazia esse trabalho eram as mulheres, escravos e escravas e pessoas contratadas para essa finalidade. Os homens livres não faziam esse tipo de trabalho. Eles eram os chefes da família, responsáveis por assumir cargos políticos, religiosos e militares. Ou seja, a palavra diaconia era usada para fazer referência ao trabalho braçal, realizado por pessoas consideradas culturalmente e legalmente como seres inferiores aos homens livres.¹⁵⁶

Quando Jesus é enviado como cumprimento da promessa feita por Deus, assume seu reinado colocando-se como fiel servo. “É esse o pressuposto a partir do qual se torna compreensível porque as palavras que afirmam que Jesus é Servo vêm acompanhadas da indicação de que também lhe competiria que lhe servissem.”¹⁵⁷ Ou seja, Jesus serve, mas também permite que o sirvam. Dessa forma, o sentido da palavra diaconia é transformado quando Jesus identifica seu ministério como um ministério diaconal.

Diaconia deixa, então, de ser compreendida como um ato de submissão (servir a mesa, cumprindo uma tarefa definida por alguém) e passa a ser compreendida como um ato de libertação (serviço que empodera e transforma os lugares de exclusão em espaços de comunhão).¹⁵⁸

Jesus assim transforma a diaconia na própria identidade da Igreja. Rosane Pletsch, fazendo referência a Hans Christoph von Hase, reitera que “a dimensão diaconal é inerente à comunidade cristã; o serviço expressa sua identidade [...] comunidade cristã que não serve, que não é diaconal não é comunidade cristã.”¹⁵⁹ Kjell Nordstokke também se refere a diaconia como um conceito eclesiológico que expressa a sua natureza servidora. Para ele, “comunidade cristã tem, por natureza, uma estrutura diaconal. Se não a tiver, deve ser questionada quanto a sua autenticidade.”¹⁶⁰

¹⁵⁶ BRUN, Marli; KROB, Daniéli Busanello. *Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora: superando violências e preconceitos*. Portão: Gráfica Schuch, 2016, p. 9. Disponível em: <https://fld.com.br/publicacao/caderno-justica-de-genero-e-diaconia-transformadora/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

¹⁵⁷ BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell (org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 21.

¹⁵⁸ BRUN; KROB, 2016, p. 9.

¹⁵⁹ PLETSCHE, Rosane. *Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania*. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004, p. 161.

¹⁶⁰ NORDSTAKKE, Kjell. *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 59.

Um importante aspecto que difere a diaconia de outras práticas de cunho assistencialistas é a própria fé. Segundo Kjell Nordstokke, “a motivação para o serviço diaconal não é um simples amor humanitário, mas ela vem do amor recebido de Deus. (‘Nós amamos porque ele nos amou primeiro...’)”¹⁶¹ Diaconia, assim, se apresenta como uma atitude de fé e que só é possível a partir da fé. A diaconia, nas palavras de Sissi G. Rieff:

Constitui premissa para o discipulado cristão e acontece como uma resposta-ação para com a diaconia de Deus, manifestada sobretudo na encarnação de seu filho. A diaconia cristã é legítima enquanto estiver ligada pela fé a Deus, diferenciando-se de ações humanitárias exatamente nesse aspecto.¹⁶²

Mesmo sendo a igreja diaconal parte da essência do cristianismo, o legado sociocultural que associa as mulheres aos serviços de cuidado fomentou a ideia de diaconia como tarefa essencialmente feminina.¹⁶³ Disso decorre, conforme Rosane Pletsch, que na IECLB “[...] 72,2% das pessoas que desenvolvem ações diaconais na Igreja são mulheres.”¹⁶⁴ Para ela, isso não significa que as mulheres “[...] atuam na área social somente porque isso lhe foi delegado e sobreposto.”¹⁶⁵ Pelo contrário, a autora destaca a postura ética-cristã coerente das mulheres, que demonstram ter consciência das injustiças sociais e que optam por não viver centradas em si mesmas.

Contudo, conforme aponta Márcia Eliane L. da Paixão, é necessário assumir e refletir sobre os processos históricos que levaram à feminização da diaconia e desconstruir ideias que vinculam ações diaconais “com sacrifício, com abnegação de si, com renúncia ao prazer em prol da vontade dos outros.”¹⁶⁶ É fundamental retomar e aprofundar o aspecto libertador da diaconia como ação de amor, de misericórdia e enfatizar que o convite para esse exercício é para todas as pessoas cristãs. Essas reflexões e transformações são necessárias, pois como afirma Márcia Eliane L. da Paixão:

¹⁶¹ NORDSTOKKE, 1995, p. 73.

¹⁶² RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999, p. 41.

¹⁶³ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Diaconia e Gênero. In: CUYATTI, Patrícia; SCHAPER, Valério Guilherme (ed.). *Diaconía: la transformación en las manos de Dios*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2017, p. 72-73. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

¹⁶⁴ PLETSCHE, 2004, p. 156.

¹⁶⁵ PLETSCHE, 2004, p. 158.

¹⁶⁶ PAIXÃO, 2017, p. 73.

Quando o discurso teológico enfatiza essa teologia do servir para a diaconia e não apresenta a proposta libertadora de Jesus contida na diaconia, a igreja legitima a ideologia patriarcal, as estruturas de dominação onde algumas pessoas são chamadas para servir e outras pessoas para exercer poder.¹⁶⁷

O expressivo número de narrativas que mencionam diferentes ações diaconais, nas histórias de vida da Campanha, reitera que as mulheres têm assumido a incumbência de testemunhar o amor de Jesus ao mundo através de suas ações. Contudo, o desafio de superar a ideologia que sustenta ser a diaconia e o cuidado trabalho inerente à condição de ser mulher ainda está colocado para a igreja e sociedade. Diante disso, toda a igreja é convocada a seguir refletindo e transformando-se, pressupondo que “na perspectiva de gênero e do ponto de vista da fé cristã, toda a comunidade cristã precisa ser motivada para assumir sua responsabilidade social.”¹⁶⁸

4.2.2 Compromisso e participação na Educação Cristã

Através do Batismo, as pessoas são incorporadas na comunidade cristã (Efésios 2.19) e no corpo de Cristo (I Coríntios 12.12-13). Tornam-se filhos e filhas de Deus, que as chama para trilhar uma nova vida, pois, mediante a obra redentora do Cristo na cruz as pessoas batizadas são inseridas na própria vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo (Romanos 6.3-4).¹⁶⁹ A pessoa batizada necessita de cuidados e instruções na fé. Por isso o batismo acontece dentro de uma comunidade, que se compromete em acompanhar, orientar e ajudar a outra pessoa a compreender e viver o seu Batismo. Ainda que pais, mães, padrinhos e madrinhas recebam, de forma especial, a incumbência de acompanhar a pessoa batizada, essa continua sendo uma responsabilidade de toda a comunidade de pessoas crentes.

Conscientes desse compromisso batismal, mulheres têm acompanhado, instruído e sido exemplo para a caminhada de fé de muitas pessoas. Em diversos relatos, mulheres são mencionadas como aquelas que introduzem hábitos, orientações e que conduzem familiares e outras pessoas à participação na

¹⁶⁷ PAIXÃO, 2017, p. 74.

¹⁶⁸ PLETSCHE, 2004, p. 158.

¹⁶⁹ “Pelo Batismo participamos da vida, morte e ressurreição de Cristo por nós. Somos marcados por sua cruz, que é a vitória sobre o nosso fracasso e o ponto de partida para um novo começo”. Veja em: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé – Nossa Vida: guia da vida comunitária na IECLB*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 19. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/nossa-fe-nossa-vida>. Acesso em: 13 dez. 2020.

comunidade. Seus exemplos e testemunhos de fé inspiram e influenciam as gerações que as sucedem.

Adriane Cechinel da Silva conta: “Participava com frequência de todas as atividades com minha mãe, com quem aprendi e desenvolvi minha educação cristã.”¹⁷⁰ Na história de Frida Harckbaerdts Butzke, escrita por Elenir Butzke Agner, lemos que Frida “[...] transmitiu a seus filhos e a suas filhas o hábito de orar e a praticar a leitura da Palavra de Deus e ensinou-lhes quem é Deus.”¹⁷¹ Ao registrar a história de sua mãe, Hermengarda Kant, Marly Selma Kant Grossmann escreve:

Sempre vi minha mãe muito ligada à Igreja [...] minha mãe foi uma grande líder comunitária e batalhou para que se instalasse um ponto de pregação na localidade, o que aconteceu, realmente [...] fomos, todas as gerações descendentes dela, influenciadas por sua prática.¹⁷²

Na experiência de Eliane Maria Koch, o incentivo veio de uma tia. Ela menciona: "Fui criada por uma tia católica, Susana Schneider (*in memoriam*). Ela participava de grupos de igreja e desde pequena me ensinou que devemos amar o próximo como a nós mesmas."¹⁷³ Para Marlene Fuerstenau, o incentivo e exemplo vieram de uma amiga. Ela conta: “A partir dos 11 anos de idade comecei a ler a Bíblia, inspirando-me no exemplo de uma amiga, que não dormia sem ler pelo menos um versículo.”¹⁷⁴ Há também relatos, como o de Mirian Eberhardt Alves, no qual a referência são as avós.

Tenho lembranças muito fortes de vivências com a minha avó Ana, que influenciaram e serviram de alicerces para a minha vida de fé: por exemplo, todas as noites ela orava em voz alta em seu quarto e pedia que eu a acompanhasse. Cantava pequenos corinhos, alguns deles em alemão, que falavam de fé e confiança em Deus. Hoje vejo que isso foi fundamental, pois creio na boa semente e no crescimento no devido tempo.¹⁷⁵

¹⁷⁰ PORTAL LUTERANOS *História de vida de Adriane Cechinel da Silva*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 31 jul. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-adriane-cechinel-da-silva>. Acesso em: 16 nov. 2020.

¹⁷¹ PORTAL LUTERANOS, 16 nov. 2014, on-line.

¹⁷² PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hermengarda Kant*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 28 nov. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-hermengarda-kant>. Acesso em: 16 nov. 2020.

¹⁷³ PORTAL LUTERANOS, 8 jan. 2016, on-line.

¹⁷⁴ PORTAL LUTERANOS, 31 ago. 2015, on-line.

¹⁷⁵ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Mirian Eberhardt Alves*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 26 out. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-mirian-eberhardt-alves>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Seguindo o exemplo de suas antecessoras, mulheres luteranas seguem assumindo a incumbência e tarefa de introduzir e incentivar uma vida de fé ativa, especialmente em relação à sua família. Magali Lülke Pazda escreve: "Sempre incentivo meus filhos a terem uma vida cristã ativa [...]. Espero ver minha família ainda mais participativa na comunidade."¹⁷⁶ Todos esses relatos demonstram o compromisso e engajamento das mulheres para com a continuidade da fé cristã.

Além disso, a tabela sobre os dados e funções de lideranças assumidas por mulheres na IECLB, aponta para um expressivo número de mulheres que assumem espaços destinados à formação e educação cristã de crianças e jovens na Igreja, especialmente através do serviço como orientadoras no Culto Infantil e Ensino Confirmatório. Se, por um lado, isso remete à visão conservadora de que à mulher é permitido e atribuído a tarefa de educar crianças, não se pode desconsiderar que se trata de uma tarefa que exige e possibilita capacitação teológica continuada.¹⁷⁷

Na perspectiva do Sacerdócio Geral não há nada de errado com o fato das mulheres ensinarem histórias bíblicas, hinos, orações e incentivarem a participação nos eventos e espaços religiosos. Pelo contrário, essas são atitudes esperadas de todas as pessoas cristãs como parte do seu compromisso de fazer discípulos e discípulas. Constato, no entanto, a necessidade de haver mais homens assumindo essa incumbência de forma conjunta. Adriane Cechinel da Silva escreve: "Sinto a falta da participação do meu pai na minha educação cristã, pois a sua participação se dava somente em datas especiais, como no batizado e na confirmação."¹⁷⁸

O Sacerdócio Geral afirma que todos os serviços são indispensáveis e que o pressuposto para assumi-los deve ser a vocação, o chamado de Deus e não o gênero

¹⁷⁶ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Magali Lülke Pazda*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 21 set. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-magali-lulke-pazda. Acesso em: 13 dez. 2020.

¹⁷⁷ A IECLB possui um Plano de Educação Cristã Continuada, cujo objetivo é "orientar, teológica e pedagogicamente, todas as instâncias da IECLB na avaliação, no planejamento e na execução de ações de educação cristã para todas as fases da vida, com vista ao melhor cumprimento da missão de Deus." Veja: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2011, p. 13. Além disso, a IECLB possui uma Coordenação de Educação Cristã, que integra a Secretaria de Ação Comunitária, através da qual produz e oferta materiais didáticos como forma de subsidiar na elaboração dos encontros com crianças e adolescentes. Veja em: PORTAL LUTERANOS. *Educação Cristã Contínua*. On-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/organizacao/missao-formacao-educacao-crista>. Acesso em: 12 dez. 2020.

¹⁷⁸ PORTAL LUTERANOS, 31 jul. 2015, on-line.

das pessoas. Portanto, o Sacerdócio precisa oportunizar que a boa diversidade da criação de Deus esteja representada em todos os âmbitos da vida. A divisão paritária de gênero, nos diferentes serviços, é uma expressão de justiça e da construção de relações justas. Quando a percepção desse chamado é condicionada por uma cultura patriarcal, que priva as pessoas de assumirem determinados espaços ou funções por causa de seu gênero, ela precisa ser questionada, pois é injusta e não condiz com o Evangelho de Jesus Cristo.

Para que essa justiça se concretize, faz-se necessário oportunizar que diferentes dons sejam despertados, desenvolvidos e compartilhados por homens e mulheres. É preciso repensar as dinâmicas para que haja mais representatividade de mulheres em espaços de liderança, mais representatividade de homens em serviços de cuidado, em ações de responsabilidade social e para que o compromisso com a educação cristã, em todas as fases da vida, seja assumido em parceria por todas as pessoas.

A fé em Jesus Cristo convoca para transformar realidades injustas, que causam sofrimentos e que não promovem vida digna para as pessoas. Diante das adversidades e dos desafios que surgem, ou que são criados em relação às mulheres, elas encontram forças e possibilidades para seguir praticando e testemunhando dessa fé. As mulheres se apoiam, ajudam e se educam. Nesse caminhar juntas, redescobrem que a força e a liderança das mulheres não se constroem individualmente.

4.3 CUMPLICIDADE E EMPODERAMENTO PARA SEGUIR SENDO IGREJA DE JESUS CRISTO NO MUNDO

Quando imperam estruturas dominantes, como o sistema patriarcal, que fazem vigorar injustiças e corroboram para relações distorcidas e divergentes daquelas que Deus tem anunciado, a cruz de Cristo nos convoca a subversão das mesmas e a reimaginar formas de ser igreja frente às injustiças. Consciente de que, por vezes, as pessoas estão muito imersas e envolvidas nessas redes de dominação, Karen L. Bloomquist propõe enxergar, recordar e conectar como práticas-chave para subverter essas estruturas e para ser uma igreja que serve e se orienta pela cruz de Cristo. Segundo ela:

Isso exige resistir ao desejo tal como se tem construído e abrir-se para o surgimento de desejos alternativos, desejos que ligam o ‘meu’ bem com o bem dos demais [...] ao invés de procurarem ser igrejas autossuficientes, buscar uma interrelacionalidade; trocar nossa força e conhecimento por mais vulnerabilidade; ter abertura para escutar e aprender dos outros e, mais ainda, permitir que sejamos transformados pelos que são diferentes de nós, em vez de falar e ensinar aos outros, substituindo a arrogância do império e as teologias do sucesso pelas atitudes de humildade moldadas pela teologia da cruz.¹⁷⁹

O sistema patriarcal fomenta relações de disparidade entre os gêneros e para isso faz uso de diferentes estratégias. Uma delas é o incentivo cultural da rivalidade entre as mulheres, seja por motivos estéticos, pelos hábitos diários, pela forma como vivem a sexualidade, pelos cargos que ocupam ou pela condição financeira que possuem. Isso, para evitar que as mulheres se (re)conheçam como capazes de ajudar e apoiar umas às outras. Segundo Tea Frigerio, o discurso de rivalidade acaba sendo naturalizado e cotidianamente internalizado, por exemplo:

[...] por ditados e provérbios de que sogra e nora são inimigas; sobre a esposa traída que culpabiliza outra mulher; sobre a índole e a preferência das mulheres em escolher para cargos homens; sobre grupos e comunidades de mulheres que alimentam a dependência espiritual e teológica de figuras masculinas; o antagonismo entre mulheres e a falta de confiança entre elas.¹⁸⁰

Para Marcia Blasi, contrapor esses discursos de rivalidade e fomentar redes de apoio e cuidado entre as mulheres é um desafio e uma necessidade que está colocado para as igrejas e teologias. Isso implica, entre outras coisas, que “a competitividade aprendida pelas mulheres, ensinada nos púlpitos e até nos grupos de mulheres, utilizada pelo sistema patriarcal para justificar a ‘dificuldade’ de mulheres trabalharem juntas, precisa ser desconstruída.”¹⁸¹

Dar-se conta das estratégias patriarcais de dominação corresponde à ação que Karen L. Bloomquist define como enxergar, ou seja, perceber, através da verdade de Deus, o que nem sempre os olhos são capazes de ver ou compreender. “Enxergar

¹⁷⁹ BLOOMQUIST, Karen L. Modos subversivos de ser igreja: enxergar, lembrar, conectar. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2017, p. 337.

¹⁸⁰ FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres: construir solidariedade a partir do livro de Rute*. São Leopoldo: CEBI, 2007, p. 12.

¹⁸¹ BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017, p. 120. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/811/1/blasi_m_td167.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

[...] é reconhecer a verdade do Verbo que se fez carne, uma verdade dinâmica que desafia pressupostos, sistemas e estruturas de privilégio.”¹⁸² Enxergar essa situação, ajuda a compreender seus efeitos sobre as vidas das pessoas e motiva para que as mulheres percebam-se como companheiras ao invés de rivais. Enxergar torna possível reconhecer umas nas outras as próprias fraquezas, opressões, julgamentos, dores, mas também as forças e virtudes. Remete a olhar mais para o que aproxima e menos para o que difere.¹⁸³

No âmbito da Campanha, são narradas memórias em que irmanar-se com outra mulher, por necessidade ou por iniciativa própria, significou novas possibilidades e transformações. Hedwig Brehm relata: “Em 1996, recebi o convite de minha cunhada para participar da OASE. Desde lá formei um grupo de amigas na OASE, e hoje não imagino a minha vida sem a presença destas irmãs.”¹⁸⁴ Também para Helga Milina Ghrös o convite aceito para se reunir e refletir com outras mulheres foi significativo e transformador. Em seu relato, ela destaca o quanto foi importante ouvir outras mulheres:

Fui convidada a participar dos encontros (da OASE) por uma amiga mais idosa, ela passava em frente de casa e me chamava para ir junto. Dizia para me aprontar que me esperaria. E assim, fui junto com ela muitas vezes [...] um dia, fomos convidadas para assistir uma palestra da Dorothea Seydel, em Tenente Portela [...] eu fiquei muito impressionada com o seu conhecimento bíblico, o qual ia mesclando com assuntos por ela trabalhados. A palestra serviu-me de inspiração e estímulo, deixando-me cada vez mais entusiasmada com a minha caminhada na OASE.¹⁸⁵

Aceitar um convite, por vezes, também só é possível porque outras mulheres revezam tarefas e oportunizam a saída para o encontro. Um exemplo pode ser visto

¹⁸² BLOOMQUIST, 2017, p. 333.

¹⁸³ Para isso tem se fomentado a prática da sororidade. Na definição de Lagarde y de los Rios, sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo que visa ausentar as hierarquias e fomentar relações paritárias. Objetiva que as mulheres se reconheçam como semelhantes para que realizem uma aliança, exigindo da sociedade a valorização das mulheres e o reconhecimento da igualdade, respeitando as diferenças, diversidades e especificidades de cada ser humano. Veja: LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. El feminismo em mi vida: hitos, claves y topias. Cidade do México: *Inmujeres*, 2012, p. 544-545. Disponível em: <https://www.anamatra.org.br/comissao-anamatra-mulheres/documentos-comissao-mulheres/29950-el-feminismo-en-mi-vida-hitos-claves-y-topias>. Acesso em: 1 out. 2020.

¹⁸⁴ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hedwig Brehm*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 abr. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-hedwig-brehm>. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁸⁵ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Helga Milina Ghrös*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 20 set. 2019, on-line. Disponível em: https://luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-helga-milina-ghros. Acesso em: 18 out. 2020.

na história de vida de Adélia Schenkel, coletada e registrada por Márcia Laux Blauth e Eliane Maria Koch. Adélia conta que “[...] sua cunhada Rejane Kopper veio algumas vezes do bairro Canudos (em Novo Hamburgo) até o Rincão para ficar e cuidar da sogra e das crianças para que ela pudesse participar do estudo da OASE.”¹⁸⁶

Os motivos que as levam a buscar o encontro com outras mulheres são diversos. A fé comum, a necessidade de ouvir e falar com outras mulheres, a possibilidade de deixar a casa e as tarefas domésticas por um tempo, de visitar e ser visitada pelas amigas, a busca por um tempo para relaxar e compartilhar vivências em comum. Na experiência de Irmgard Fuck Lautert e suas amigas, por exemplo, “[...] a dor da saudade da família foi um fator muito forte para elas se unirem em grupos de OASE e lá poderem compartilhar alegrias e tristezas nas suas casas ou debaixo de qualquer pé de manga, com um bom chimarrão.”¹⁸⁷

Os grupos e encontros, para muitas mulheres, se convertem em redes de apoio, cumplicidade, formação e incentivo. Ali elas são animadas e encorajadas umas pelas outras e umas com as outras. Edy Nelda Picoly conta que: “[...] a Sra Traude Ott veio me visitar e me convidou para ser a presidente da OASE Centro [...] Traude foi categórica, dizendo que iria me orientar se eu tivesse problemas.”¹⁸⁸ Eliane Maria Koch, ao registrar a história de Alice Paulina Petry Loesch também destaca que, “[...] quando (Alice) assumiu o cargo de Presidente, todas as senhoras disseram que iriam ajudá-la e apoiá-la nessa função.”¹⁸⁹

Entendo que esses encontros e trocas de experiências entre mulheres provocam algo semelhante ao que Karen L. Bloomquist descreve quando fala da experiência que é possibilitada ao recordar a memória de Jesus Cristo na eucaristia. Para ela, trata-se de “uma práxis baseada na empatia, na encarnação e na reciprocidade entre Deus e os seres humanos, evocando memórias dolorosas e

¹⁸⁶ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Adélia Schenkel*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 4 jul. 2016, on-line. Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-adelia-schenkel>. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁸⁷ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Irmgard Fuck Lautert*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 fev. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-irmgard-fuck-lautert. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁸⁸ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Edy Nelda Picoly*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 jul. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-edy-nelda-picoly>. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁸⁹ PORTAL LUTERANOS, 15 jan. 2016, on-line.

enfrentando-as bravamente, produzindo vida.”¹⁹⁰ A partir dos encontros, mulheres recordam, reconhecem e ressignificam dores, dão e recebem, produzem vida.

Claudeci Voigt relata que redescobriu o valor e a importância da fé e participação através de estudos bíblicos, conversas e orações que fazia com uma amiga.¹⁹¹ Carla Andrea Grossmann e Celi Tesche Germany contam que a partir do incentivo de uma ministra enxergaram possibilidades e recomeços em suas vidas.¹⁹² Anita Kramer Buss e Walmi Nienow encontraram força ao lembrar dos feitos e das histórias de suas antepassadas.¹⁹³ Arlete Maiberg descreveu como anjas outras mulheres que fizeram parte de seu caminhar.¹⁹⁴

Essa prática sororal que vem sendo ensaiada entre as mulheres, mas que não está livre de escorregar nas armadilhas do machismo estrutural, ainda não conseguiu romper com o jogo patriarcal que oprime, fomenta a disputa, subjuga e violenta as mulheres. Contudo, as histórias de vida de mulheres luteranas mostram que foi e tem sido absolutamente essencial para a sobrevivência e fortalecimento, a construção e reconhecimento de um “nós”. Um coletivo que diminui a dor da saudade, que incentiva e possibilita o acesso a espaços e cargos, que fomenta um pensamento crítico que resulta em novos olhares, consciências e realidades. Que se encontra para fazer brotar esperança e continuar o movimento.

Segundo Marcia Blasi, a sororidade é uma das maneiras possíveis para as mulheres experienciarem a graça de Deus. Ao refletir sobre a importância das redes, vínculos e pactos tecidos e construídos com outras mulheres durante sua trajetória de vida, ela afirma:

¹⁹⁰ BLOOMQUIST, 2017, p. 334.

¹⁹¹ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Claudeci Voigt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 7 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-claudeci-voigt>. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁹² PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Carla Andrea Grossmann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 mar. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-carla-andrea-grossmann>. Acesso em: 18 out. 2020; PORTAL LUTERANOS, 23 maio 2018, on-line.

¹⁹³ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Anita Kramer Buss*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 ago. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-anita-kramer-buss>. Acesso em: 18 out. 2020; PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Walmi Nienow*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 28 out. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-walmi-nienow. Acesso em: 18 out. 2020.

¹⁹⁴ PORTAL LUTERANOS, 17 abr. 2017, on-line.

Isso me fez pensar e lembrar os meus relacionamentos com mulheres. Lembrei as conversas com as avós enquanto remendavam roupas ou faziam crochê. Lembrei as horas ao lado do fogão à lenha tricotando histórias e silêncios com a minha mãe; de fazer cestos de bolachas antes do Natal na casa da avó materna para ela distribuir às amigas idosas. Lembrei o como foi difícil sair do círculo de mulheres na família e como foi bom encontrar e formar outros círculos em outros lugares. Dei-me conta que isso é sororidade vivida. Que esses círculos me sustentaram e sustentam até hoje. Isso é experiência de graça!¹⁹⁵

Esse “nós” construído pelas mulheres remete à terceira ação de que fala Karen L. Bloomquist: conectar. Significa restaurar relações e relacionamentos, tão necessário e essencial no processo de transformação das realidades. Joice Berth defende que é justamente nessa junção de indivíduos que se identificam a partir de uma experiência comum de exclusão, que se reconstróem e descontroem em um processo contínuo, dinâmico e coletivo, que resulta o empoderamento de pessoas contra os sistemas dominantes e excludentes, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todas as pessoas.¹⁹⁶

4.3.1 Poder-serviço ao invés de servir ao poder

Para compreender melhor o que quero dizer quando falo de empoderamento das mulheres, dedico-me inicialmente ao conceito de poder. Esse conceito tem sido interpretado de diversas formas, sendo mais frequentemente entendido como exercício de autoridade e de força. O poder se manifesta na dinâmica das relações humanas e é lá que podemos buscar melhor compreendê-lo. Conforme Wanda Deifelt, “dentro de uma visão hierárquica e autoritária de poder percebe-se o efeito que indivíduos ou grupos sociais exercem sobre os demais, baseando-se em seu privilégio e força.”¹⁹⁷

No pensamento de Michel Foucault o poder é entendido como algo exercido em rede, que circula, como uma relação dinâmica de estruturas e estratégias, que provém de todos os lugares. Foucault propõe uma análise que parte dos lugares que constroem as dinâmicas de poder, entendendo que o poder está distribuído entre as

¹⁹⁵ BLASI, 2017, p. 120.

¹⁹⁶ BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 42-43.

¹⁹⁷ DEIFELT, Wanda. Do paraíso ao inferno: gênero, simbolismo e poder. *In*: BLASI, Marcia *et al* (Org.). *Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe* – FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018, p. 26-27.

microrrelações diárias que sustentam as macroestruturas, das quais as pessoas são simultaneamente vítimas e agentes. Segundo ele:

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centro de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...] o indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui.¹⁹⁸

A definição de poder que conhecemos e vivenciamos hoje nos remete a relações hierarquizadas, pois se propõe a pensar o poder no sentido das influências que sofremos e que determinam padrões de comportamento para controle e condicionamento de pessoas e instituições. Portanto, o poder numa perspectiva hierárquica só pode ser injusto, pois, como aponta Wanda Deifelt, ele “priva pessoas de sua honra e dignidade.”¹⁹⁹ É nessa direção que Ivone Gebara aponta para a necessidade de repensar o poder como uma realidade humana constitutiva.

[...] o poder não é um ‘objeto’ que temos ou não, não é mercadoria à venda, mas em primeiro lugar uma realidade constitutiva do ser humano, um ‘algo’ sem o qual deixamos de existir, perdemos nossa condição de humano. Por isso é preciso repensar o poder como realidade antropológica fundamental, de cujo exercício depende nossa própria existência, nossa qualidade de ser e de nos situarmos no mundo.²⁰⁰

Repensar e questionar as relações de poder que partem de uma ideia e estrutura hierárquica é o cerne da discussão proposta por Joice Berth ao falar sobre empoderamento. Para ela o empoderamento é um instrumento de luta e conscientização social, cujo objetivo é a emancipação de grupos minoritários. Esse processo de empoderamento tem como base a necessidade de conscientização sobre diferentes aspectos que marcam as experiências de quem sofre a opressão. Para Joice, esse processo de empoderamento precisa, fundamentalmente, ser um processo simbiótico de conscientização individual e coletiva. Ao sintetizar o que entende ser o poder que necessita ser desenvolvido no processo de empoderamento, Joice Berth afirma:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento

¹⁹⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p.183-184.

¹⁹⁹ DEIFELT, 2018, p. 27.

²⁰⁰ GEBARA, Ivone. *Poder e não-poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 15-16.

de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre a sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor [...] para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade.²⁰¹

Nesse sentido, o empoderamento é um caminho, uma construção, cujo objetivo é conectar pessoas e criar ações para extinguir, ou pelo menos diminuir, as desigualdades que marcam uma sociedade que se estruturou e se mantém a partir de relações opressoras. Esse caminho de empoderamento, assim como o poder, precisa ser pensado, construído, desconstruído e distribuído coletivamente.

No âmbito da IECLB, tendo como pressuposto o Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes, se entende que poder precisa ser sempre poder para o serviço. Essa compreensão está ancorada na justificativa da liberdade cristã, pela qual se defende que pela fé as pessoas são livres e por isso não precisam se sujeitar a ninguém, mas pelo amor devem servir a todas as pessoas. Nessa definição de poder-serviço são propostas relações de partilha, de colaboração, que estimulem o compartilhamento e a força que vem do coletivo, do comunitário.

No poder-serviço, ao invés de dominar, ajuda-se a outra pessoa no que ela necessita, pois se compreende que quando se nega servir a uma pessoa, em verdade se está negando ao próprio Cristo (Mt 25. 35-45). Para Valério Guilherme Schaper, a cristologia da *kénosis* (Fp 2. 1-11) complementa essa noção de poder-serviço ao fornecer um fundamento teológico para pensar poder e participação buscando relações mais simétricas. Nela, “poder é entendido como um espaço para o crescimento de todas as pessoas no qual se abre mão de qualquer privilégio, como de cargo, de classe, de cor, de gênero.”²⁰² Isso porque o espaço provocado pelo esvaziamento de Cristo na cruz é interpretado como um espaço no qual a força do Espírito Santo possibilita que tudo e todas as pessoas possam tomar parte no Corpo de Cristo. Valério Schaper afirma:

²⁰¹ BERTH, 2018, p. 14.

²⁰² SCHAPER, Valério Guilherme. *Curso Comunidade em Missão*. Curso desenvolvido pelo Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe (InS). Módulo 3 (Conflito e Espiritualidade), Unidade 3 (Os recursos da espiritualidade cristã para a prevenção e mediação dos conflitos), São Leopoldo, 2020, p. 8. Veja mais informações em: PORTAL LUTERANOS. *Nova turma do curso Comunidade em Missão*. on-line, 5 maio 2020. Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/nova-turma-do-curso-comunidade-em-missao>. Acesso em: 9 nov. 2020.

O espaço de que se fala é justamente o Corpo de Cristo. O Corpo de Cristo é a força que centraliza as mais diversas comunidades possíveis. É o espaço para que cada pessoa possa ser [...] Não se trata somente de servir alguém, mas de estar disposto a uma relação que desloca todas as pessoas e as convida para que possam, a partir desse espaço, esvaziar-se (ir ao espaço criado por Cristo) para que todas as pessoas possam ser, para que todas as pessoas recebam poder a partir do centro da força (Espírito Santo). Todas as pessoas são convocadas ao espaço criado por Cristo. Elas são atraídas a ele e são acolhidas pelo batismo. Assim, todas as pessoas são animadas a desenvolver seus potenciais, aprendendo também umas com as outras, pois o poder não pertence a ninguém, mas é um espaço para que cada pessoa possa se empoderar.²⁰³

Tomar parte no Corpo de Cristo pressupõe confiança em Deus e, fundamentalmente, serviço às pessoas em prol da justiça e vida digna. Esse espaço é um convite para atuar como Jesus atuou. A diaconia de Jesus “[...] aconteceu para que se tornasse norteadora e diretriz para o agir dos discípulos [e discípulas].”²⁰⁴ Quando as pessoas servem, testemunham um sinal da presença e edificação do Reino de Deus e cumprem com a incumbência e envio recebidos no batismo.

Defendo, a partir do estudo aqui realizado, que as teologias criadas e recriadas por mulheres luteranas almejam edificar comunidades, sem negar as diferenças, mas que estimulem relações de parceria, possibilidades de desenvolver-se integralmente e na qual todas as pessoas sejam protagonistas, independente do espaço ou atividade que optem em servir. Conscientes ou não da incumbência que receberam no batismo, elas testemunham e provocam transformações nas suas e nas histórias de vida de outras pessoas.

Constato, através das histórias de vida, que as mulheres aproveitam e criam espaços para afirmar o desejo e a necessidade de ser igreja relacional, com abertura para a escuta e para o cuidado. Motivadas pela fé, acreditam e buscam força na coletividade e se alicerçam no poder que a cruz possibilita, para assim transformar a igreja “num ‘lugar’ para enxergar, recordar e conectar-se, para juntar o que está fragmentado, assinalando o que não é verdadeiro, permitindo-nos enxergar e atuar.”²⁰⁵

²⁰³ SCHAPER, 2020, p. 8-9.

²⁰⁴ BRANDT, 2003, p. 28.

²⁰⁵ BLOOMQUIST, 2017, p. 337.

5 CONCLUSÃO

Desde uma perspectiva teológica e hermenêutica feminista, que permite partir das experiências, questionar e suspeitar de métodos universais, objetivos e lineares de produzir conhecimento, proporciona-se novos modelos, conceitos e metodologias para a produção e reprodução de saberes. Ao considerar as histórias de vida de mulheres, nas quais as experiências são narradas, expressadas e valorizadas, realizo um exercício reflexivo e autotransformador que possibilita a tomada de consciência sobre o quanto as mulheres impactam teologicamente as suas próprias vidas, bem como as vidas de outras pessoas.

Através da Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, a IECLB tem registrado experiências de vida e de fé de mulheres luteranas que, ao serem sistematizadas, tornaram possível identificar e refletir sobre os aspectos sociais que influenciam as vidas das mulheres, bem como as elaborações teológicas que por elas vão sendo produzidas e reproduzidas. A sistematização e análise dessas experiências, sobretudo a partir de uma perspectiva de gênero e feminista, identificou que aspectos da cultura e religiosidade patriarcal provocam e justificam a exclusão de mulheres e reproduzem divisão sexual do trabalho na Igreja, mesmo que a teologia e concepção eclesiológica luterana afirmem que não há hierarquia sexual e de gênero e que não há supremacia no exercício do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes.

O sistema patriarcal constrói, fomenta e mantém relações estruturais e institucionais de discriminação e dominação sobre as mulheres e outros grupos marginalizados dos espaços de poder. Estabelece e perpetua relações hierárquicas e dicotômicas que dificultam ou impedem as mulheres de se realizarem justa e plenamente nos diferentes âmbitos da vida. Ainda assim, sempre houve mulheres que criaram e ocuparam espaços e discussões teológicas a partir de suas próprias experiências de vida e fé ou que ultrapassaram os limites e ousaram ressignificar ou ter suas próprias visões acerca do mundo, da Igreja e de Deus. Dar-se conta desse sistema, de suas estratégias e consequências para a vida e relações humanas é um importante passo, necessário e essencial para que as violências de gênero sejam nomeadas, questionadas e combatidas na Igreja e sociedade.

Apesar do público contemplado representar um pequeno recorte da diversidade de experiências das mulheres que compõem a IECLB, a partir dos dados obtidos, afirmo que a compreensão do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes, apesar de romper teologicamente com distinções hierárquicas e defender a valorização de todas as formas de serviço, na prática, ainda não foi capaz de superar ou alterar completamente as normas de gênero impostas pelo sistema patriarcal. O primeiro indicativo disso é o fato de haver mulheres impedidas de frequentar a escola ou de dar continuidade à formação em níveis superiores por motivos relacionados à sua condição de mulher. Isso significa que são privadas de despertar, desenvolver e aperfeiçoar dons e habilidades para os quais se sentem vocacionadas.

Outro indicativo são os cargos e espaços de atuação que as mulheres, majoritariamente, assumem na igreja. Estes remetem à realização de tarefas práticas, à responsabilidade pela educação de crianças e adolescentes e a cargos ditos como de menor representatividade pública. O fato de haver poucas mulheres em cargos de diretoria nos presbitérios das comunidades, paróquias e sínodos, também reitera as dicotomias de gênero. As histórias confirmam que a falta de incentivo, de tempo e de acesso à educação continuada, unidas à dinâmica de divisão sexual de trabalho, são fatores sociais que influenciam na atuação e participação das mulheres na igreja.

Constato, tendo como base as histórias, que a partir da fé as mulheres têm encontrado fundamento e estímulo para suas práticas e teologias em diferentes espaços. Por vezes, ultrapassam ou readéquam os limites do ambiente privado, doméstico e familiar, ocupando e criando novos e criativos espaços de ações e discussões teológicas, a partir de suas próprias experiências de vida e fé. Mulheres criam e edificam comunidades, assumem o compromisso com a educação cristã, que é de todas as pessoas, e colocam sua fé em ações práticas que visam o bem estar das pessoas, a propagação do evangelho e a construção do Reino de Deus.

Na perspectiva do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes, as capacidades e habilidades humanas se transformam em serviço. Quando as habilidades e competências são colocadas a serviço das outras pessoas e da promoção de vida digna, expressando a diaconia de Jesus, é dom e é dádiva. As mulheres fazem isso. Elas transformam suas habilidades em serviço para as outras pessoas. O problema é quando essa dádiva é apropriada dentro da lógica de uma sociedade que serve ao sistema machista e patriarcal. Nela a oferta de gratidão das

mulheres a Deus é transformada em submissão. Esse é um dos pecados da teologia patriarcal. Apropriar-se de uma oferta generosa das mulheres, da dádiva, e usá-la para o poder que beneficia a poucos.

Através da sistematização das histórias, reafirmo que tudo que as mulheres fizeram e fazem, de maneira generosa e graciosa, movidas pela fé, é dádiva, independente dos espaços ou funções que escolhem e se capacitam para assumir. Contudo, há pessoas e sistemas que se beneficiam em manipular e influenciar essas escolhas, direcionando ou privando mulheres de determinados cargos e espaços. Por isso, não há problema ou incoerência naquelas pessoas que se dedicam honestamente, em qualquer espaço ou função, mas o pecado está em quem se apropria, cria e manipula regras para usar as dádivas em benefício próprio. Contra essas pessoas e essas práticas é a crítica desse trabalho.

De forma particular, trabalhar com as histórias de vida significou vivenciar encantamentos, frustrações e diferentes aprendizados. Durante o processo, houve dias em que o caminho foi mais triste e espinhoso, enquanto eu lia e reconhecia as violências e privações às quais nós mulheres fomos e ainda somos submetidas. Mas também se fizeram jardins, de cores e aromas que impactam e transformam as paisagens, enquanto eu lia e refletia sobre as elaborações teológicas, sobre que tipo de Igreja e teologias as mulheres criam, sobre as definições de fé e exemplos de amor, cumplicidade e resiliência compartilhados. Orgulho-me do caminho percorrido até aqui e me sinto agraciada por poder aprender e empoderar-me a partir dele. Reencontre-me na história que escrevi em 2014. Reconheço nela fragmentos de conhecimentos das mulheres que me antecederam e reafirmo o que aprendi com minha mãe: “[...] a comunidade precisa ser construída e sentida diariamente. Nem tudo são flores, mas as experiências precisam ser, assim como a comunidade, vividas em comunhão.”²⁰⁶

Com essa reflexão, valorizo, celebro e engrandeço as mulheres e a forma como entregaram e entregam suas vidas para servir à missão de Deus. Também denuncio a crueldade de estruturas e pessoas que se aproveitam, transformam e usam dádivas como instrumento do pecado. Com essa pesquisa, viso contribuir para reflexões futuras e para o desenvolvimento de ações que tenham em vista fortalecer

²⁰⁶ PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Ketlin Lais Schuchardt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 16 out. 2014, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ketlin-lais-schuchardt. Acesso em: 15 jan. 2021.

a formação de mulheres e homens para uma vivência de relações justas, promover a participação igualitária de mulheres e homens nos espaços da vida comunitária e nomear, visibilizar e transformar situações que envolvem violência de gênero.

O Sacerdócio Geral pressupõe que todas as pessoas são igualmente habilitadas, capacitadas por Deus, para qualquer serviço – igualmente importante no Corpo de Cristo. É fonte da diversidade e criatividade do ministério de Cristo na igreja hoje. No cotidiano, esse princípio teológico se materializa com a construção continuada de relações justas entre todas as pessoas, relações com base na justiça de gênero, sem violências ou qualquer tipo de discriminação e que empodera homens e mulheres para o poder-serviço.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio César. Homilética da Reforma – Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. *Reflexus*, Vitória, Ano IX, n. 16, p. 210-233, 2016. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/425>. Acesso em: 9 set. 2020.
- ALTMANN, Friedhold. *A roda: memórias de um professor*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- BAESKE, Sibyla (Org.). *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGESCH, Karen. As mulheres da Reforma na Igreja do norte da Alemanha: um olhar sob a perspectiva de gênero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 96-110, jan./jun. 2017. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2998. Acesso em: 3 abr. 2020.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BÍBLIA Sagrada Online. *Marcos 14.9*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/marcos_14_9/. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BLASI, Marcia; BRUN, Marli; FONSECA, Marcela Sehn da. (Org.). *Ecologia, Economia, Ecumenismo: celebrando os 500 anos da Reforma: V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2018.
- BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Mulheres luteranas escrevem suas histórias de vida. *In: BLASI, Marcia et al (org.). Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.
- BLASI, Marcia et al. Katharina von Bora: um monumento às Mulheres na Reforma: Ontem e Hoje!. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 3-24, 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3223>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/8111/1/blasi_m_td167.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

BLOOMQUIST, Karen L. Modos subversivos de ser igreja: enxergar, lembrar, conectar. *In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo.* São Leopoldo: EST/Sinodal, 2017.

BRAKEMEIER, Ruthild. 500 Anos de Reforma Protestante e as mulheres. *Portal Luteranos*, 29 set. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/500-anos-de-reforma-protestante-e-as-mulheres>. Acesso em: 8 jun. 2020.

BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. *In: NORDSTOKKE, Kjell (org.). A diaconia em perspectiva bíblica e histórica.* São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRUN, Marli; KROB, Daniéli Busanello. *Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora: superando violências e preconceitos.* Portão: Gráfica Schuch, 2016. Disponível em: <https://fld.com.br/publicacao/caderno-justica-de-genero-e-diaconia-transformadora/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRUN, Marli (Org.). *Vidas Bordadas.* São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. E-book. Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livrosdigitais/Vidas_Bordadas_Ebook.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/221/pdf_207. Acesso em: 14 abr. 2020.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERIMÔNIA DE TRANSMISSÃO de cargo à Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves. TV BrasilGov, YouTube, 15 jan. 2019, vídeo on-line (31min18s), son. color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Qz_tS6zofg&ab_channel=TVBrasilGov. Acesso em: 20 jan. 2021.

CEZAR, Taise Tadielo.; FERREIRA, Liliana Soares. A relação entre educação e trabalho: um contexto de contradições e a aproximação com a educação profissional. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 2141- 2158, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8248/6050>. Acesso em: 9 dez. 2020.

DEIFELT, Wanda. Do paraíso ao inferno: gênero, simbolismo e poder. *In: BLASI, Marcia et al (Org.). Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM.* Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, negociação de saberes e educação teológica: contribuições da teologia feminista. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 2-9, jan./abr. 2011.

DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: uma tradição da Igreja. In: DEIFELT, Wanda; MOTA, Sonia; SCHUCHARDT, Ketlin Laís. *Em memória delas: Mulheres na Reforma Protestante*. São Leopoldo: CEBI, 2016.

DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 1, p. 7-16, 1996. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/808/738. Acesso em: 3 jul. 2019.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia*. São Paulo; Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003.

DEIFELT, Wanda. Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante: entrevista especial com Wanda Deifelt. *Revista IHU on-line*, São Leopoldo, 29 out. 2016. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/561775-um-olhar-feminino-sobre-a-reforma-protestante-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>. Acesso em: 3 abr. 2020.

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2 ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DREHER, Scheila dos Santos. *O pontinho da balança: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/232/1/dreher_ss_tm154.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

EM VÍDEO, DAMARES diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. G1, Brasília, 3 jan. 2019, vídeo on-line (2min21s), son. color. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FACULDADES EST. *IECLB lança campanha nacional “Em comunhão com as vidas das mulheres”*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/ieclb-lanca-a-campanha-nacional--em-comunhaocom-as-vidas-das-mulheres->. Acesso em: 16 jun. 2019.

FACULDADES EST. *Programa de Gênero e Religião*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/apresentacao>. Acesso em: 26 nov. 2020.

FACULDADES EST. *Programa de Gênero e Religião: Núcleo de Pesquisa de Gênero – NPG*. On-line. Disponível em: <http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/nucleo-de-pesquisa-de-genero>. Acesso em: 26 nov. 2020.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Política de Justiça de Gênero*. Genebra: FLM, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FRAGA, Milena Costa Lima. “*Meninos vestem azul e meninas vestem rosa*”: analisando redes discursivas e as lições de gênero do “Escola Sem Partido”. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Fundação Joaquim Nabuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: http://www.ppgeci.ufrpe.br/sites/ww2.ppgeci.ufrpe.br/files/documentos/texto_dissertativo_melina_final_vale_esse-final.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editorial, 2003.

FRESTON, Paul. Dilemas de Naturalização do Protestantismo Étnico: A Igreja Luterana no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 61-73, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23628>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FRIEDRICH, Nestor. Igreja, Economia, Política – Tema do Ano 2018 – Texto Motivador. *Portal Luteranos*, 28 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/igreja-economia-politica-tema-do-ano-2018-texto-motivador>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres: construir solidariedade a partir do livro de Rute*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. *Política de Justiça de Gênero*. Porto Alegre: FLD, 2014.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuições para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001.

GASTELLÚ CAMP, Adriana. *Como espiral de vida: aportes de la teología feminista de liberación para otros modelos de liderazgo en las Iglesias de América Latina y el Caribe*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/510/1/gastellucamp_a_tmp359.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. *In*: NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Org.). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2015. Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Poder e não-poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GEBARA, Ivone. Que escrituras são autoridade sagrada? Ambiguidades da Bíblia na vida das mulheres na América Latina. *Concilium*, Petrópolis, n. 276, p. 10-25, mar. 1998.

GIERUS, Renate. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/575/1/gierus_r_td59.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*, Brasília, v. 15, n. 65, p. 39-49, jan./mar. 1995. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2316>. Acesso em: 15 abr. 2020.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé – Nossa Vida: guia da vida comunitária na IECLB*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/nossa-fe-nossa-vida>. Acesso em: 13 dez. 2020.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Plano de Educação Cristã Continuada da IECLB – (PECC)*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. *Mulheres na Reforma: ontem e hoje*. On-line. Disponível em: <http://sustentabilidad.est.edu.br/cursos/ver/id/16/#>. Acesso em: 28 jul. 2020.

JUNGE, Martin. Política de Justiça de Gênero – Federação Luterana Mundial. *Portal Luteranos*, 1 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/politica-de-justica-de-genero-federacao-luterana-mundial>. Acesso em: 12 dez. 2020.

KROB, Daniéli Busanello. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/765/1/krob_db_td158.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. El feminismo em mi vida: hitos, claves y topias. Cidade do México: *Inmujeres*, 2012. Disponível em: <https://www.anamatra.org.br/comissao-anamatra-mulheres/documentos-comissao-mulheres/29950-el-feminismo-en-mi-vida-hitos-claves-y-topias>. Acesso em: 1 out. 2020.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Coyoacán, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

LIMA, Camila R. N. A. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-20, out. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2020.

LUTERO, Martim. *Da liberdade cristã*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

LUTERO, Martim. *Educação e reforma: aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas e uma prédica para que se mandem os filhos à escola*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã. *In: Obras Seleccionadas*, v. 2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989.

LUTERO, Martinho. Do cativo babilônico da Igreja. *In: Obras Seleccionadas*, v. 2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

MILBRATZ, Pamela. *Histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João: partes inspiradoras de um mosaico de protagonismo e fé*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. Disponível em:

http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/870/1/milbratz_p_tmp561.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

MOYO, Fulata Lusungu. “Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações...” (Is 54:2): um relevante congresso sobre gênero e religião com uma perspectiva ecumênica, internacional e inter-religiosa. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Org.). *História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2016.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

NORDSTAKKE, Kjell. *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Diaconia e Gênero. *In*: CUYATTI, Patrícia; SCHAPER, Valério Guilherme (ed.). *Diaconía: la transformación en las manos de Dios*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2017. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. *In*: EGGERT, Edla (Org.). *Processos Educativos No Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

PHILIPPSEN, Rosane. *Encontros e resistências: o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/853/1/philippsen_r_tmp546.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

PLETSCH, Rosane. *Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania*. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

PORTAL LUTERANOS. *Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres: histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB*. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 9 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *Constituição da IECLB: suporte normativo*. On-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>. Acesso em: 9 jul. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *Curso “Como coletar e narrar histórias de vida: subsídios metodológicos”*, desenvolvido pelo Sínodo Nordeste Gaúcho. On-line, 18 jun. 2015. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/noticias/curso-como-coletar-e-narrar->

historias-de-vida-subsidios-metodologicos-desenvolvido-pelo-sinodo-nordeste-gaicho. Acesso em: 16 jul. 2019.

PORTAL LUTERANOS. *Educação Cristã Contínua*. On-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/organizacao/missao-formacao-educacao-crista>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *Em Comunhão com as ViDas das mulheres*: histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB. On-line, 16 jun. 2016. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 16 jun. 2019.

PORTAL LUTERANOS *História de vida de Adriane Cechinel da Silva*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 31 jul. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-adriane-cechinel-da-silva>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Alice Paulina Petry Loesch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 15 jan. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-historia-de-vida-de-alice-paulina-petry-loesch. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Adélia Schenkel*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 4 jul. 2016, on-line. Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-adelia-schenkel>. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Ana Maria Brackmann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 fev. 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ana-maria-brackmann. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Anita Kramer Buss*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 ago. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-anita-kramer-buss>. Acesso em: 18 out. 2020;

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Arlete Maiberg*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 17 abr. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-arlete-maiberg>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Carla Andrea Grossmann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 mar. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-carla-andrea-grossmann>. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Celi Tesche Germany*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 maio 2018, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-celi-tesche-germany>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Christina Schmidt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 mar. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-christina-schmidt>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Claudeci Voigt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 7 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-claudeci-voigt>. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Darci Becker Maas*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 27 nov. 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-darci-becker-maas. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Denise Tschoeke Sabatke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 14 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-denise-tschoeke-sabatke>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Dulci Schuchardt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/dulci-schuchardt>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Edeltraud Hildegard Lindermann*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 jan. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-edeltraud-hildegard-lindermann>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Edy Nelda Picoly*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 jul. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-edy-nelda-picoly>. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Eli Tatsh*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-eli-tatsch>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Eliane Maria Koch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 8 jan. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/eliane-maria-koch>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Esther Lietz*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 27 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-esther-lietz>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hadi Ruppel*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 8 set. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hadi-ruppel. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Frida Harckbaerdts Butzke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 16 nov. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-frida-harckbaerdts-butzke>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Glaci Sieben*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 ago. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-glaci-sieben. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hedi Kickow Germany*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 maio 2018, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hedi-kickow-germany. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hedwig Brehm*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 abr. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-hedwig-brehm>. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Helga Milina Ghrös*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 20 set. 2019, on-line. Disponível em: https://luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-helga-milina-ghros. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Hermengarda Kant*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 28 nov. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-hermengarda-kant>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida da Irmã Wera Franke*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 1 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Irmgard Fuck Lautert*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 23 fev. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-irmgard-fuck-lautert. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Ketlin Lais Schuchardt*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 16 out. 2014, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ketlin-lais-schuchardt. Acesso em: 15 jan. 2021.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Leda Müller Witter*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 2 jun. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-leda-muller-witter>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lilian Fleck Lengler*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-lilian-fleck-lengler>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lúcia Blauth*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 6 nov. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-blauth>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Lucia Kirst Klein*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 21 abr. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-kirst-klein. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Magali Lülke Pazda*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 21 set. 2015, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-magali-lulke-pazda. Acesso em: 13 dez. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Maria Cristina Bergmann Guilherme*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 jan. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-maria-cristina-berjmann-guilherme>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marina Bauer*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 12 maio 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-marina-bauer>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marlene Fuerstenau*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 31 ago. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-marlene-fuerstenau>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Marli Zenker Pacheco*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 24 maio 2017, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-

as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-marli-zenker-pacheco. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Mirian Eberhardt Alves*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 26 out. 2015, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-mirian-eberhardt-alves>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Nilve Kohlrausch*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 4 abr. 2018, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-nilve-kohlrausch>. Acesso em: 11 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Selma Bloedow Pommer*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 17 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-selma-bloedow-pommer>. Acesso em: 5 maio 2020. A palavra em caixa-alta é grifo da própria autora da história.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Siegfried Loeblein*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 13 out. 2014, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-siegfried-loeblein>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Trudi Bublitz*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 22 nov. 2017, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-trudi-gertrudes-bublitz>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Walmi Nienow*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 28 out. 2016, on-line. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-walmi-nienow. Acesso em: 18 out. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *História de vida de Zenaide Christmann Zarth*. Campanha Em Comunhão com as ViDas das Mulheres, 3 fev. 2016, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-zenaide-christmann-zarth>. Acesso em: 5 maio 2020.

PORTAL LUTERANOS. *Nova turma do curso Comunidade em Missão*. on-line, 5 maio 2020. Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/nova-turma-do-curso-comunidade-em-missao>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PORTAL LUTERANOS. *Trabalho com Mulheres e Coordenação de Gênero: motivação para oferta nacional – 22 de setembro de 2019 – 15º Domingo após Pentecoste*. On-line, 22 set. 2019. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/trabalho-com-mulheres-e-coordenacao-de-genero-49789>. Acesso em: 17 jan. 2021.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 jan. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RICHTER REIMER, Ivoni. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil: (1930-1973)*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Odja Barros. *'Outro gênero' de Igreja: um estudo sobre a prática comunitária de Leitura Popular e Feminista da Bíblia*. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1010/1/santos_ob_td192.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

SCHAPER, Valério Guilherme. *Curso Comunidade em Missão*. Curso desenvolvido pelo Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe (InS). Módulo 3 (Conflito e Espiritualidade), Unidade 3 (Os recursos da espiritualidade cristã para a prevenção e mediação dos conflitos), São Leopoldo, 2020.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCOTT, Ana Sílvia. Família: o caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher*. plano de ação para as igrejas. Genebra: FLM, 2002; Porto Alegre: IECLB, 2005.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 abr. 2020.

SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: evangelho das mulheres*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3764/2/CAROLINA%20BEZERRA%20DE%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2020.

SOUZA, Carolina Bezerra de; RICHTER REIMER, Ivoni; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e epistemologias feministas nos estudos da religião. *Reflexus*, v. 14, n. 1, p. 20-22, 2020. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/2367/2173>. Acesso em: 1 ago. 2020.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

STANGE, Rosângela; SOUZA, Mauro Batista de. Campanha “Em Comunhão com as viDas das mulheres”. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2014, on-line. Disponível em: www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-dasmulheres-28700. Acesso em: 16 jun. 2019.

STJERNA, Kirsi. Mulheres e Reforma. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 36-48, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3210/2918>. Acesso em: 3 abr. 2020.

STRECK, Gisela I. W. *Escola Comunitária: fundamentos e identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *Member Churches*. On-line. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/content/member-churches>. Acesso em: 21 nov. 2020.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *Women on the Move: From Wittenberg to Windhoek Toolkit*. On-line. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/content/resource-women-move-wittenbergwindhoek-toolkit>. Acesso em: 16 jun. 2019.

VIDEO DA CAMPANHA Em comunhão com as viDas das mulheres. IECLB, YouTube, 7 mar. 2014, video on-line (6min20s), son. color., (1min17s-1min29s). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=187&v=FOXm5SXCKos. Acesso em: 16 jul. 2019.

WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética crista a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. *Estudos Teológicos*, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2936/pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

WACHHOLZ, Wilhelm. Somente a fé: confessionalidade luterana. *Portal Luteranos*, maio 2012, on-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/somente-a-fe>. Acesso em: 28 out. 2020.

WACHHOLZ, Wilhelm; SELL, Wilhelm. Sacerdócio geral de todas as pessoas crentes: uma introdução a perspectiva de Martinho Lutero. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 69-86, 2018. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/827>. Acesso em: 15 nov. 2020.

WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.

WESTHELLE, Vítor. O sacerdócio de todas as pessoas crentes: Martim Lutero e a igreja de Adão. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2017.

ZIMMER, Miriam Andrea. *Assimilação e organização religiosa: como as igrejas étnicas lidam com a assimilação (estrutural) de seus membros, tendo como base o exemplo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Blumenau: Otto Kuhr, 2014.

ANEXO 1 – ROTEIRO DA CAMPANHA

Alegres, Jubilai! Igreja sempre em reforma: agora são outros 500
“Nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17. 28a)

Secretaria Geral
Secretaria da Ação Comunitária
IECLB nº



Porto Alegre, 24 de janeiro de 2017.



“Eu afirmo a vocês que isto é verdade: em qualquer lugar do mundo onde o evangelho for anunciado, será contado o que ela fez, e ela será lembrada” (Marcos 14.9).

Resgatar as histórias de mulheres, que fizeram e fazem a história da Igreja, colocando suas vidas, seus dons e suas habilidades a serviço do Evangelho; registrar suas vidas, seus feitos, seus ensinamentos é um dos objetivos da campanha “Em comunhão com as viDas das mulheres”, lançada no dia 07 de março de 2014, em parceria com a Faculdades EST e com o apoio da Federação Luterana Mundial.

Quando resgatamos as histórias de vida das mulheres luteranas, a história de nossas avós, mães, tias, irmãs, filhas, vizinhas, registramos o conhecimento e experiência dessas mulheres e o que elas têm a nos ensinar. É dar voz a quem, em muitas situações, e por um longo tempo, não teve voz.

Nós te convidamos a fazer parte desse mutirão de coleta de história de vida de mulheres! Abaixo, você encontram mais informações e sugestão de um roteiro de assuntos que são importantes serem tratados, bem como orientações de como nos enviar as histórias.

É imprescindível que o relato de vida venha acompanhado dos termos de cessão de uso de imagem e de texto assinados. Eles nos permitirão fazer uso das fotos e das histórias de vida das pessoas. A intenção é que essas histórias sejam utilizadas e publicadas. Somente poderemos proceder desta forma com os termos assinados.

Desde já agradecemos o seu apoio e colaboração e nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente

Pa. Carmen M. Siegle
Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias

P. Dr. Mauro Batista Souza
Secretário da Ação Comunitária

Por que coletar histórias de vida de mulheres?

O objetivo desse projeto é coletar histórias de vida de mulheres e grupos de mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para dar visibilidade a suas formas de viver e participar na Igreja e na Sociedade, no passado e na atualidade, valorizando o papel das mulheres nesses espaços.

Quem pode participar?

Esse projeto visa resgatar as histórias de mulheres luteranas de diferentes gerações que atuam na Igreja e na sociedade nas mais diversas atividades: como lideranças, ministras, organizadoras, coordenadoras e participantes de grupos e atividades, diversas profissões e tipos de trabalho. Incentivamos todas as mulheres a participar e contar sua história para que seja possível ver a diversidade presente em nossa igreja. Todas são importantes!

Como participar?

Cada mulher está convidada a contar a sua história da maneira que quiser. Também é possível organizar grupos nas comunidades e sínodos para motivar as mulheres a participar, inclusive realizando entrevistas ou ajudando-as a produzir e enviar sua história, seguindo os formatos e os passos indicados abaixo. É importante que:

- as narrativas enfoquem as vidas das mulheres (não da família, comunidade, etc.) e sua participação em diversos espaços;
- haja cuidado no fornecimento de informações pessoais e privadas que não se quer tornar públicas;
- quando uma terceira pessoa realizar a entrevista, o/a entrevistador/a mostre o material final para a pessoa entrevistada antes de enviar para que ela possa conferir e autorizar o uso do material;
- o material seja enviado com Termos de Cessão de Direito de Uso assinados (modelos em anexo) para que o material possa ser publicado.
- as temáticas indicadas abaixo estejam presentes nas narrativas, não sendo necessário segui-las como um "roteiro"; cada pessoa pode narrar a história da forma que achar melhor, buscando contemplar as questões sugeridas;

Qual o formato?

As narrativas podem ser coletadas e enviadas:

- por escrito: máximo de 3 páginas digitadas e acompanhadas de uma foto
- gravadas em vídeo: máximo de 6 minutos
- gravação em áudio: máximo de 6 minutos

O que as histórias devem conter?

- Nome completo
- Idade
- Local: comunidade, município, localidade
- Tempo de participação na IECLB
- Aspectos que considera importante na vida da comunidade
- Atividades em que participa ou participou e que são importantes para a sua vida
- Coisas que fez, faz e gosta de fazer
- Coisas que mudaria ou faria de forma diferente
- Contribuições da vida de fé para a Igreja e a sociedade
- Momentos marcantes da vida na comunidade

Para onde enviar?

Secretaria Geral da IECLB secretariageral@ieclb.org.br

R. Senhor dos Passos, 202 – 4º andar – 90.020-180 – Porto Alegre/RS.

APÊNDICE 1 – TABELA DE INFORMAÇÕES GERAIS

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Adélia Schenkel	4 jul. 2016	66 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para uma cidade	Márcia Laux Blauth e Eliane Maria Koch
Adriane Cechinel da Silva	31 jul. 2015	43 anos	Norte Catarinense	Não consta	Não consta
Alda Pagelkopf	24 nov. 2016	Em memória	Vale do Itajaí	Não consta	Felipe Emílio Greutzmacher
Alice Paulina Petry Loesch	15 jan. 2016	71 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Com 20 anos se mudou para uma cidade	Eliane Maria Koch
Ana Maria Brackmann	22 fev. 2017	69 anos	Paranapanema	Urbano	Autoria própria
Anamaria Kovács	27 dez. 2017	69 anos	Vale do Itajaí	Urbano	Autoria própria
Andreia Scherer	6 mar. 2017	20 anos	Rio Paraná	Não consta	Andressa Suzane Almeida
Andressa Marisa Schmidt Rossmann	12 jul. 2016	Não consta	Espírito Santo a Belém	Nasceu e cresceu em contexto rural até ir para a faculdade	Hilquias Rossmann
Anelise Ruppenthal Trierweiler	14 set. 2015	33 anos	Nordeste Gaúcho	Cidade interiorana	Autoria própria
Anita Kramer Buss	24 ago. 2017	65 anos	Amazônia	Rural	Telma Merinha Kramer
Arlete Maiberg	17 abr. 2017	59 anos	Rio Paraná	Rural	Autoria própria
Asta Blondina Schneider Hagemann	23 jun. 2016	82 anos	Noroeste Riograndense	Rural	Rejane Beatriz Johann Hagemann
Carla Andrea Grossmann	12 mar. 2015	45 anos	Planalto Rio-Grandense	Urbano	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Carlota Christimann	14 fev. 2017	72 anos	Rio dos Sinos	Urbano	Autoria própria
Celi Tesche Germany	23 maio 2018	47 anos	Nordeste Gaúcho	Rural	Norberto Nilo Kickow Germany
Célia Wöfle Zenker	5 jun. 2017	80 anos	Sul-Rio-Grandense	Cidade interiorana	Célia Wöfle Zenker e Marli Zenker Pacheco
Cely Lenira C. Hollerbach	19 nov. 2014	76 anos	Sudeste	Não consta	Autoria própria
Christina Schmidt	6 mar. 2017	63 anos	Sul-Rio-Grandense	Rural	Isolete Marcia Follmer
Claudeci Voigt	7 ago. 2015	41 anos	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Autoria própria
Darci Becker Maas	27 nov. 2017	73 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Denise Tschoeke Sabatke	14 ago. 2015	50 anos	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Autoria própria
Dione Carla Baldus	16 dez. 2014	38 anos	Rio Paraná	Urbano	Ketlin Lais Schuchardt
Dulci Schuchardt	6 out. 2014	Não consta	Rio Paraná	Rural	Não consta
Eda Haefliger Wedig	4 abr. 2018	75 anos	Uruguai	Cidade interiorana	Autoria própria
Edeltraud Hildegard Lindermann	22 jan. 2016	87 anos	Centro Campanha Sul	Cidade interiorana	Silvia Regina Seibert
Edy Nelda Picoly	24 jul. 2015	89 anos	Centro-Campanha-Sul	Urbano	Autoria própria
Eli Tatsch	24 ago. 2015	74 anos	Centro-Campanha-Sul	Rural	Autoria própria
Eliana Zummach	8 out. 2014	Não consta	Espírito Santo a Belém	Rural	Não consta
Eliane Maria Koch	8 jan. 2016	60 anos	Nordeste Gaúcho	Urbano	Autoria própria
Elly Hirle Lieven	5 jan. 2015	81 anos	Sudeste	Rural	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Elzira Busch	10 abr. 2018	Não consta	Vale do Itajaí	Urbano	Autoria própria
Erna Tank Gaedtke	22 nov. 2017	Em memória	Norte Catarinense	Não consta	Rudiberto e Joanilde Gaedtke
Esther Lietz	27 nov. 2017	86 anos	Norte Catarinense	Não consta	Pâmela Milbratz
Frida Harckbaerdts Butzke	16 nov. 2014	81 anos	Amazônia	Rural	Elenir Butzke Agner
Frieda Geissler	24 dez. 2016	84 anos	Rio Paraná	Rural	Autoria própria
Gerda Wehmuth	7 nov. 2017	91 anos	Vale do Itajaí	Nasceu e cresceu em contexto rural. Quando jovem, se mudou para uma cidade para trabalhar	Sônia Vera Kleine
Gerhild Bull Valier	23 jan. 2017	44 anos	Sudeste	Urbano	Adelia Lemke Graf
Gertha Hilda Bühler	13 out. 2014	88 anos	Nordeste Gaúcho	Cidade interiorana	Não consta
Gertraude Bull	14 jun. 2016	47 anos	Sudeste	Urbano	Adelia Lemke Graf
Glaci Sieben	12 ago. 2016	64 anos	Vale do Taquari	Cidade interiorana	Autoria própria
Gudrun Braun	3 nov. 2016	Não consta	Sudeste	Urbano	Adelia Lemke Graf e Helga Schünemann
Hadi Ruppel	8 set. 2015	52 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Hedi Kickow Germany	23 maio 2018	79 anos	Nordeste Gaúcho	Rural	Norberto Nilo Kickow Germany
Hedwig Brehm	6 abr. 2016	74 anos	Paranapanema	Nasceu e cresceu no contexto rural. Casou-se e mudou para Curitiba.	Autoria própria
Helga Ehlert Witthoef	22 nov. 2017	Não consta	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Autoria própria
Helga Hertel Weller	5 mar. 2015	73 anos	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Helga Maas Eggert	27 nov. 2017	85 anos	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Pâmela Milbratz
Helga Milina Ghrös	20 set. 2019	Não consta	Mato Grosso	Rural	Autoria própria
Helvetia Hulda Bender	9 ago. 2017	67 anos	Centro-Campanha-Sul	Nasceu e cresceu em contexto rural. Quando jovem, se mudou para Porto Alegre para trabalhar	Autoria própria
Hermengarda Kant	28 nov. 2014	Em memória	Rio dos Sinos	Cidade interiorana	Marly Selma Kant Grossmann
Ingelid Cassel	18 abr. 2016	75 anos	Mato Grosso	Rural	Mariza E. Neuberger e Leni Sirlei Altmann Wink
Ingrid Bofinger	6 dez. 2017	61 anos	Rio Paraná	Urbano	Telma Merinha Kramer
Iracema Schultz Schwalm	4 dez. 2017	69 anos	Sul-Rio-Grandense	Cidade interiorana	Isolete Marcia Folmer
Iraci Engelman Zwetsch	24 nov. 2014	Não consta	Norte Catarinense	Urbano	Liane Zwetsch Klamt
Iria Conter Kaminski	4 dez. 2017	66 anos	Sul-Rio-Grandense	Rural	Cleci Vaz Grudzinski
Irmgard Fuck Lautert	23 fev. 2016	Não consta	Planalto Rio-Grandense	Urbano	Helga Schünemann
Irmgard Schulz Drews	27 nov. 2017	84 anos	Norte Catarinense	Não consta	Hiltrud Drews Schunke e Jaime José Ruthmann
Jenni Wedig Schneider	29 abr. 2016	76 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Depois do nascimento dos filhos, se mudou para uma cidade	Claudete Schneider e Joseida Schütt Zizemer
Joanilde Gaedtker	27 nov. 2017	Não consta	Norte Catarinense	Urbano	Autoria própria
Kathleen Hoberg Andre	15 jan. 2015	18 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Ketlin Lais Schuchardt	16 out. 2014	20 anos	Rio Paraná	Nasceu e cresceu em contexto rural. Mudou-se para a cidade para estudar	Autoria própria
Laurene Weber	24 maio 2017	54 anos	Nordeste Gaúcho	Rural	Márcia Laux Blauth
Leda Müller Witter	2 jun. 2016	57 anos	Mato Grosso	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para a cidade	Autoria própria
Lenir Matilda Follmer	27 nov. 2017	55 anos	Nordeste Gaúcho	Rural	Alcenio Follmer e Isolete Marcia Follmer
Lia Frank Gerlach	25 maio 2015	64 anos	Rio Paraná	Urbano	Autoria própria
Liane Ritter Fritsch Becker	10 jul. 2015	53 anos	Rio Paraná	Cidades interioranas	Autoria própria
Lilia Sasse Drews	27 nov. 2017	Em memória	Norte Catarinense	Não consta	Udo Drews e Ingridt Drews
Lilian Fleck Lengler	6 fev. 2016	78 anos	Vale do Taquari	Cidade interiorana	Autoria própria
Liria Leli Wölfle Schwalm	5 jun. 2017	78 anos	Sul-Rio-Grandense	Cidade interiorana	Marli Zenker Pacheco
Luci Heidecke Bauer	27 nov. 2017	Em memória	Norte Catarinense	Urbano	Isalora Bauer Miranda
Lúcia Blauth	6 nov. 2015	Não consta	Nordeste Gaúcho	Rural	Marcia Laux Blauth
Lucia Kirst Klein	21 abr. 2015	69 anos	Rio Paraná	Cidade interiorana	Autoria própria
Lúcia Marquardt Pommerening	27 nov. 2017	Não consta	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Luciana Jaroszczevski	28 mar. 2016	Não consta	Paranapanema	Não consta	Autoria própria
Magali Lülke Pazda	21 set. 2015	31 anos	Norte Catarinense	Urbano	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Márcia Laux Blauth	29 jan. 2016	53 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu no interior. Quando jovem, foi trabalhar em fábricas em uma cidade interiorana	Autoria própria
Margid Uebel Coelho	6 jun. 2019	48 anos	Mato Grosso	Passou a infância e juventude em contexto rural. Mudou-se para a cidade para estudar. Casou-se e voltou a morar numa cidade interiorana	Autoria própria
Maria Cristina Bergmann Guilherme	22 jan. 2015	58 anos	Sudeste	Urbano	Não consta
Maria da Glória Luz Kremer	10 fev. 2017	53 anos	Rio dos Sinos	Urbano	Não consta
Maria Emília Amaral Ruppín	17 jul. 2015	Não consta	Sudeste	Não consta	Não consta
Maria Gomes Hollerbach	13 maio 2015	Não consta	Sudeste	Não consta	Autoria própria
Maria Tereza Habermann Guilherme	13 nov. 2014	58 anos	Sudeste	Urbano	Não consta
Marie Ann Wangen Krahn	20 mar. 2015	59 anos	Rio dos Sinos	Urbano	Autoria própria
Marina Bauer	12 maio 2016	65 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para a cidade para trabalhar nas fábricas	Norma Terezinha Schüller e Joseida Schütt Zizemer
Marlene Fuerstenau	31 ago. 2015	Não consta	Centro-Campanha-Sul	Cidade interiorana	Autoria própria
Marli Edhite Klabunde	27 dez. 2017	72 anos	Norte Catarinense	Urbano	Não consta

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Marli Zenker Pacheco	24 maio 2017	66 anos	Sul-Rio-Grandense	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para uma cidade interiorana	Autoria própria
Marta Schönholzer Dunck	11 fev. 2016	83 anos	Mato Grosso	Rural	Autoria própria
Melita Christmann	5 out. 2015	88 anos	Centro-Campanha-Sul	Não consta	Não consta
Mirian Eberhardt Alves	26 out. 2015	65 anos	Paranapanema	Urbano	Autoria própria
Neusa Tetzner	28 jan. 2015	Não consta	Sudeste	Nasceu e cresceu em contexto rural. Foi para a cidade grande para estudar	Autoria própria
Nilve Kohlrausch	4 abr. 2018	67 anos	Rio dos Sinos	Nasceu e cresceu em contexto rural. Depois de estudar, passou a trabalhar e morar em uma cidade interiorana	Autoria própria
Noeli Maria Dunck Dalosto	11 fev. 2016	56 anos	Mato Grosso	Rural e cidade interiorana	Autoria própria
Noeli Ritter	13 out. 2015	61 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para a cidade	Joseida Schütt Zizemer
Noemia Hepp Pommê	23 jan. 2017	80 anos	Sudeste	Urbano	Autoria própria
Norma Terezinha Schüler	12 maio 2016	56 anos	Nordeste Gaúcho	Rural	Norma Schüler, Joseida Zizemer e Marli Brun
Olga Ohnersorge Kramer	21 ago. 2017	96 anos	Espírito Santo a Belém	Rural	Telma Merinha Kramer
Paula de Moura Kleinkauf	3 fev. 2015	20 anos	Nordeste Gaúcho	Não consta	Autoria própria

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Regina Höpner Abentroth	17 ago. 2016	84 anos	Noroeste Rio-grandense	Urbano e cidades interioranas	Vilmar Abentroth
Rosalina Raasch	12 jul. 2016	74 anos	Amazônia	Rural	Telma Merinha Kraemer
Ruth Schimidt Gundermann	27 fev. 2015	78 anos	Sudeste	Rural e urbano	Autoria própria
Ruth Walz	22 nov. 2017	65 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Selma Alzira Barth Dickel	17 fev. 2016	82 anos	Mato Grosso	Rural	Autoria própria
Selma Bloedow Pommer	17 fev. 2016	85 anos	Mato Grosso	Nasceu e cresceu em contexto rural. Casou-se e mudou para uma cidade interiorana	Autoria própria
Siegried Loeblein	13 out. 2014	73 anos	Amazônia	Rural e cidade interiorana	Ilse G. H. Klein
Teresinha dos Santos Baukart	27 set. 2015	47 anos	Norte Catarinense	Urbano	Autoria própria
Trudi (Gertrudes) Bublitz	22 nov. 2017	77 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Tusnelda Tillmann	22 nov. 2017	73 anos	Norte Catarinense	Não consta	Autoria própria
Ursula Cenita Merer	5 fev. 2016	63 anos	Norte Catarinense	urbano	Autoria própria
Vera Tribess Baldus	30 mar. 2015	64 anos	Mato Grosso	rural e cidade interiorana	Autoria própria
Wally Gaedtko Drews	27 nov. 2017	Em memória	Norte Catarinense	Não consta	Ursula K. Drews e Jaime José Ruthmann
Walmi Nienow	20 out. 2016	73 anos	Nordeste Gaúcho	Nasceu e cresceu em contexto rural. Com 20 anos se mudou para a cidade para trabalhar. Casou-se e foi morar numa cidade interiorana	Norma Schüller

Nome da participante	Data da Publicação	Idade	Sínodo	Contexto da história	Quem coletou/escreveu a história
Wanda Krueger Reinke	22 nov. 2017	71 anos	Norte Catarinense	Cidade interiorana	Autoria própria
Wera Franke	1 out. 2014	97 anos	Rio dos Sinos	Nasceu e cresceu em contexto rural. Mudou para a cidade com 20 anos para estudar na Casa Matriz de Diaconisas	Irmã Ruthild Brakemeier
Zenaide Christmann Zarth	23 fev. 2016	Em memória	Noroeste Riograndense	Rural	Louraini Christmann
Zilda Eggers	02 jun. 2015	Não consta	Rio Paraná	Cidades interioranas	Autoria própria

APÊNDICE 2 – TABELA DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Adélia Schenkel	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-adelia-schenkel
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Adriane Cechinel da Silva	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-adriane-cechinel-da-silva
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Alda Pagelkopf	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-alda-pagelkopf
		Diaconia	
Alice Paulina Petry Loesch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-historia-de-vida-de-alice-paulina-petry-loesch
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo para não poder estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Ana Maria Brackmann	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ana-maria-brackmann
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à Igreja	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Anamaria Kovács	Escolarização	Formação vinculada à igreja	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-anamaria-kovacs
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Andreia Scherer	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-andreia-scherer
	Escolarização	Formação vinculada à igreja	
Andressa Marisa Schmidt Rossmann	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-andressa-marisa-schmidt-rossmann
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
Anelise Ruppenthal Trierweiler	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-anelise-ruppenthal-trierweiler
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Anita Kramer Buss	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-anita-kramer-buss
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Arlete Maiberg	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-arlete-maiberg
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo para não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Asta Blondina Schneider Hagemann	Escolarização	Formação vinculada à igreja	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-asta-blondina-schneider-hagemann
	Sacerdócio Geral	Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Carla Andrea Grossmann	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-carla-andrea-grossmann
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Participação na Educação Cristã			
Carlota Christimann	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-carlota-christimann
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Celi Tesche Germany	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-celi-tesche-germany
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Célia Wölfle Zenker	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-celia-wolfle-zenker
Cely Lenira C. Hollerbach	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-cely-lenira-c-hollerbach
Christina Schmidt	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-christina-schmidt
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Claudeci Voigt	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-claudeci-voigt
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Darci Becker Maas	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-darci-becker-maas
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
Denise Tschoeke Sabatke	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-denise-tschoeke-sabatke
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo de não estudar	
Dione Carla Baldus	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-dione-carla-baldus
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
Dulci Schuchardt	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/dulci-schuchardt
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Eda Haefliger Wedig	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-eda-haefliger-wedig
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Edeltraud Hildegard Lindermann	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-edeltraud-hildegard-lindermann
	Sacerdócio Geral	Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Edy Nelda Picoly	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-edy-nelda-picoly
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Eli Tatsch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-eli-tatsch
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Eliana Zummach	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-eliana-zummach
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Eliane Maria Koch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/eliane-maria-koch
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo para não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Elly Hirle Lieven	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-elly-hirle-lieven
		Motivo para não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Elzira Busch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-elzira-busch

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Erna Tank Gaedtke	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-erna-tank-gaedtke
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Esther Lietz	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-esther-lietz
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Frida Harckbaerd Butzke	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-frida-harckbaerd-butzke
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Frieda Geissler	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-frieda-geissler
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
Gerda Wehmuth	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-gerda-wehmuth
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Gerhild Bull Valier	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-gerhild-bull-valier
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Gertha Hilda Bühler	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/historia-de-vida-de-gertha-hilda-buhler
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Gertraude Bull	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-gertraude-bull
Glaci Sieben	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-glaci-sieben
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
Gudrun Braun	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-gudrun-braun
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Hadi Ruppel	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hadi-ruppel
Hedi Kickow Germany	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hedi-kickow-germany
		Motivo de não estudar	
Hedwig Brehm	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-hedwig-brehm
		Participação na Educação Cristã	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Helga Ehlert Witthoef	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-helga-ehlert-witthoef
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Helga Hertel Weller	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-helga-hertel-weller
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Helga Maas Eggert	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-helga-maas-eggert
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo para não estudar	
Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã		
Helga Milina Ghrös	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-helga-milina-ghros
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Helvetia Hulda Bender	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-helvetia-hulda-bender
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
Sacerdócio Geral	Diaconia		
Hermengarda Kant	Escolarização	Formação vinculada à igreja	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-hermengarda-kant
		Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Ingelid Cassel	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-ingelid-cassel
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Ingrid Bofinger	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-ingrid-bofinger
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Iracema Schultz Schwalm	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-iracema-schultz-schwalm
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Iracy Engelmann Zwetsch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-iracy-engelmann-zwetsch
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Iria Conter Kaminski	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-iria-conter-kaminski
Irmgard Fuck Lautert	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-irmgard-fuck-lautert
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Irmgard Schulz Drews	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-irmgard-schulz-drews
Jenni Wedig Schneider	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-jenni-wedig-schneider
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Joanilde Gaedtke	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-joanilde-gaedtke
Kathleen Hoberg Andre	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-katheleen-hoberg-andre
Ketlin Lais Schuchardt	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-ketlin-lais-schuchardt
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Laurene Weber	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-laurene-weber
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
		Motivos de não estudar	
Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã		
Leda Müller Witter	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-leda-muller-witter
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
Lenir Matilda Follmer	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-lenir-matilda-follmer
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Lia Frank Gerlach	Escolarização	Formação vinculada à igreja	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lia-frank-gerlach
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Liane Ritter Fritsch Becker	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-liane-ritter-fritsch-becker
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Lília Sasse Drews	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lilia-sasse-drews
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Lilian Fleck Lengler	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lilian-fleck-lengler
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
		Motivos de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Diaconia			
Liria Leli Wölfle Schwalm	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-liria-leli-woffle-schwalm
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Luci Heidecke Bauer	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-luci-heidecke-bauer
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Lúcia Blauth	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-lucia-blauth
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivos de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Lucia Kirst Klein	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-kirst-klein
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Lúcia Marquardt Pommerening	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-lucia-marquardt-pommerening
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Luciana Jaroszewski	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-luciana-jaroszewski
Magali Lülke Pazda	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-magali-lulke-pazda
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Márcia Laux Blauth	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-marcia-laux-blauth
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivos de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Margid Uebel Coelho	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-margrid-uebel-coelho
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã		

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Maria Cristina Bergmann Guilherme	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-maria-cristina-berjmann-guilherme
	Escolarização	Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Diaconia			
Maria da Glória Luz Kremer	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-maria-da-gloria-luz-kremer
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Maria Emília Amaral Ruppín	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-maria-emilia-amaral-ruppín
Maria Gomes Hollerbach	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-maria-gomes-hollerbach
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Maria Tereza Habermann Guilherme	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-maria-tereza-habermann-guilherme
Marie Ann Wangen Krahn	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-marie-ann-wangen-krahn
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Marina Bauer	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-marina-bauer
		Motivo de não estudar	
Marlene Fuerstenau	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-marlene-fuerstenau
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Marli Edhite Klabunde	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-marli-edhite-klabunde
		Diaconia	
Marli Zenker Pacheco	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-marli-zenker-pacheco
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Marta Schönholzer Dunck	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-marta-schonholzer-dunck
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Diaconia			

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Melita Christmann	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-melita-christmann
Mirian Eberhardt Alves	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-mirian-eberhardt-alves
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Neusa Tetzner	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-neusa-tetzner
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Nilve Kohlrausch	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-nilve-kohlrausch
		Escolarização	
	Formação vinculada à igreja		
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Noeli Maria Dunck Dalosto	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-noeli-maria-dunck-dalosto
		Escolarização	
	Formação vinculada à igreja		
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Noeli Ritter	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-noeli-ritter
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Diaconia	
Noemia Hepp Pommê	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-noemia-hepp-pomme
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
Norma Terezinha Schüler	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-norma-terezinha-schuler
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Motivo de não estudar	
Sacerdócio Geral	Diaconia		
Olga Ohnersorge Kramer	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-olga-ohnersorge-kramer
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Paula de Moura Kleinkauf	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-paula-de-moura-kleinkauf
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Regina Höpner Abentroth	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-regina-hopner-abentroth
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Rosalina Raasch	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-rosalina-raasch
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	
Ruth Schmidt Gundermann	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-ruth-schmidt-gundermann
Ruth Walz	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-ruth-walz
	Sacerdócio Geral	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
Selma Alzira Barth Dickel	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-selma-alzira-barth-dickel
		Motivo de não estudar	
Selma Bloedow Pommer	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-selma-bloedow-pommer
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Siegried Loeblein	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/historia-de-vida-de-siegried-loeblein
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Diaconia			
Teresinha dos Santos Baukart	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-teresinha-dos-santos-baukart
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Trudi (Gertrudes) Bublitz	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-trudi-gertrudes-bublitz
Tusnelda Tillmann	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-tusnelda-tillmann
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
Ursula Cenita Merer	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-ursula-cenita-merer
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Vera Tribess Baldus	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-fida-de-vera-tribess-baldus
	Escolarização	Nível de escolaridade	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	
Wally Gaedtker Drews	Sacerdócio Geral	Diaconia	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/historia-de-vida-de-wally-gaedtker-drews
Walmi Nienow	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-walmi-nienow
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
Wanda Krueger Reinke	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	https://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-wanda-krueger-reinke
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Wera Franke	Escolarização	Nível de escolaridade	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/irma-wera-franke
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Diaconia	
Zenaide Christmann Zarth	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-zenaide-christmann-zarth
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Escolarização	Nível de escolaridade	
		Formação vinculada à igreja	
		Motivo de não estudar	
	Sacerdócio Geral	Participação na Educação Cristã	

NOME	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	LINK DA HISTÓRIA
Zilda Eggers	Divisão Sexual do Trabalho	Liderança da OASE	https://www.luteranos.com.br/textos/historia-de-vida-de-zilda-egggers
		Liderança na comunidade/paróquia/sínodo	
	Sacerdócio Geral	Mulher que ajuda mulher	
		Participação na Educação Cristã	
		Diaconia	